

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”
usos, apropriações e representações de um espaço urbano

Candidata | Mestre Roselane Gomes Bezerra
Orientadora | Profa. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira

Fortaleza – Ceará
Abril 2008

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”
usos, apropriações e representações de um espaço urbano

Candidata | Mestre Roselane Gomes Bezerra

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora.

Fortaleza – Ceará
Abril 2008

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia” usos, apropriações e representações de um espaço urbano

Banca Examinadora

Profa. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Luísa Schmidt

Prof. Dr. José Machado Pais

Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim

Prof. Dr. Ismael de Andrade Pordeus Júnior

Fortaleza – Ceará
Abril 2008

Este trabalho associa-se a todas as pessoas que acreditam que as intervenções arquitetônicas nas cidades devem ser acompanhadas de um diálogo com os “praticantes” dos espaços urbanos, que por meio de suas práticas sociais e lembranças também imprimem sentidos aos espaços edificados.

Esta tese se tornou possível graças à contribuição de diversas pessoas e instituições. Gostaria, no entanto, de aqui particularizar os meus agradecimentos àqueles que mais diretamente estiveram envolvidos no processo de desenvolvimento desta investigação.

Primeiramente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudos e particularmente pelo apoio concedido por meio de uma bolsa no Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior/PDEE.

Sou grata à Profa. Dra. Irllys Barreira, da Universidade Federal do Ceará/UFC, pela orientação. Suas sugestões, dedicação e disponibilidade ao longo do processo de construção da tese foram muito importantes. Às professoras Dras. Linda Gondim, da Universidade Federal do Ceará/UFC e Beatriz Heredia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, pelas contribuições sugeridas no exame de qualificação. Ao Prof. Dr. Carlos Fortuna, do Centro de Estudos Sociais/CES da Universidade de Coimbra, pela aceitação como co-orientador no Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior. O contato com professores e colegas do CES ampliou-me o campo de interlocução e de obtenção de dados bibliográficos.

Agradeço também aos professores Dr. José Machado Pais, do Instituto de Ciências Sociais/ICS, da Universidade de Lisboa, e Dr. Ismael Pordeus, da Universidade Federal do Ceará/UFC, pela indicação de bibliografias, leitura dos textos iniciais e, especialmente, pela paciência e amizade que me dispensaram no período que estive em Portugal como investigadora visitante.

Agradeço especialmente a colaboração de todas as pessoas que entrevistei e com quem conversei durante os meses da pesquisa de campo no bairro Praia de Iracema. A disponibilidade e gentileza concedidas por meus interlocutores, incluindo arquitetos, urbanistas e gestores, foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos comerciantes e moradores, sou grata pela troca de informações e questionamentos sobre o bairro e a cidade de Fortaleza, e principalmente por me terem aberto as portas de suas casas, bares, boates e casas de show.

Agradeço em particular a Senhora Waldelice Ratts e aos proprietários do Pirata por me disponibilizarem também seus arquivos para pesquisa nos jornais.

Gostaria também de agradecer à minha família que, mesmo do outro lado do oceano, está sempre me apoiando.

Especialmente, quero agradecer e dedicar esta tese ao meu pai e à minha mãe, pelos ensinamentos de toda uma vida. Quanto ao meu pai quero deixar aqui registrado o seu grande incentivo para que eu fizesse parte dos meus estudos em Portugal; infelizmente, ele não pôde esperar a conclusão deste trabalho.

Quero, enfim, manifestar a minha gratidão a Zélia Simões, minha cunhada, pela disponibilidade para fazer a paginação e desenho dos mapas e ao Paulo Alcobia, meu marido, por todo o apoio intelectual, afetivo e emocional. O seu amor e companheirismo foram muito importantes para a elaboração desta tese.

A tese visa apresentar os usos, as apropriações espaciais, as classificações e as disputas simbólicas ocorrentes no bairro Praia de Iracema, situado na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará-Brasil, após as intervenções urbanísticas implementadas pelos governos Estadual e Municipal nos anos 1990. Registra as representações construídas pelos “praticantes” do bairro, pelos meios de comunicação e diversos atores sociais políticos, verificando os seus efeitos sobre as imagens de “bairro tradicional” e “bairro degradado” atribuídas a este espaço da cidade. Destaca especialmente as representações simbólicas associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus”, considerando-as como sinalizadoras de marcas temporais e espaciais. A partir da pesquisa empírica a tese demonstra como o “passado” do bairro torna-se um componente importante nos discursos sobre “preservação” e “requalificação” da Praia de Iracema.

This thesis aims to present the uses, the space appropriations, the classifications and the symbolic disputes occurred in the neighbourhood of *Praia de Iracema*, located in the city of *Fortaleza*, *Ceará* State's capital - Brazil, after the interventions in the urban planning implemented by the State and Municipal governments during the 1990s. It registers the representations built by the neighbourhood "practising's", the means of communication and several political social intervenients, verifying their effects on the images of "traditional neighbourhood" and "degraded neighbourhood" attributed to this city area. And especially detaches the symbolic representations associated to the "bohemia" and the "good-bye" allegory, considering them as signalling of temporary and space marks. Starting from the empiric research, this thesis demonstrates how the neighbourhood's "past" becomes an important component in the "preservation" and "requalification" speeches on of the *Praia de Iracema*.

La thèse vise présenter les usages sociaux, les appropriations des espaces, les classifications et les disputes symboliques arrivés dans le quartier *Praia de Iracema*, situé dans la ville de Fortaleza, qui est la capitale de l'Etat do Ceará au Brésil, après les interventions urbanistiques introduites par le gouvernement de l'Etat et par l'administration municipale pendant les années 1990. Enregistrant les représentations construites par les "habitues" du quartier, par les moyens de communication sociale et par les plusieurs acteurs sociaux et politiques, cette thèse vérifie leurs effets sur les images soit de "quartier traditionnel" soit de "quartier dégradé", rapportées à cet endroit de la ville. Elle détache spécialement les représentations symboliques associées à la "bohémie" et à l'allégorie de "l'adieu", en les considérant comme des marques du temps et de l'espace. A partir de la recherche empirique, la thèse démontre comment le passé du quartier devient un composant important dans les discours sur la "préservation" et la "requalification" de *Praia de Iracema*.

Introdução	12
Capítulo 1 / Usos e representações: do bairro à cidade.....	23
A visibilidade social de espaços urbanos	23
“Uma Praia de Iracema moderna”	45
Capítulo 2 / Intermittências do bairro	53
A Praia de Iracema “para turista ver”	53
A orla da Praia de Iracema com “um novo visual”: o Calçadão.....	55
Ponte dos Ingleses: a velha ponte urbanizada.....	62
Estoril: patrimônio cultural da cidade.....	68
Espaços cênicos: rua dos Tabajaras e entorno.....	74
Pirata – “A segunda-feira mais louca do mundo”	80
1995 – A “PI” é uma “festa”	86
Lazer e consumo cultural: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.....	95
A Praia de Iracema dividida.....	99
Capítulo 3 / Dissensões nos usos, apropriações e representações da Praia de Iracema.....	103
“Lugares” da Praia de Iracema.....	103
1) Ponte dos Ingleses.....	104
2) Casa de show Pirata	122
3) Rua dos Tabajaras e adjacências	133
4) Reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema.....	143

Capítulo 4 / Classificações e imagens da Praia de Iracema	158
Categorias nativas de atribuição	158
Das <i>expressões conceituais</i> às “atribuições” da “degradação” da Praia de Iracema	159
1) Especulação imobiliária	161
2) A instalação do Pirata	173
3) A inserção dos freqüentadores nos espaços de lazer.....	177
4) A ocupação do calçadão por <i>hippies</i> e meninos em situação de rua.....	182
5) A presença de turistas estrangeiros	188
6) Liberação de alvarás sem restrições e investimentos de estrangeiros	200
Considerações finais	210
Bibliografia.....	215
Índice de Imagens	229

Um dos temas de grande relevância nos estudos urbanos são as políticas de intervenção em áreas históricas por meio de projetos de “requalificação”¹ urbana. Essas pesquisas vêm evidenciando que as intervenções em áreas históricas, consideradas zonas “degradadas” da cidade, acarretam uma transformação dos seus usos e apropriações espaciais, implementando nestes espaços públicos e/ou privados diferentes representações.

Trata-se de um processo que foi vivenciado em diferentes cidades, de acordo com suas particularidades históricas e arquitetônicas. Alguns estudos revelam que os temas predominantes na análise dessas intervenções no Brasil foram a política de patrimônio e a transformação de espaços da cidade em “patrimônio e mercadoria cultural”², como foi o caso do Pelourinho, na cidade de Salvador, considerado precursor das políticas de “requalificação” no Brasil, e o Bairro do Recife, situado na capital pernambucana.

Fortaleza³ se inseriu nesse contexto por meio de intervenções urbanas realizadas no bairro Praia de Iracema. As intervenções urbanísticas nesse bairro podem ser entendidas a partir da segunda metade dos anos 80, com a ascensão do grupo político liderado pelo então governador do Estado, Tasso Jereissati. Sua meta era implementar um novo tipo de administração, caracterizada pela busca da “modernização” do Estado do Ceará. Havia um interesse político em estabelecer a cidade de Fortaleza como um pólo turístico, por meio de uma política de atração de investimentos mediante incentivos fiscais e uma estratégia de *Place Marketing* que “reforça a atratividade da

¹ / A utilização do termo “requalificação”, ao longo da tese, se dá em virtude de ter existido no espaço pesquisado a construção de novos equipamentos, além da “reabilitação” de construções antigas. Alguns autores brasileiros utilizam os termos *gentrification*, gentrificação, enobrecimento ou revitalização que, assim como “requalificação”, se referem às intervenções urbanas que transformam espaços da cidade em áreas de investimento público e/ou privado.

² / Para maiores informações sobre políticas de patrimônio no Brasil, ver Leite (2004).

³ / Capital do Estado do Ceará, localizado no Nordeste do Brasil.

cidade e do Estado para investimentos turísticos e industriais” (Gondim, 2001: 08).

O bairro Praia de Iracema foi eleito como “lugar ideal” para implementação destas intervenções devido à sua localização geográfica e à sua história, especialmente quanto às representações simbólicas associadas à “boemia”. Esta representação está ancorada em usos e apropriações que classificam a Praia de Iracema como um lugar tradicional da cidade, neste sentido detentor de um patrimônio simbólico digno de atenção e “requalificação”.

É importante ressaltar que as intervenções alicerçadas neste apelo boêmio geraram disputas simbólicas quanto aos usos e apropriações espaciais do bairro. Ou seja, a “requalificação”, ao transformar a arquitetura vernácula em paisagem, investida de poder cultural (Zukin, 2000: 87), acarretou dissensões nos espaços construídos e reformados. De um lado, havia os freqüentadores habituais e moradores, que através de suas práticas sociais e lembranças – baseadas na imagem de um bairro bucólico e boêmio – construíram um sentimento de pertença ao bairro; de outro, a política de “requalificação”, que transformou a tradição na *city marketing*. Neste sentido, algumas narrativas, justificando as intervenções urbanísticas, defendiam que a “boemia” se modernizou, tornando-se globalizada, enquanto outras denunciavam uma falta de planejamento e invasão por um público indesejado em alguns espaços do bairro.

Os críticos desses projetos de intervenção urbana defendem que esse fenômeno contribui para criar uma contradição entre o valor de uso que o lugar representa para os seus habitantes e o valor de troca para os interessados em extrair de lugares “requalificados” benefícios econômicos (Arantes, 2001). Para David Harvey (1996), a tendência destas interferências, na arquitetura, é criar

resultados lucrativos, tornando a cidade ponto de atração para o capital e fazendo com que sua imagem passe a ser tão importante quanto a realidade.⁴

Seguindo esse modelo de intervenção urbana, as apropriações espaciais de cunho privado na Praia de Iracema foram voltadas para o lucro rápido sob a forma de atividades de lazer, como bares, restaurantes e boates. Assim, a transformação de espaços do bairro em “mercadoria” contribuiu para a emergência de usos por parte de grupos com “identidades partilhadas” (Augé, 1994), que desenvolveram “lutas simbólicas” (Bourdieu, 1989) em defesa de um “lugar” neste espaço.

Esse fenômeno é recorrente em outros espaços urbanos que viveram processos de “requalificação”. Rogério Leite (2004), no seu estudo no Bairro do Recife, informa que para que haja sentidos compartilhados nos espaços “requalificados” é necessário que ocorra um “entendimento” mínimo sobre o que representa um lugar e sobre os códigos culturais que o qualificam. Para esse autor, a “requalificação” não pressupõe a existência do exercício político de formular pactos ou acordos, mas apenas a faculdade de compreender a si mesmo e ao outro como partes de algo em comum. Leite acrescenta também que os usos nas áreas que passam por processos de “requalificação” são capazes não apenas de subverter os sentidos esperados pelas políticas de intervenção, mas também dar origem a diferentes “lugares” por meio de “contra-usos” e politização das diferenças, não levando a um esvaziamento do sentido público dos espaços e contribuindo para uma diversificação dos atuais sentidos dos lugares.

No caso da Praia de Iracema, a inserção de diferentes grupos com “identidade partilhada” gerou a emergência de dissensões nos diversos

⁴ / David Harvey observa que a arquitetura pós-moderna decorrente de intervenções no espaço urbano tende a criar resultados lucrativos expressos na forma de “exumação de estilos passados, para a reconstrução, imitação e referências históricas, e para a réplica direta de estilos vernaculares locais” (1996: 182).

“lugares” que recortaram simbolicamente esse bairro. Tomando uma expressão utilizada por Sennett (2001), existiu nesse espaço da cidade o “medo do contato”. Arantes (2000), no seu estudo sobre as transformações do espaço público no centro da cidade de São Paulo, definiu as disputas pelos espaços como “guerra dos lugares”, na qual elementos de violência, insegurança e risco fazem parte das práticas sociais. Na Praia de Iracema foi estabelecida uma “disputa simbólica” relativa aos usos, apropriações e representações.

Neste contexto, sendo a Praia de Iracema um bairro representativo de vários fenômenos sociais, meu objetivo é apresentar os usos, as apropriações espaciais, as classificações e as disputas simbólicas neste bairro após as intervenções urbanísticas implementadas pelos governos Estadual e Municipal na década de 1990. Interessa, portanto, registrar as representações vindas dos “praticantes”⁵ do bairro, dos meios de comunicação e de atores sociais políticos, verificando seus efeitos sobre as diferentes imagens atribuídas ao bairro. Destaco em especial as representações simbólicas associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus”⁶, considerando-as como sinalizadoras de marcas temporais e espaciais que serão exploradas ao longo da tese.

Para o desenvolvimento desta pesquisa parti de algumas reflexões como: que estratégias de investigação utilizarei? A que Praia de Iracema estou me referindo? Onde começa e termina este bairro? Como a Praia de Iracema, que defino como objeto de estudo, se relaciona com a cidade de Fortaleza? E que usos e apropriações são realizadas neste espaço da cidade? Penso também que, além de um estudo de caso, essas reflexões permitem a

⁵ / Michel de Certeau (1994) define como “praticantes” os utilizadores do espaço, que na condição de consumidores imprimem marcas pessoais e sentidos para além das determinações arquitetônicas.

⁶ / Explico no primeiro capítulo por que identifico as representações simbólicas associadas à “boemia” e a alegoria do “adeus” – proposto na canção de Luiz Assumpção, “Adeus Praia de Iracema” – como ícones de visibilidade social do bairro Praia de Iracema.

abordagem de temas como intervenções urbanísticas, “requalificação”, patrimônio, usos, apropriações, disputas simbólicas e representações na urbe.

Apreciações etnográficas

Para perceber como são concebidos os usos neste espaço da cidade, realizei uma pesquisa etnográfica onde pude “ver” e “ouvir” diferentes usuários do bairro. Como acentua Magnani (2002), “olhar” e “ouvir” tratam da natureza, da especificidade, do conhecimento proporcionado pelo modo de operar da etnografia, que permite captar determinados aspectos da dinâmica urbana despercebidos se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números. Peirano (1992) refere-se a “resíduos” – certos fatos que resistem às explicações habituais e só vêm à luz em virtude do confronto entre a teoria do pesquisador e as idéias nativas; Geertz (1998: 88) se refere à prática etnográfica utilizando a expressão “experiência-próxima” para as “miudezas do emaranhado vernacular” *versus* “experiência-distante” ou abstrações “criadas por teóricos para captar elementos gerais da vida social”.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1998), a primeira experiência do pesquisador no campo talvez esteja na “domesticação teórica de seu olhar”. Para este autor, a teoria é uma espécie de “prisma” por meio do qual o meio observado sofre um processo de “refração”. Complementando o “olhar”, Cardoso de Oliveira fala do “ouvir” como uma forma de “eliminar os ruídos” que pareçam insignificantes e não façam sentido no *corpus* teórico utilizado pelo pesquisador. Assim, no exercício etnográfico faz-se necessário saber olhar e também ouvir. O autor refere-se ainda ao processo de redação do texto ou o ato de “escrever” como uma etapa tão importante quanto o “olhar” e “ouvir” para a pesquisa etnográfica. Desta forma, este autor arroga que “seria um equívoco imaginar que primeiro chegamos a conclusões relativas a esses

mesmos dados para, em seguida, podermos inscrever essas conclusões no texto”, ou seja, não podemos dissociar o pensar do escrever (1998: 32).

Além da etnografia como metodologia, elegi algumas técnicas de pesquisa para “ver” e “ouvir” neste bairro como: observações, anotações, fotografias, entrevistas, questionários e fontes como a análise de imprensa e de imagens iconográficas. A pesquisa de campo na Praia de Iracema ocorreu entre os meses de janeiro e agosto de 2005. As narrativas dos usuários foram apreendidas por meio de entrevistas gravadas, questionários e conversas informais; os sujeitos envolvidos na pesquisa eram: moradores, especialmente os freqüentadores habituais das reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema; ex-moradores; proprietários de casas de show, bares, restaurantes e boates; vendedores ambulantes; freqüentadores da Ponte dos Ingleses e da casa de show Pirata; taxistas; *hippies* e meninas freqüentadoras das boates. A observação dos discursos dos gestores em audiências públicas, reuniões e eventos, assim como entrevistas com arquitetos e urbanistas, também foram imprescindíveis para contemplar os objetivos desta pesquisa⁷.

A influência da mídia impressa na construção das representações deste bairro foi investigada por meio de uma análise de imprensa nos dois jornais de maior circulação em Fortaleza, *O Povo* e *Diário do Nordeste*, entre os anos 1995 e 2005. Para delimitação de um *corpus* em função dos objetivos da análise de conteúdo, procurei identificar nos materiais avaliados o sentido que os jornalistas quiseram comunicar, realizando uma análise hermenêutica, que tomou como base os estudos de Pierre Guibentif (2002) sobre *Comunicação social e representações do crime*. Segundo este autor, para além do problema da redução/delimitação do material analisado, o investigador deve lidar com o problema da interpretação, pois, na análise de conteúdo desse discurso, o cientista social não tem nenhum privilégio hermenêutico que dê uma legitimidade particular à sua interpretação, a menos que utilize categorias de análise. Por este motivo, defini a representação simbólica da “boemia” e a

7 / A experiência com a utilização do método etnográfico por meio do desenvolvimento da dissertação de mestrado junto aos índios Jenipapo-Kanindé, localizados na Lagoa da Encantada no município de Aquiraz-CE, foi de fundamental importância para a definição desta metodologia de pesquisa no bairro Praia de Iracema na cidade de Fortaleza-CE.

alegoria do “adeus” para qualificar elementos de conteúdo dos discursos, empregadas como diferentes formas de dar visibilidade ao bairro quanto aos seus usos e apropriações.

Para demonstrar como a mídia impressa constrói representações sobre este bairro, tomo um caderno especial dedicado aos 70 anos da Praia de Iracema, publicado pelo jornal *O Povo*. Simbolicamente, o jornal comemorava um tipo de uso e apropriação desse espaço baseado na memória de antigos freqüentadores identificados como boêmios. A matéria define este bairro como um dos recantos da orla marítima de Fortaleza mais procurados pelos turistas e fortalezenses. Ressalto ainda que, neste caderno, o bairro era homenageado pelo aniversário da oficialização da designação Praia de Iracema, sendo Iracema a personagem mítica do romance de José de Alencar⁸, pois, há exatos 70 anos, aquele espaço perdera a designação Praia do Peixe, noticiada na época como “imprópria e vulgar” para os tipos de práticas sociais que se iniciavam naquele espaço. Destaco a seguir um relato que exprime o bairro como uma personagem, com qualidades ou mesmo com uma personalidade, relacionando-o a beleza, poesia, música e, principalmente, a uma essência, que só o tempo pode mudar.

Palavras, contos, lendas, poemas, músicas, todas as interpretações destinam-se a demonstrar a beleza e a poesia que envolvem a personagem: Praia de Iracema, mística, musa, deusa, mulher. Por isso, enigmática. Ela se desnuda. Recebe gregos e troianos, fazendo-se dona da cearensidade. Contudo, continua absorta em seu pedestal. Única. Dona da imagética plena das letras e de todas as

⁸ / José de Alencar nasceu em 1829, na cidade de Mecejana - CE. Foi crítico, romancista e dramaturgo, tornando-se um escritor de destaque na literatura brasileira por focar nas suas obras o nacionalismo. Produziu romances urbanos, como *Lucíola* (1862) e *Senhora* (1875), regionalistas como *O Gaúcho* (1870) e *O Sertanejo* (1875), históricos como *A Guerra dos Mascates* (1973) e indigenistas como *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874).

artes. Forte e bela permanece ou não a mesma? (O Povo, 3 de Junho de 1995).

Nesta narrativa, as referências ao bairro se misturam com alusões à personagem Iracema de José de Alencar. Nota-se que a Praia de Iracema é descrita com características dos padrões estéticos românticos, semelhantes ao da Índia idealizada pelo romancista em 1865. Atributos de extrema beleza e perfeição, próprios desse estilo literário, são imputados a este espaço da cidade, pois assim como Iracema, “a virgem dos lábios de mel”, que acolheu e encantou o português Martins Soares Moreno, o bairro “se desnuda” para receber e encantar “gregos e troianos”.

Noto que, ao adotar esta comparação, o discurso da comunicação social está atribuindo uma grande importância simbólica ao bairro Praia de Iracema, tendo em vista o fato de que a Índia do romance de José de Alencar é recorrentemente associada ao “mito de origem” ou “mito fundador” do Estado do Ceará, tornando-se também uma referência de “identidade” que pode ser percebida por meio da existência de diferentes ícones da cidade que referenciam este escritor e sua personagem, como o Teatro José de Alencar, a Casa José de Alencar, que hoje é um espaço museológico, o Palácio Iracema, onde funciona o Centro Administrativo do governo do Estado do Ceará, o SESC/SENAI Iracema, inaugurado em 2004, além das esculturas: *Iracema*, da autoria de José Carbiano Lins, situada no calçadão da Volta da Jurema, na avenida Beira-Mar, inaugurada em 1965; *Iracema guardian*, de Zenon Barreto, localizada no calçadão da Praia de Iracema, de 1996; *Iracema*, de Alexandre Rodrigues, localizada às margens da lagoa de Messejana, de 2004, e *Iracema*, de Zanazanan, localizada nos jardins do Centro Administrativo do Governo do Estado do Ceará, de 2005. Existe também uma grande quantidade e diversidade de produtos que levam o nome da Índia Iracema, como sabonetes, cigarros, manteiga, entre outros.

Nesse relato jornalístico, a Praia de Iracema é apresentada também como “dona da cearensidade” e “única”. Entendo que estes atributos contribuem para a representação “romântica” relativa à “boemia” neste bairro. Porém, a questão apresentada no final desta descrição proporciona aos leitores uma reflexão quanto aos tipos de usos e apropriações relacionados com esta representação: “Forte e bela permanece ou não a mesma?”

A análise de imprensa demonstra como a mídia pode classificar os usos e apropriações relativos à imagem da “tradição” e à “degradação” do bairro, influenciando as diferentes representações sociais. Desta forma, veremos ao longo da tese a influência destes canais de comunicação nas representações relativas aos usos e apropriações que foram se constituindo neste bairro desde o início das intervenções urbanas por parte do poder público na década de 1990.

O estudo das narrativas sobre a Praia de Iracema seguiu o modelo de análise de conteúdo adotado por José Machado Pais (2005) em um dos capítulos do seu livro *Ganchos, tachos e biscates – jovens, trabalho e futuro*. No capítulo intitulado “Distribuindo pizzas: vida estafada, a de estafeta”, este autor analisa os discursos de um jovem entregador de pizzas a partir do modelo desenvolvido por Captolina Díaz Martínez (1996) no seu livro *El Presente de su Futuro. Modelos de Autopercepción y de Vida entre Adolescentes Españoles*. Por meio desta análise de conteúdo das narrativas, análise sócio-semântica e análise interpretativa, foi possível identificar “expressões conceituais” que levaram à percepção de “categorias nativas de atribuição” associadas à imagem da “degradação” do bairro Praia de Iracema.

Início o primeiro capítulo desta tese partindo das afirmações de que existem diversas maneiras de entender os significados arquitetônicos e sociais nos espaços urbanos, e anuncio que o excesso de visibilidade de um bairro

contribuiu para a construção de diferentes narrativas⁹. Em seguida, demonstro como a visibilidade social do bairro Praia de Iracema, decorrente das representações simbólicas associadas à alegoria do “adeus” e da “boemia”, contribuiu para as intervenções urbanísticas nos anos 90, situando-o nas políticas de “requalificação” dos centros históricos decorrentes também em outras capitais brasileiras. Este capítulo termina com uma explanação da emergência das disputas simbólicas relativas aos usos e representações geradas a partir destas transformações espaciais.

Com o objetivo de informar o leitor sobre as fases vividas na história recente do bairro Praia de Iracema, o segundo capítulo se inicia com as intermitências relativas às intervenções urbanísticas. Discuto como os diferentes usuários do bairro, enquanto “praticantes” deste espaço da cidade, construíram significados para as áreas “requalificadas” por meio de diferentes usos, apropriações espaciais, classificações e conflitos, desencadeando as diversas representações por parte dos gestores, meios de comunicação social, comerciantes e moradores.

No terceiro capítulo examino alguns usos, apropriações espaciais, classificações e conflitos vigentes na Praia de Iracema, captados a partir de observações e dos discursos dos “praticantes” e dos meios de comunicação durante a pesquisa de campo realizada entre os meses de janeiro a agosto de 2005. Os espaços eleitos para esta análise foram: 1) Ponte dos Ingleses; 2) A casa de show Pirata; 3) Bares, restaurantes e boates da rua dos Tabajaras e entorno; e 4) As reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema. Termino este capítulo apresentando as classificações relacionadas às imagens deste bairro como “tradicional” ou “degradado”.

⁹ / Assim como Barreira (2007), considero como narrativas os discursos, imagens e representações que desempenham o papel de apresentar um bairro ou uma cidade.

Partindo das evidências de que as diferentes imagens e classificações da Praia de Iracema denunciam as disputas simbólicas em relação aos usos, apropriações espaciais e representações deste bairro, indico no quarto e último capítulo alguns acontecimentos que contribuíram para elaboração de “categorias nativas de atribuição” associadas à imagem da “degradação” do bairro. Neste sentido, realizei uma análise de conteúdo dos discursos de alguns moradores e comerciantes, obtidos por meio das entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, assim como da análise de trabalhos académicos, documentos e matérias jornalísticas a respeito da Praia de Iracema, entre os anos 1995 e 2005, nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Na conclusão deste capítulo apresento uma lista das palavras de “caráter extralingüístico” e as *expressões conceituais* referentes à definição das “categorias nativas de atribuição”, relacionando-as com as imagens da “degradação” e “tradição” do bairro. Aponto também como os discursos definidores destas “categorias” utilizam as representações simbólicas associadas à alegoria do “adeus” para indicar usos e apropriações “não-legítimos” ou “ilícitos” e a evocação da “boemia” para reconhecer os usos “legítimos” para um bairro “tradicional” e que deve ser preservado.

Para finalizar, destaco ainda que as representações simbólicas presentes nos diferentes discursos estão também enriquecidas por meio de imagens iconográficas. Estas oferecem subsídios importantes no reforço a classificações e modos de perceber o bairro. Uma reflexão sobre as formas de produção e sentidos indutores da imagem permite analisar as diferentes fontes e registros tais como cartões postais, fotografias jornalísticas, de publicidade e fotos realizadas pela autora durante a pesquisa, tendo em vista documentar espaços e situações peculiares importantes na descrição do local. Serão considerados, portanto, a especificidade das fontes, como autoria e meio de difusão, e o uso das imagens como forma de reforçar representações e usos do espaço analisado.

A visibilidade social de espaços urbanos

Sempre creditei muita importância à visão como forma primordial para conhecer uma cidade. Utilizando-me desse sentido, eu percorria as ruas, observava as pessoas, as edificações, os monumentos, em suma, diferenciava os espaços. Esse referencial de entendimento sobre a cidade começou a se modificar quando percebi que os diferentes “modos de ver”¹⁰ na urbe são informados por aquilo que sabemos ou julgamos. Nesta perspectiva, os sentidos de um bairro considerado “degradado” ou “requalificado” dizem respeito ao fato de ele poder ser classificado de diferentes maneiras. Como afirma o cineasta Wim Wenders¹¹, “vemos um pouco através dos olhos, mas não inteiramente”.

Magnani (2000) fala dos dilemas e possibilidades que caracterizam as diferentes formas de ver o meio urbano citando as canções “São Paulo, São Paulo”¹² e “Sampa”¹³, e chama a atenção para as múltiplas interpretações de espaços urbanos a partir de um mesmo referente:

¹⁰ / John Berger (1972), no seu livro *Modos de Ver*, informa que aquilo que sabemos ou aquilo que julgamos afeta o modo como vemos as coisas.

¹¹ / Citação do filme/documentário “Janela da Alma: um filme sobre o olhar”.

¹² / É sempre lindo andar, na cidade de São Paulo/ O clima engana, a vida é grana, em São Paulo/ A japonesa loura, a nordestina moura de São Paulo/ Gatinhas punk, um jeito ianque, em São Paulo/ Na grande cidade me realizar/ Morando num BNH/ Na periferia, a fábrica o dia (“São Paulo, São Paulo”, música do grupo Premeditando o Breque).

¹³ / Alguma coisa acontece no meu coração/ Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João/ É que quando cheguei por aqui/ Eu nada entendi/ Da dura poesia concreta de tuas esquinas/ Da deselegância discreta de tuas meninas/ Ainda não havia para mim Rita Lee/ A tua mais completa tradução/ Alguma coisa acontece no meu coração/ Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João/ Quando eu te encarei frente a frente/ E não vi o meu rosto/ Chamei de mau gosto o que vi/ De mau gosto, mau gosto! É que Narciso acha feio o que não é espelho/ E a mente apavora o que ainda não é mesmo velho/ Nada do que não era antes, quando não somos mutantes/ E foste um difícil começo/ Afasto o que não conheço/ E quem vem de outro sonho feliz de cidade/ Aprende depressa a chamar-te de realidade/ Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso/ Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas/ Da força da grana que ergue e destrói coisas belas/ Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas/ Eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços/ Tuas oficinas de floresta, teus deuses da chuva/ Panaméricas de Áfricas utópicas, túmulo do samba/ Mas possível novo Quilombo de Zumbi/ E os Novos Baianos passeiam na tua garoa/ E novos baianos te podem curtir numa boa (“Sampa”, música de Caetano Veloso).

O “avesso do avesso”, recurso através do qual o estrangeiro por fim consegue ver algum sentido e beleza em comportamentos que inicialmente o chocaram (“chamei de mau gosto o que vi”), contrasta com a visão dos “nativos”, que simplesmente acham lindo caminhar pelo seu pedaço. O referente é o mesmo para ambos; o primeiro, porém, o interpreta pelo ângulo do estranhamento (“quando eu cheguei por aqui eu nada entendi”), enquanto, para os últimos, é absolutamente familiar: “a deselegância discreta de tuas meninas” não é senão “o jeito ianque”, o visual punk da “japonesa loura” ou da “nordestina moura” (16: 2000).

As leituras que se podem fazer da cidade não correspondem somente às imagens produzidas a partir de cenas do cotidiano captadas pelo sentido da visão. As “imagens-síntese”¹⁴ da cidade, ou seja, aquelas às quais se atribui o poder de falar por ela, reduzem as possibilidades de entendimento das sociabilidades urbanas. No exemplo citado, São Paulo pode ser descrita “pela dura poesia concreta de tuas esquinas e deselegância discreta de tuas meninas”, mas para outros “é sempre lindo andar, na cidade de São Paulo”, ou seja, são formas diferentes de “ver” a mesma cidade. Isto demonstra que as diferentes imagens, discursos e representações sobre as cidades decorrem de múltiplos sentidos, conhecimentos e sentimentos e não podem, portanto, ser captadas de maneira uniforme como sugerem as “imagens-síntese”.

Nesta perspectiva, realizar um estudo na cidade é aproximar-se de grupos sociais e suas práticas inscritos na trama urbana e perceber como é que gestores, arquitetos, urbanistas e a população articulam(-se) (n)os espaços da cidade. Esta relação dos grupos na e com a urbe demonstra que o estudo

¹⁴ / Fernanda Sánchez (2003) define “imagens-síntese” como instrumentos para construção da identidade unificada da cidade.

urbano não consiste em olhar a cidade como um mero cenário, como uma “variável independente”¹⁵ de fenômenos sociais, ou seja, a investigação sociológica percebe a importância das representações e sua relação com as práticas sociais. A cidade é o resultado das práticas dos grupos sociais; são estes que dão sentido aos espaços, muitas vezes subvertendo os usos planejados e delimitando fronteiras físicas e sociais. São, igualmente, esses mesmos grupos que, por meio de seus discursos, práticas e imagens, constroem no cotidiano as representações das cidades. Vale ressaltar também que as representações¹⁶ do meio urbano influenciam as apropriações e usos nos espaços.

Partindo da idéia de que as representações sociais são importantes para entendermos as lógicas dos usos e apropriações em uma cidade, percebo que é possível olhar para uma cidade e não entender significados arquitetônicos e sociais mais amplos. Neste momento, estou olhando para uma cidade como uma vitrine; encontro-me defronte ao rio Tejo e vejo a cidade de Lisboa¹⁷ como uma paisagem. Mas da janela do meu apartamento não tenho diante de mim a complexidade da vida social urbana. Sou capaz de avistar prédios imponentes como o Panteão Nacional, o Castelo de São Jorge, a estátua equestre do Rei D. José I no Terreiro do Paço, os edifícios modernos das Amoreiras, monumentos como o Padrão dos Descobrimentos e a Torre de Belém. Vejo

¹⁵ / Estou me referindo aos modelos de autores como Louis Wirth e Robert Redfield e suas perspectivas culturalistas, que procuravam explicar a dinâmica de uma sociedade em função das representações culturais, sendo a cultura encarada não como um fenômeno diretamente relacionado às práticas sociais.

¹⁶ / O conceito de “representações” foi definido por Durkheim (1895) como produções mentais sociais. Para este autor, a sociedade exerce uma ação coercitiva sobre as consciências individuais, daí o carácter “coletivo” das representações: “(...) as representações coletivas são exteriores em relação às consciências individuais, porque não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação, o que é bastante diferente”(1970: 39).

¹⁷ / Residi em Portugal por ocasião do PDEE (Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior) financiado pela CAPES.

também os cacilheiros¹⁸ que atravessam o rio Tejo partindo do Cais do Sodré e os carros sempre a atravessar a Ponte 25 de Abril. Esta proximidade me permite perceber um diálogo entre diferentes períodos históricos inscritos na arquitetura de Lisboa; vejo-a como um conjunto harmonioso a partir de construções bastante diferenciadas. Mas sou incapaz de interpretar os significados simbólicos de todas essas edificações, ou perceber como os seus espaços são apropriados e re-significados no quotidiano. Estes são aspectos da cidade de Lisboa que o meu olhar não pode captar da janela do meu apartamento.¹⁹ Para tanto, estou muito distante dessa cidade situada em frente à minha casa.

Então, sendo as representações sociais essenciais na percepção de diferentes aspectos da vida social urbana, compreendo que uma caminhada na rua dos Tremembés no bairro Praia de Iracema, na cidade de Fortaleza, em meio a bares e boates apontados como “degradados” ou no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, construído em 1998, também não é suficiente para dar conta da complexidade dos usos e representações que caracterizam estes diferentes espaços sociais urbanos. Como afirma Barreira (2007), os espaços considerados “deteriorados” ou “requalificados” expressam a redefinição das políticas do património em confronto ou consonância com as práticas de múltiplos atores sociais como moradores, comerciantes, gestores e freqüentadores.

Diante desse fenômeno, me pergunto: como a sociologia urbana pode apreender a relação entre usos e representações sociais nas cidades? Para

¹⁸ / São os barcos que fazem a travessia do rio Tejo, transportando as pessoas de Lisboa para Cacilhas, na cidade de Almada.

¹⁹ / Fazendo referência a estudos antropológicos clássicos como o relato de Evans-Pritchard, “da porta da minha barraca podia ver o que acontecia no acampamento ou aldeia” (1978: 20), Magnani (2000) classifica como “a tentação da aldeia”, a tendência de circunscrever o entorno de um campo de pesquisa com personagens identificados e conhecidos, no interior de fronteiras bem definidas.

responder a essa questão penso nos estudos de Magnani (2002), que apresenta a idéia de que é possível fazer um estudo “de perto e de dentro” no meio urbano, sem perder a noção de totalidade. Para este autor, o pesquisador pode captar “padrões de comportamento” entre os indivíduos que vivem na urbe, pois seus comportamentos não são erráticos, mas apresentam padrões. Ele enfatiza, ainda, que a apreensão da totalidade nos estudos urbanos vai além de um bom recorte etnográfico, ou seja, uma totalidade deve ser experimentada e reconhecida pelos atores sociais e identificada pelo pesquisador por meio de suas escolhas teóricas.

Assim, não é fragmentando a cidade que poderei distinguir “padrões de comportamento” e “regularidades”, a fim de constatar algum tipo de totalidade nos estudos urbanos e entender os usos e representações. Devo antes estabelecer instrumentos de investigação e categorias de análise, pois esse exercício permite ao investigador uma aproximação dos “praticantes da cidade” sem a perda de referência do todo, ou seja, da urbe.

Atenta aos usos e representações nas cidades, percebi ainda que o espaço urbano abriga diversos conflitos sócio-espaciais, e que o “excesso de visibilidade” de alguns espaços contribui para a construção de representações diversas. Como informa Jovchelovitch (1995), a esfera pública da urbe, enquanto lugar da alteridade, fornece às representações sociais o terreno sobre o qual elas podem ser cultivadas e se estabelecer. “As representações sociais emergem como processo que ao mesmo tempo desafia e reproduz, repete e supera, que é formado, mas que também forma a vida social de uma comunidade” (Jovchelovitch, 1995: 82).

Foi diante dessa possibilidade de estabelecer um recorte etnográfico na urbe, no qual seria plausível analisar a relação entre intervenções urbanas, usos e representações sem me distanciar da lógica sócio-espacial da cidade, que elegi o bairro Praia de Iracema, da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, como objeto de investigação (figura 1). O espaço delimitado para a

pesquisa neste bairro foi o quadrilátero entre a rua Cariris, a Oeste e a rua dos Arariús, a Leste, e o correspondente deste trecho no calçadão à beira-mar, em paralelo com as ruas Tabajaras, Potiguaras e avenida Almirante Barroso (figura 4). Esta demarcação se deu em virtude de terem acontecido neste espaço as intervenções urbanísticas implementadas nos anos 1990. Neste quadrilátero encontram-se o calçadão e o largo Luiz Assumpção urbanizados, a Ponte dos Ingleses, que foi reformada, o Estoril reconstruído e o casario da rua dos Tabajaras, que foi inserido no projeto Cores da Cidade²⁰. Foi neste local que emergiu a imagem do bairro como bucólico, em decorrência dos usos e apropriações das classes abastadas na década de 1920, e também boêmio, devido ao Estoril e outros bares instalados nesta área. Este espaço é ainda o lugar onde se dão atualmente os usos e apropriações associados à “degradação” do bairro. É importante ressaltar que o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, construído com o objetivo de “requalificar” um espaço ocupado por antigos armazéns desativados, próximo a esta área, foi edificado dentro das fronteiras oficiais do bairro Centro.

O bairro Praia de Iracema está situado entre as ruas João Cordeiro, Monsenhor Tabosa, Almirante Jaceguai, Almirante Tamandaré e avenida Beira-Mar. Localizado junto ao mar, este bairro, um dos menores da cidade de Fortaleza, pertence à Secretaria Executiva Regional II/SER II²¹ e, segundo o último Censo Demográfico de 2000, apresenta uma população de 3.150 habitantes (figuras 2 e 3).

²⁰ / Este projeto foi uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho e Tintas Ipiranga como parte do “Plano de Requalificação” de centros históricos de diversas cidades brasileiras.

²¹ / Fortaleza possui 114 bairros e conta com uma população de cerca de 2,5 milhões de habitantes. A cidade é dividida em seis Secretarias Executivas Regionais, as quais têm como objetivo a execução das políticas públicas definidas pelo poder executivo municipal e a prestação de serviços.

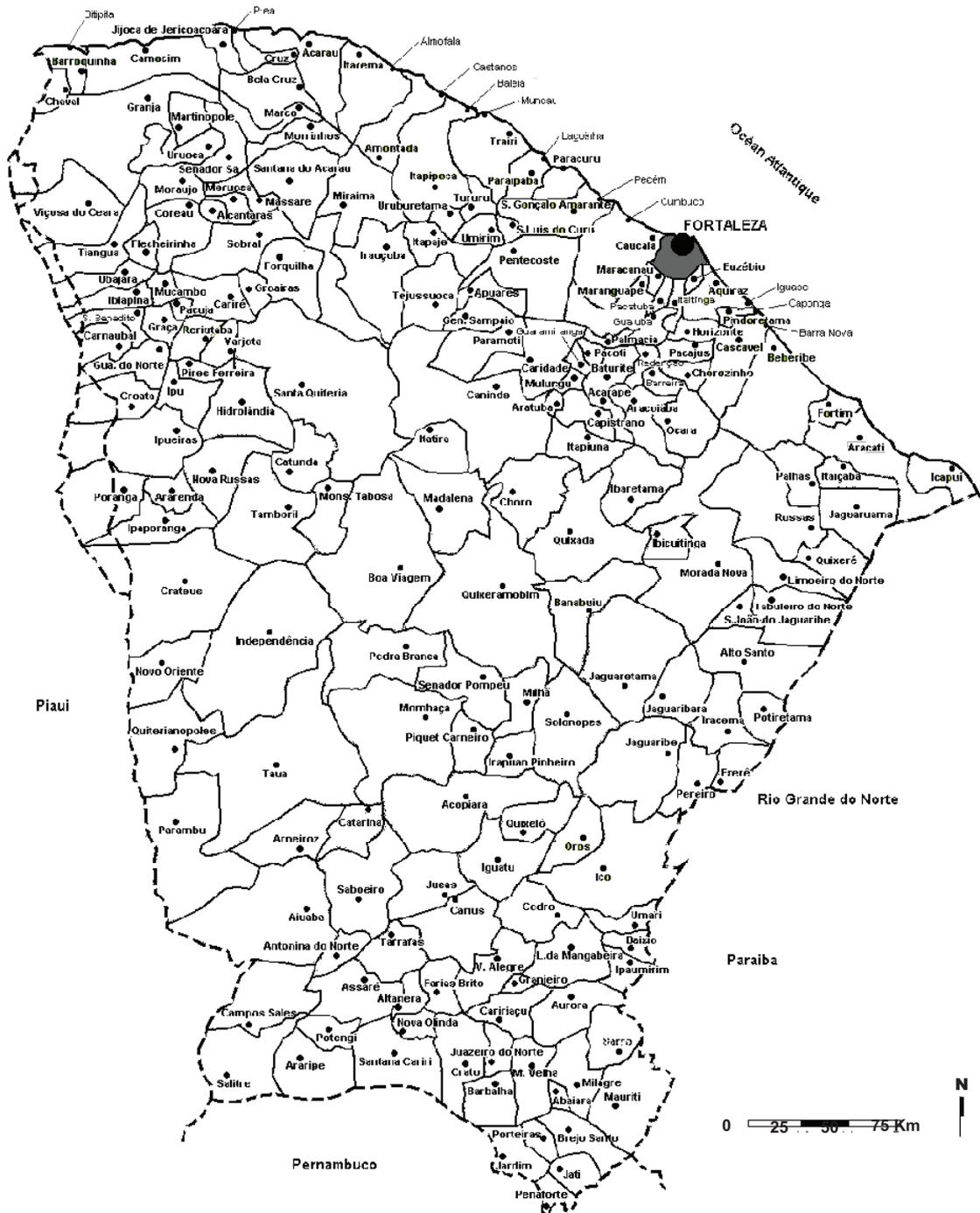
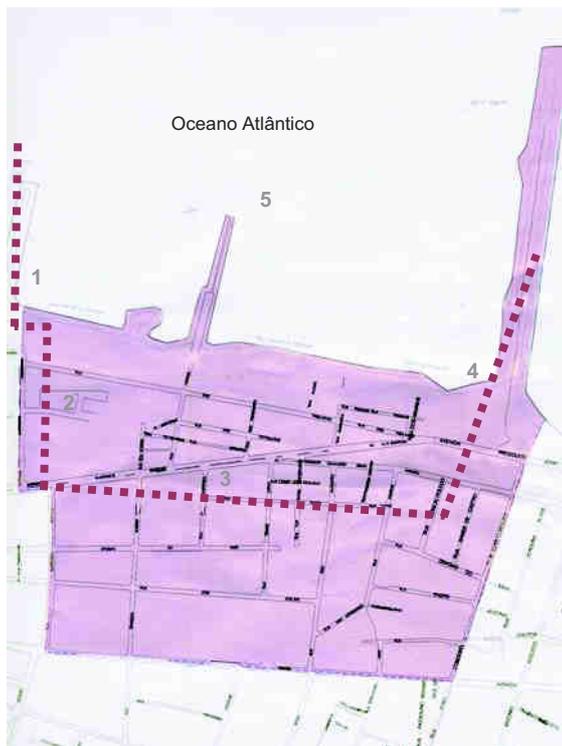
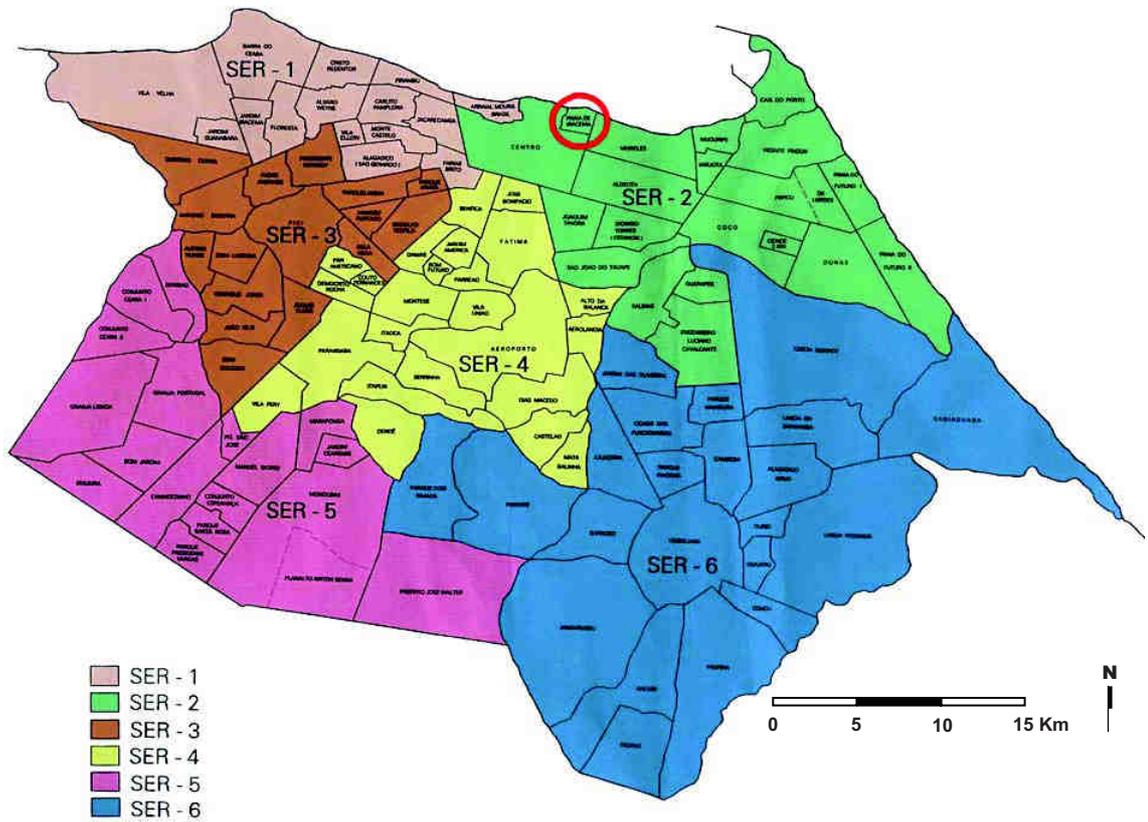


Figura 1 – Mapa do Estado do Ceará.

Fonte – <http://www.geografia.ufc.br/pagina09dg.htm>



Legenda

- 1 – Avenida Almirante Tamandaré
- 2 – Rua Almirante Jaceguai
- 3 – Avenida Monsenhor Tabosa
- 4 – Rua João Cordeiro
- 5 – Avenida Beira - Mar

Em cima/ Figura 2 – Mapa da Divisão Administrativa do Município de Fortaleza. Secretarias Executivas Regionais. Com destaque para o bairro Praia de Iracema.

Fonte – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. Desenho Zélia Simões.

Em baixo/ Figura 3 – Mapa com destaque para as fronteiras oficiais do bairro Praia de Iracema.

Fonte –IBGE. Desenho Zélia Simões.

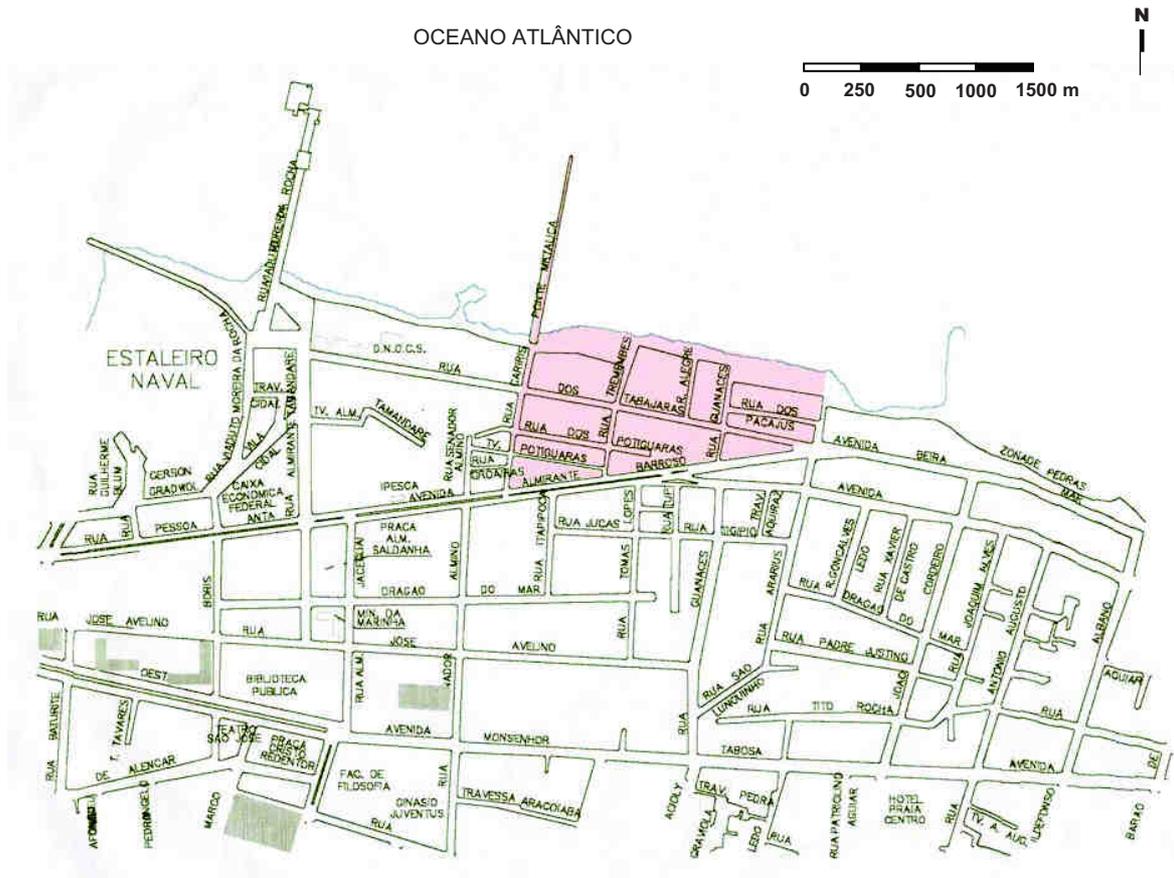


Figura 4 – Mapa do Bairro Praia de Iracema com destaque para a área pesquisada.
 Fonte – IBGE. Desenho Zélia Simões.

Considero-o como um “lugar estratégico para pesquisar”²², tendo em conta que ele vivenciou processos de “requalificação” urbana, e também por apresentar uma vasta produção simbólica em registros de análises históricas, monográficas, arquitetônicas, etnográficas e jornalísticas, sendo também “cenário” de produções literárias, musicais, guias urbanos e materiais de divulgação turística. As diversas narrativas e imagens sobre a Praia de Iracema são decorrentes de seu papel representativo em alguns fatos históricos da cidade, sendo o bairro considerado sintomático das diferentes fases vividas em Fortaleza, ou mesmo um “lugar” que representa a memória do apogeu e ou decadência de algumas elites no sentido social, econômico e cultural.

²² / Robert Merton (1987) define o lugar estratégico de investigação como casos empíricos particularmente favoráveis ao estudo de determinados fenômenos complexos, difíceis de abordar, casos esses susceptíveis de proporcionar análises proveitosas e integradas dos fenômenos em causa e a descoberta de novos problemas merecedores de investigação posteriores.

Foram exatamente as “ambigüidades” que me fizeram percebê-lo como o ponto de partida para uma reflexão sobre a construção de representações nos espaços urbanos. Recorrentemente, a Praia de Iracema é percebida como um bairro tradicional, bucólico, boêmio, turístico e aprazível, mas também como decadente e degradado; nesse sentido, existem diferentes construções simbólicas sobre o real, onde o poder das palavras para enaltecer ou recriminar esse bairro depende da legitimidade daqueles que as pronunciam.²³ Como afirma Bourdieu, a palavra é o símbolo de comunicação por excelência porque ela representa o pensamento, a fala, revela sistemas de valores, normas e símbolos e tem a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.

O auctor, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes a natureza das coisas “naturais” (Bourdieu, 1989: 114).

Nesse caso, estudos acadêmicos, poesias, canções, guias turísticos e principalmente os discursos difundidos nos meios de comunicação são “autores” ou “autoridades”²⁴ que vêm exercendo um grande poder na construção das diferentes representações sobre este espaço da cidade, que no

²³ / Pierre Bourdieu, em *O Poder Simbólico* (1989), fala na autoridade do discurso. O que atribui poder às palavras é a crença na sua legitimidade e naqueles que as pronunciam, crença cuja produção não é da competência das palavras.

²⁴ / Bourdieu (1989) citando Benveniste (1969) fala em *auctoritas* como a capacidade de produzir que cabe em partilha ao *auctor*.

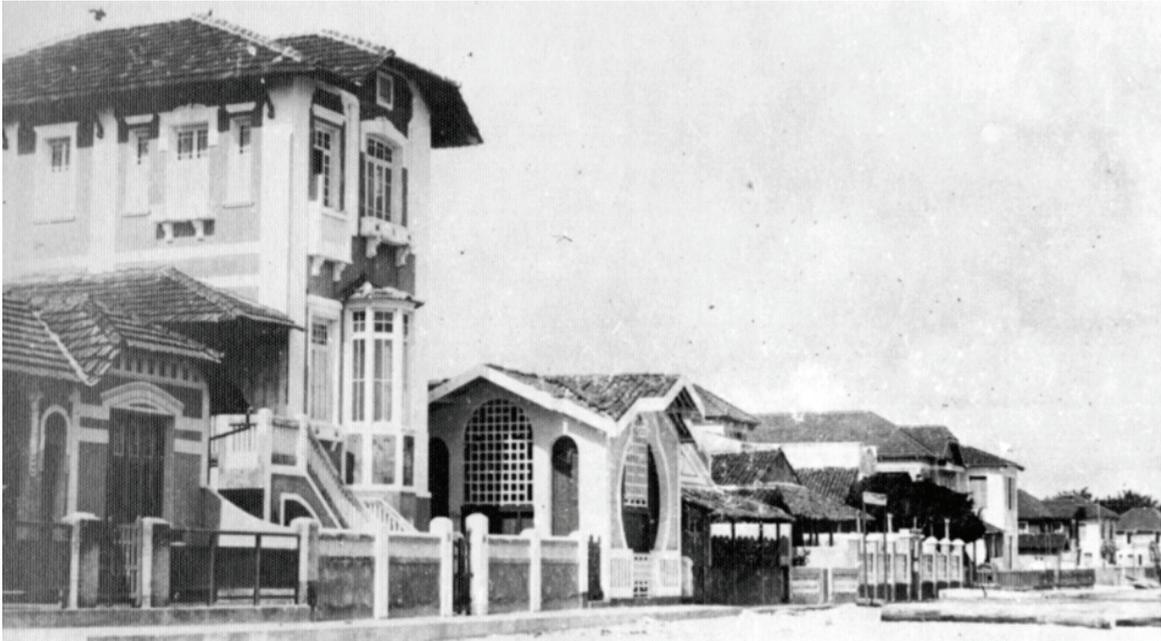
início do século XX ainda era uma aldeia de pescadores denominada Porto das Jangadas, Praia do Peixe ou Grauçá. Neste sentido, concordo com Barreira (2007: 179) ao informar que na Praia de Iracema “a tradição recuperada é inventada na tensão entre a cidade a ser apresentada e aquela a ser vivida: os múltiplos usos, os conflitos e os sentidos atribuídos ao patrimônio e à sociabilidade”.

Em decorrência da apropriação²⁵ deste espaço por parte da elite econômica de Fortaleza, a Praia de Peixe passou a ser reconhecida na cidade como um lugar encantador e bucólico, inclusive adquirindo o epíteto de Praia dos Amores. Foi também o cenário para o início da prática do banho de mar



Figura 5 – Praia de Iracema, década de 1920. “Mulheres das famílias Caminha, Pompeu e Moreira Rocha”. Arquivo Gerard Boris. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006).

²⁵ / Tomo esse conceito a partir da definição de Ana Fani A. Carlos (1994). Para essa autora, na apropriação se colocam as possibilidades da *inversão* que faz parte da vida, *que institui o uso que explora o possível*, ligando-o a uma prática criadora. Diferencio as apropriações dos usos no sentido de que estas se referem às intervenções no tecido edificado.



Em cima/ Figura 6 – Praia de Iracema, década de 1920. “Arisa Caminha e irmãos. Ao fundo, a “Ponte Velha”, atual Ponte dos Ingleses”. Arquivo Gerard Boris. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006).

Em baixo/ Figura 7 – Praia de Iracema, década de 1930. Imagens de edificações, apresentadas recorrentemente como *bungalows*, de frente para o mar. Fonte: Arquivo Nirez.

como medida terapêutica, e mesmo contemplação e lazer, nos anos 20. Além disso, foi um lugar de transformação do espaço urbano por meio da construção de casas alpendradas ou do tipo bungalow de frente para o mar (figuras 5, 6, 7 e 8).



Figura 8 – Praia de Iracema, década de 1920. . Fonte: Arquivo Nirez.

Estas imagens iconográficas, da Praia de Iracema antiga, são recorrentemente apresentadas em livros e exposições como uma forma de afirmação de usos por parte de uma elite econômica da cidade de Fortaleza.

Estes fenômenos revelaram uma necessidade de transformação da denominação Praia do Peixe por meio de um movimento apoiado pela imprensa local. Neste sentido, a jornalista Adília de Albuquerque projetou a idéia de que fosse erguido na praia um monumento a Iracema, em homenagem à heroína do romance de José de Alencar, e alguns meios de comunicação passaram a sugerir uma outra denominação, desqualificando a antiga, como pode ser constatado neste jornal: “Aquella estação balnear, com os seus confortáveis chalets de stylo moderno, requer, por certo, outra denominação

menos repulsiva” (O Nordeste, 2 de julho de 1925). Motivados pela imprensa, os moradores do bairro já haviam encaminhando ao então prefeito de Fortaleza, Godofredo Maciel, um abaixo-assinado para oficializar esta mudança, como pode ser visto neste relato da revista Ceará Ilustrado de 1924: “Solicitamos que mude a denominação imprópria e vulgar por que é conhecido aquelle encantador trecho de Fortaleza para a de Praia de Iracema”. (Revista Ceará Ilustrado, nº. 13, 5 de outubro de 1924)²⁶. Com a nova designação, as ruas ganharam nomes de etnias indígenas como, Tabajaras, Pacajus, Arariús, Potiguaras, Groaíras, Cariris, Tremembés e Guanacés.

Em meados dos anos 20, a Praia de Iracema passa a ser noticiada nos meios de comunicação como um lugar de hábitos e sociabilidades selectos, como sugere este título: “Está chic agora a praia” (Revista Ceará Ilustrado, nº. 70, 8 de novembro de 1925), caracterizando os usos e apropriações das elites como legítimos para aquele espaço da cidade.

Porém, esse período coincide com o fim simbólico da *belle époque* em Fortaleza²⁷, iniciando uma nova organização espacial da cidade. Ponte (2000) justifica esta demarcação devido à remodelação da Praça do Ferreira na gestão do prefeito Godofredo Maciel, em 1925, que alargou as alamedas laterais da praça para facilitar o trânsito, demolindo os quatro cafés afrancesados – Java, Elegante, Iracema e do Comércio – e o Jardim 7 de Setembro. Segundo este autor, os cafés e o jardim eram signos da modernidade em Fortaleza, marcada pelos ideais de “civilização” e “aformoseamento” da *belle époque* fortalezense. Este autor acrescenta que a transformação da Praça do Ferreira, por ser esta o centro da cidade, no qual as

17 / Matérias colhidas a partir da dissertação de Schramm (2001).

²⁷ / Ponte (2000) esclarece que se a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), dizimando populações e devastando cidades, é considerada o marco que decreta o fim da *belle époque* europeia, os conflitos vividos em Fortaleza entre 1912-1914 – com a destruição, depredação e incêndios de ícones da modernidade – comandados pelos coronéis acionistas juazeirenses contra Franco Rabelo, significaram o início do declínio da *belle époque* experimentada em Fortaleza.

principais mudanças e novidades ocorriam com maior ressonância, “é exemplar para demonstrar também que, nos ruidosos e congestionados anos 20, tem início a constituição de uma nova organização do espaço urbano fortalezense, mais pautada pela racionalidade do que pelo embelezamento”(Ponte, 2000: 186).

É nesta perspectiva de transformação no desenvolvimento urbano que em 1927 o bairro Praia de Iracema foi ligado ao centro da cidade por meio de um sistema de avenidas. Vale ressaltar que esta expansão da cidade de Fortaleza é assentada numa acentuada segregação sócio-espacial. Nos anos 40, por exemplo, o número de habitantes de Fortaleza cresceu cerca de 50%²⁸, porém a sua estética urbana foi vinculada à “fuga” das elites para a Aldeota²⁹ devido à presença de uma vizinhança indesejada, ou seja, do proletariado, principalmente no até então bairro nobre Jacarecanga. Essa época registra também um grande processo de urbanização, que transformou a aparência da parte nobre da cidade por meio de pavimentação das vias, uso de meios-fios de pedra, nivelamento das calçadas, iluminação elétrica de logradouros públicos, arborização de ruas centrais, difusão de *bungalows* como forma de moradia, arranha-céus com uso de concreto armado e uma disseminação da estética *Art Déco*, adotada como símbolo de modernidade (Castro, 1988).

Nessa época o bairro Praia de Iracema figurava na cidade como espaço de lazer, residencial e de pescadores. Ao lado de jangadas, que ainda restavam, encontravam-se os banhistas, tendo em vista que a prática do banho de mar já havia se consolidado entre os fortalezenses (figura 9).

²⁸ / Esse acréscimo populacional foi consequência do fluxo migratório campo-cidade e decréscimo das taxas de mortalidade, provavelmente em decorrência de medidas de saúde pública, como a vacinação (Gondim, 2007).

²⁹ / O bairro Aldeota surge nos anos 30 como uma zona nobre. Como informa Pontes (2005), a designação Aldeota extrapola o sentido de nomeação de área geográfica reforçando a idéia de um *modus vivendi* e de *status* social.



Em cima / Figura 9 – Praia de Iracema, 1939. Passeio pela praia e banhos de mar com as jangadas ao fundo e os navios que se dirigiam ao Porto, ainda localizado na Praia de Iracema. Arquivo Thomaz Pompeu Gomes de Matos. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006).

Em baixo / Figura 10 – Praia de Iracema, 1944. Clube dos americanos, ou *United States Organization* atual Estoril. Arquivo Thomaz Pompeu Gomes de Matos. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006).

No bairro encontravam-se também os “balneários”, que eram estabelecimentos, com bar, um local para troca de roupa, alugueis de calções de banho e guarda de pertences dos frequentadores, como o famoso Gruta da Praia, localizado na esquina da rua Tabajaras com Tremembés. Outros estabelecimentos que contribuíram para a associação deste bairro a um espaço de lazer foram o Praia Clube, o América Jangada Clube e o Hotel Pacajus, o primeiro construído à beira-mar; existiam também bares e restaurantes como o Ramón. Um edifício deste bairro que alcançou grande destaque na estética da cidade foi o clube dos americanos, ou *United States Organization*³⁰, instalado em 1944, na antiga residência de veraneio do comerciante José Magalhães Porto (figura 10).

Na segunda metade dos anos 40, a Praia de Iracema começou a apresentar uma nova configuração espacial em virtude do avanço do mar, decorrente da construção do porto do Mucuripe³¹. A erosão causada pelo avanço do mar suscitou uma alteração no movimento das correntes marítimas, acarretando uma significativa diminuição da faixa de praia e o desmoronamento dos “*bungalows*”, construídos de frente para o mar (figura 11). As imagens dos destroços das edificações e as matérias jornalísticas noticiando este acontecimento contribuíram para dar visibilidade ao “fim” da Praia de Iracema, enquanto um lugar nobre e de destaque para a estética da cidade. Como pode ser lido nas matérias abaixo:

Encantos da velha Praia do Peixe são cousas do passado (O Povo, 6 de abril de 1946);

³⁰ / Essa edificação, atualmente conhecida como Estoril, tornou-se um ícone da boemia da Praia de Iracema e foi tombada como patrimônio cultural da cidade de Fortaleza pela Prefeitura Municipal em 1992.

³¹ / O porto do Mucuripe foi construído no litoral Leste da cidade de Fortaleza.

Nestes próximos dias, a maré investirá com grande violência, vindo a atingir, talvez, os ricos 'bungalows' da nossa aristocrática praia. Destacam-se entre os prédios mais visados pela fúria do mar os de propriedade da família João Gentil, do Sr. José Porto, a antiga sede da United States Organization (U.S.O) e o do antigo 'Ideal Clube'(...). O fato é que estamos mais uma vez diante de uma situação difícil, pois se a maré próxima for impetuosa, assistiremos à eliminação dos 'bungalows', com prejuízos para a própria estética da cidade (O Povo, 27 de abril de 1946, grifos meus).³²

Em decorrência da destruição de parte do casario e da redução da faixa de praia, bastante noticiada nos meios de comunicação social, houve algumas mudanças nos usos, apropriações e representações daquele espaço. Não



Figura 11 – Praia de Iracema, década de 1940. “Bungalow” destruído em decorrência do avanço do mar. Fonte: Arquivo Nirez

³² / Estas matérias jornalísticas foram colhidas a partir da dissertação de Schramm (2001).

havendo mais banhistas, os “balneários” entraram em decadência e os pescadores migraram para outras praias. Além de destruir as casas, o mar também devastou a praia, que fora cenário de passeios à beira-mar.

Essa representação do fim da praia foi eternizada em uma canção do cantor e compositor Luiz Assumpção intitulada “Adeus Praia de Iracema”, que se popularizou no carnaval de 1954. O fim anunciado nesta canção arroga um sentimento de perda para a cidade, por meio das palavras *adeus*, *saudades*, *passou* e *fracasso*. A canção reproduz também a visibilidade de usos no bairro associados ao idílico, como a descrição de casais apaixonados que entre beijos e abraços trocavam juras de amor.

Adeus, adeus/Só o nome ficou/Adeus, Praia de Iracema/Praia dos Amores que o mar carregou/Quando a lua te procura/Também sente saudades/Do tempo que passou/De um casal apaixonado/Entre beijos e abraços/Que tanta coisa jurou/Mas a causa do fracasso/Foi o mar enciumado/Que da praia se vingou (Luiz Assumpção, 1954).

A importância simbólica desta canção para a cidade de Fortaleza consiste no fato de que, no decorrer dos últimos cinquenta anos, os problemas referentes aos usos e apropriações do espaço na Praia de Iracema ganharam visibilidade na imprensa local por meio da sua idéia principal, ou seja, o “adeus” ao bairro. Nesse sentido, o tom melancólico que descreve esse fim é entendido por mim como o “mito fundador” de todo um discurso sobre a “degradação” da Praia de Iracema. Como afirma Mircea Eliade (2002), o “mito” tem como objetivo relatar um acontecimento que teve lugar no “tempo primordial”, ou seja, é uma narração de uma criação e descreve como algo foi produzido, como começou a existir. Então, baseando-me nesta noção que, segundo Eliade, pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e

complementares, tomo o “adeus”, proposto nesta canção, como o “mito fundador” das narrativas de caráter simbólico a respeito do fim de determinados usos e apropriações do bairro Praia de Iracema. O encerramento de alguns bares e restaurantes considerados redutos boêmios da cidade pode servir de exemplo.

Como pode ser visto no artigo abaixo, o “adeus” ainda é recorrente no discurso jornalístico, seja para denunciar problemas de infra-estrutura, seja para criticar o tipo de práticas sociais no bairro.

Adeus, Praia de Iracema!

Os jornais registraram com toda a ênfase necessária o destino que terá o Estoril, o maior referencial da boemia artístico-intelectual de Fortaleza, que agora será transformado em Centro Cultural. Encravado na outrora aristocrática e bucólica Praia de Iracema, o prédio pontua como um dos símbolos daquela área, hoje um pálido reflexo do que já foi um dia. Ao contrário do que cantou Luis Assumpção, o poeta-músico, não foi o mar que carregou a “Praia dos Amores”, foi a frieza e total irresponsabilidade das autoridades que permitiram a invasão de estrangeiros que transformaram o pequenino bairro em reduto da prostituição, das drogas e de tudo quanto é nocivo (Diário do Nordeste, 21 de novembro de 2005).

O relato acima imprime uma idéia de decreto do “fim”, pois assim como o mar “carregou a praia” nos idos anos 50, a indústria do turismo, a especulação imobiliária, a poluição sonora, entre outros problemas urbanos, “carregaram o bairro” da cidade. O argumento utilizado nesta matéria jornalística demonstra uma reprovação dos novos usos e apropriações deste espaço. Nota-se também que os termos *boemia*, *artístico-intelectual*, *aristocrática* e *bucólica*, usados para referenciar qualitativamente o bairro, são confrontados por

invasão de estrangeiros, prostituição e drogas, fenômenos associados aos “maus usos” enquanto expressão simbólica do fim.

Antagônica às classificações da Praia de Iracema por meio do “adeus”, a “boemia” é outro ícone de visibilidade social deste bairro, sendo utilizada recorrentemente em imagens e discursos para justificar a sua importância na cidade. Neste sentido, a “boemia” é também associada à tradição e ao lazer, pois o bairro é referenciado em crônicas, artigos jornalísticos e trabalhos acadêmicos como “reduto de artistas e intelectuais”, “cartão postal” da cidade ou “lugar tradicional”, “bucólico” e “boêmio”, ou mesmo como cenário “lítero-etílico-cultural”. Para dar um tom idílico e de continuidade ao tempo passado, alguns ex-freqüentadores de antigos bares, nomeadamente o Estoril e o Cais Bar, se auto-intitulam “iracemitas” e “estorilistas”, contribuindo para consolidar, perante a opinião pública, a imagem da Praia de Iracema como um lugar “boêmio”.

A presença de diversos bares e restaurantes na Praia de Iracema também concorreu para esta associação do bairro com a “boemia”, fenômeno que é reforçado nas descrições etnográficas deste bairro, como pode ser visto nesta citação abaixo, na qual os seus usos e apropriações são apresentados por meio da representação da “boemia”:

*Na década de 1950, foi inaugurado, defronte ao hotel, o restaurante Lido que figurou, até os anos 1970, como uma casa de pasto que reunia a elite fortalezense, ficando, também, afamado como um **local de vida boêmia**. Alguns bares surgiram nas ruas de toponímia indígena, em meio às residências da população de classe média e classe média baixa do bairro: Tonny's Bar, El Dourado, Nick Bar e Jangadeiro. O Restaurante Estoril, funcionando desde 1948 na antiga residência da família Porto, onde funcionara o cassino dos americanos, começou a atrair os **boêmios** seresteiros da cidade” (Schramm 2001: 47, grifos meus).*

Algumas práticas sociais, em forma de protestos contra determinados usos e apropriações no bairro como construção de motéis, funcionamento de boates e presença de turistas estrangeiros e prostitutas, também ganham visibilidade nos meios de comunicação por meio de discursos que definem a Praia de Iracema como o reduto de usos relativos à “boemia tradicional” da cidade.

Esta representação acarretou as transformações espaciais e sociais da Praia de Iracema, tendo em vista que o processo de “requalificação”, com o objetivo de transformar áreas “degradadas” do bairro em lugares de entretenimentos e “patrimônio cultural”, iniciado nos anos 90, foi decorrente também desta imagem. O marco simbólico que sinaliza esta transformação nos usos e apropriações deste bairro foi a convocação dos moradores da Praia de Iracema, por parte de representantes do Governo do Estado, para uma reunião, em 1985, com o objetivo de discutir uma proposta de aproveitamento desta área da cidade. Nessa ocasião, representantes do Instituto de Arquitetos do Brasil no Ceará/IAB-CE foram convidados pelos moradores para avaliar as propostas do governo. Segundo um arquiteto presente à reunião, a idéia dos administradores estaduais era transformar a Praia de Iracema num local turístico. Foi defendida a idéia de que este bairro “era um lugar atrativo devido à sua história, localização e fama decorrente da presença do Estoril, que proporcionou uma imagem de **boemia** ao bairro”. Por esses motivos, a Praia de Iracema foi definida pelos gestores como um lugar com “vocação natural para o lazer” (Entrevista com arquiteto do IAB-CE em 22 de març o de 2007).

“Uma Praia de Iracema moderna”

Na busca de um desenvolvimento econômico para o Estado do Ceará, Tasso Jereissati, à frente do governo estadual, inicia na sua primeira gestão (1987-1990) uma reforma administrativa com objetivo de modernizar o Estado e desenvolver o turismo local. Essa política teve continuidade no governo de Ciro Gomes (1991-1993), seu aliado político, e no seu segundo e terceiro mandatos (1995-1998 e 1999-2002). Com o objetivo de construir uma imagem do Ceará como um Estado moderno³³, foi implantada uma política industrial mediante concessão de incentivos fiscais e investimentos em infra-estrutura de transporte, recursos hídricos e educação. Tendo o turismo como prioridade política, foi criada, ainda na sua primeira gestão, a Companhia de Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará/CODITUR, substituída posteriormente pela Secretaria Estadual de Turismo (Gondim, 2007).

Como parte desse modelo administrativo, que planeja a atividade turística nos moldes empresariais³⁴, foram construídos um terminal internacional para o aeroporto, rodovias ligando Fortaleza às praias do litoral Leste e Oeste, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura³⁵, além da reforma da Ponte dos Ingleses, na Praia de Iracema. Foram criados também programas de

³³ / A construção da imagem de um Ceará moderno é uma antítese da imagem do Estado como atrasado e administrado por “coronéis”, designadamente Adauto Bezerra, César Cals e Virgílio Távora. Essa imagem foi combatida por Tasso Jereissati com a implantação de um “governo das mudanças”. Para maiores informações, ver Gondim (1998) e (2007).

³⁴ / Para maiores informações sobre planejamento estratégico ver: Carlos Vainer. “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano” no livro *A cidade do pensamento único*, organizado por Otilia Arantes; Carlos Vainer & Erminia Maricato (2000).

³⁵ / Para maiores informações sobre o impacto da construção do Centro Dragão do Mar para a cidade de Fortaleza, ver: *O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna* de Linda Gondim (2007). É importante ressaltar que o Centro Dragão do Mar foi edificado nos limites oficiais do bairro Centro, porém diversos discursos, inclusive nos meios de comunicação social, se referem ao local deste equipamento como bairro Praia de Iracema.

capacitação de recursos humanos, como formação de garçons e serviços de hotelaria.

A imagem da Praia de Iracema como lugar turístico pode ser associada também a uma disputa administrativa entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal. As gestões dos prefeitos Juraci Magalhães (1990-1992³⁶, 1997-2000; 2001-2004), aliado e posteriormente oponente do governador Tasso Jereissati e Ciro Gomes, e Antônio Cambraia (1993-1996), coligado a Juraci Magalhães, se destacaram por grandes intervenções no espaço público para fins de turismo. Nesse período foram construídos viadutos, terminais integrados de transporte, um novo prédio para o Mercado Central, que vende artesanatos locais, foram também abertas e alargadas novas vias urbanas, reformados o Mercado São Sebastião e a Praça do Ferreira, reconstruído o restaurante Estoril, ícone da “boemia” da Praia de Iracema, e construído um calçadão na parte costeira desse bairro, que, como será visto a seguir, causou uma grande transformação nos usos desse espaço da cidade e na imagem de Iracema como lugar de lazer e turismo.

O início dos anos 90 demarca o ápice da disputa administrativa entre os governos estadual e municipal, com interesse em atrair a atenção de moradores da cidade e de turistas para suas obras de intervenção. Nesse sentido, o bairro Praia de Iracema tornou-se a “vitrine” destes modelos administrativos, que apresentavam como objetivo intervir no espaço urbano transformando áreas “degradadas” em lugares de entretenimento, consumo cultural e turismo.

Alguns moradores da Praia de Iracema sentiram de perto esse processo de transformação de alguns espaços públicos do bairro em territórios “oficiais” de lazer. Como afirma esse antigo morador:

³⁶ / Em 1990, o então vice-prefeito Juraci Magalhães assume a Prefeitura de Fortaleza no lugar de Ciro Gomes, que saiu para se candidatar ao cargo de governador do Estado do Ceará.

Quando entram o Tasso Jereissati [governador] o Ciro Gomes [governador] e o Juraci Magalhães [prefeito] aqui, começa a haver um processo de disputa administrativa. O prefeito constrói o calçadão, aí o Ciro faz a reforma da Ponte, o prefeito faz uma coisa, aí o Ciro faz outra coisa, então a Praia de Iracema passa a ser o alvo de todas as ações, parecia que o Estado do Ceará era a Praia de Iracema. Ela era a vitrine, se transforma num canteiro de obras (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005).

Um outro fator de transformação nos usos e apropriações desse espaço da cidade foi a construção de prédios com mais de dez pavimentos, modificando sua harmonia arquitetônica, composta até os anos 80 por casas térreas e sobrados. Ainda no início da década de 1980, a construção destes grandes edifícios de apartamentos era noticiada nos meios de comunicação por meio de termos como *ameaça*, *especulação imobiliária* e *afronta* à paisagem do lugar. Assim, por meio do título: “Depois do mar à voragem da especulação imobiliária” (*O Povo*, 26 de maio de 1980), percebo que os meios de comunicação colaboravam na construção de um discurso agonístico, que ficou notabilizado no “adeus à Praia de Iracema”, para definir o processo de mudança espacial que se iniciava no bairro.

As ameaças de mudanças no uso e ocupação do solo na Praia de Iracema, que se iniciou nos anos 80, concorreram também para uma mobilização dos moradores no sentido de deter esse processo. Segundo um morador, “a Associação de Moradores da Praia de Iracema/AMPI [fundada em 1984] organizou um grande movimento pela sua preservação, com adesão de artistas e intelectuais”. Acrescenta ainda que o objetivo da AMPI era o ordenamento da ocupação do solo: “a luta era contra a especulação imobiliária (...), era preservar aqui e agora; a nossa luta era ecológica, era sobre o uso e ocupação do solo, o zoneamento e as leis” (Entrevista concedida em 19 de

maio de 2005). Seu discurso demonstra que além de uma preocupação em preservar a “identidade” deste lugar, que possuía como característica ser um bairro residencial e freqüentado por “artistas e intelectuais” existiu também a busca da preservação ambiental.

Segundo o seu relato, a AMPI, juntamente com a IAB-CE, conseguiu a aprovação de uma lei estabelecendo o bairro como ZE-2 (Zona de Renovação Urbanística), com o objetivo de sustar a especulação imobiliária em curso e estabelecer diretrizes para compartilhar os usos residenciais, de lazer e de turismo. Mas, por falta de regulamentação desta lei e com o poder dos especuladores, alguns edifícios com mais de dez pavimentos, foram construídos no núcleo costeiro do bairro (figura 12).



Figura 12 – Praia de Iracema, década de 1980. A imagem apresenta prédios com mais de dez pavimentos, construídos à beira-mar no bairro Praia de Iracema, e a Ponte antes da reforma. Site sobre a cidade de Fortaleza nos anos 80. Foto: Gilberto Simon. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=565695>

É importante ressaltar que a visão defensiva de uma cidade, que pretende preservar uma arquitetura antiga, é recorrente nas narrativas de

outras cidades do mundo. Graça Cordeiro (2007), em uma reflexão sobre a urbanidade de Lisboa, afirma que o olhar romantizado de uma cidade antiga se opõe à nova cidade, como se essa pusesse em risco sua “identidade”, tornando-a igual a todas as outras. Ou seja, essa preocupação com as transformações nas apropriações do espaço em Fortaleza, especialmente na Praia de Iracema nos anos 80, esteve presente, por exemplo, em narrativas da cidade de Lisboa ainda nos anos 30, período de uma nova política urbana intervencionista em Portugal, como pode ser visto no texto abaixo.

Lisboa é uma cidade encantadora... Única, própria... nossa. Defendamo-la da preocupação doentia de se fazer igual às outras, de se talhar, de se pintar, de se tocar por um padrão universalista, de imitar na forma, na cor e no movimento Madrid, Paris, Berlim, Roma, Viena. (...) (Sequeira, 1939: 12).

Em meados da década de 1980, o temor da destruição do bairro, causado pelas novas formas de ocupação do espaço, dá uma grande visibilidade à Praia de Iracema nos meios de comunicação. Nesta perspectiva, eram comuns matérias jornalísticas que ilustravam esse processo de mudanças por meio de um discurso agonístico, como pode ser visto nos seguintes títulos do jornal *O Povo*: “Praia de Iracema contra a força da grana que ergue e destrói coisas belas” (02/08/84); “Praia de Iracema – reduto histórico e cultural em busca de sua preservação” (16/11/84); “Entidades vêm ameaça à Praia de Iracema” (28/07/85); “Praia de Iracema: saudade e resistência” (02/08/85); e “Praia de Iracema perde sua identidade” (20/11/85). Lê-se nestes títulos a alegoria do “adeus”, por meio de palavras como *destruição*, *ameaça*, *saudade* e *perda*, enquanto os léxicos *preservação* e *resistência* são utilizados para se referir à busca de uma preservação do bairro como patrimônio material e simbólico da cidade.

No final da década de 1980 havia se concretizado no bairro Praia de Iracema uma grande especulação imobiliária, acarretando a verticalização de alguns trechos defronte à beira-mar e investimentos da iniciativa privada em novos bares e restaurantes. Segundo o relato do proprietário de um destes novos estabelecimentos, os investimentos da iniciativa privada contribuíram para todo um processo de mudança nos usos e representações do bairro, proporcionando o surgimento de uma “Praia de Iracema moderna” no sentido de que a “boemia” dos antigos usuários foi re-apropriada, dando lugar a novos usos e apropriações, ou mesmo a uma “nova Praia de Iracema”.

*Nós tínhamos quatro pontos de comércio que são essenciais na Praia de Iracema: é o Estoril, que mesmo na decadência, mesmo criando porco, mesmo fedendo e sendo um caso de saúde pública era bom, porque era a casa da moçada, a casa de um certo número de pessoas que viveram a adolescência ou a chegada na idade adulta, e ao mesmo tempo era um refúgio. (...) Uma outra casa importante era o La Trattoria, que foi o primeiro restaurante desse novo período da Praia de Iracema, dos anos oitenta, e fez um bom trabalho, era muito freqüentado. E tínhamos o Cais Bar e o Pirata. Pra mim essas quatro casas são a base, são o cimento da **nova Praia de Iracema**. O Estoril que era uma referência, o Cais Bar que era o boteco de uma certa moçada como arquitetos e médicos. O La Trattoria que era importante como restaurante porque pela primeira vez a sociedade, quer dizer a Aldeota, vinha pra Praia de Iracema, (...). Essas quatro casas são fundadoras da **Praia de Iracema moderna** (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).*

Na opinião de um morador que reside há 20 anos no bairro, o processo de transformação nos usos da Praia de Iracema foi decorrente da imagem da

boemia e da instalação de um restaurante freqüentado pela elite econômica da cidade de Fortaleza, seguido da instalação do Pirata³⁷. Do seu ponto de vista, a inserção dos freqüentadores nestes espaços contribuiu para a emergência de diversos comércios voltados para o lazer noturno, impulsionando a saída dos moradores, como pode ser visto no seu relato abaixo:

Havia uma imagem da Praia de Iracema que estava na música que o “mar carregou”. Em períodos anteriores aqui tinha o bar do Tony, ali teve o Panela do colunista Lúcio Brasileiro, mas isso há muito tempo atrás. Aí teve toda a decadência, a decadência gostosíssima, eu peguei essa parte bucólica que era a decadência (...) então, puxado por uma figura de proa que foi o restaurante da Sandra Gentil que ela puxou a society de Fortaleza para olhar para a Praia de Iracema. Depois veio o Júlio Pirata que pirateou tudo, ele veio de roldão, é um empresário muito dinâmico e deu uma vida noturna e claro que foram surgindo outros bares e chegou ao ponto que ficou intolerável para os moradores (Entrevista concedida em 10 de março de 2006).

Estes depoimentos dão conta de uma disputa simbólica nesta fase da Praia de Iracema, que se notabilizou por usos voltados para o lazer. As expressões “nova Praia de Iracema” e “Praia de Iracema moderna” simbolizam esta nova fase, em detrimento de usos definidos por meio das categorias nativas *decadência* ou *decadência gostosíssima* e *bucólica* utilizadas para classificar os usos do passado. Este último discurso sugere também que houve uma ruptura daquela “relação harmoniosa” entre os moradores e os espaços de lazer que existiam antes destas apropriações espaciais por diversos bares, restaurantes e casas de show.

³⁷ / O bar e restaurante Pirata foi inaugurado no ano de 1986 e ainda nesta década se transformou em uma casa de show com muito sucesso na cidade.

As narrativas sobre os usos e apropriações espaciais da Praia de Iracema demonstram que as representações simbólicas associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus” contribuíram para a transformação deste bairro em “patrimônio cultural” da cidade, inserindo-o nas políticas de “requalificação” dos centros históricos. Porém tendo em vista que as intervenções urbanísticas produziram disputas simbólicas quanto aos usos e representações neste espaço da cidade, apresento no próximo capítulo as representações da Praia de Iracema, a partir dos gestores, dos comerciantes, dos meios de comunicação e dos moradores, em algumas fases da história recente deste bairro.

A Praia de Iracema “para turista ver”

A expressão “para inglês ver” tem diferentes explicações para sua origem, uma das quais se refere a Portugal no início do século XIX, precisamente entre 1807 e 1810, período das invasões francesas neste país. Nessa época o general inglês Wellington era o Comandante e chefe do exército português, o que significa que eram também os ingleses que faziam os pagamentos à tropa. Um pouco indiferentes a este povo, os ingleses achavam que os portugueses eram todos iguais uns aos outros. Os soldados portugueses tiravam proveito desta bizarrria e iam receber o seu pagamento duas e três vezes em acampamentos diferentes. Rapidamente os oficiais ingleses se aperceberam disso, passando a ser obrigatório que cada um recebesse o seu pagamento acompanhado do respectivo oficial inglês, presente e a verificar cada um. Assim, os portugueses se apresentavam “para inglês ver”³⁸. Outra explicação é que o inglês em questão é o almirante Jervis, que veio ao Brasil no navio britânico Belford para dar proteção à família real portuguesa que fugia da ameaça dos franceses. Chegando a Salvador no final da tarde de 22 de janeiro de 1808, o rei Dom João VI deslumbrou-se com a bonita iluminação da cidade, e falando aos cortesãos que o acompanhavam na nau, exclamou: “está bom para o inglês ver”³⁹. Independentemente da veracidade das versões, seja em Portugal, seja no Brasil, essa expressão passou a significar a idéia de aparência, falsidade ou ocultamento de algo indiscernível por olhos pouco habilitados.

³⁸ / Avillez, V. *Expressão “ para inglês ver ”* (online). Lisboa: Portalimentar SA, Gestão de Conteúdos Electrónicos Alimentares, 2004. (acesso em 15 de outubro de 2007). Disponível na internet: <http://www.portalimentar.pt>

³⁹ / Naomi. *Pensamentos de uma batata transgênica: Para inglês ver o quê?* (online). São Paulo: Blog de Naomi, 9 de abril de 2004. (acesso em 15 de outubro de 2007). Disponível na internet: <http://www.hikawa.com.br>

Em analogia a essa expressão, explico a seguir como as intervenções urbanísticas implementadas na Praia de Iracema, no início dos anos 90, podem ser percebidas como reformas no espaço urbano “para turista ver”, pois a aparência da nova arquitetura passou a compor o desenho de uma Fortaleza moderna, aberta para receber novos visitantes, sejam eles turistas ou moradores da cidade, e na qual a representação do “lugar requalificado” ou “enobrecido” estava estampada em áreas urbanizadas e edificações construídas e reformadas.

A urbanização do núcleo costeiro do bairro que originou o “calçadão” foi a primeira intervenção governamental na Praia de Iracema, e pode ser definida como uma obra capaz de tornar aparente ou visível a representação do lazer e da “boemia”, já associadas ao bairro. Em seguida veremos que a reforma da Ponte dos Ingleses⁴⁰ foi uma outra iniciativa que objetivou dar visibilidade à Praia de Iracema enquanto um “lugar turístico”. Definida pelo arquiteto Fausto Nilo, um dos realizadores do projeto, como a primeira parte de um projeto mais amplo de “requalificação” do bairro que interligaria a “velha ponte” ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, esse equipamento teve como objetivo abrigar novas sociabilidades especialmente como lugar de contemplação para novos visitantes.

O Estoril, destacado em diferentes narrativas da cidade como ícone da “boemia”, tornou-se, após seu desmoronamento em 1994, e reconstrução em 1995, um elemento simbólico da história do bairro e da cidade. Neste espaço os freqüentadores podiam ver fotos antigas deste edifício expostas estrategicamente em suas paredes, como uma forma de legitimá-lo para a história do bairro. A Praia de Iracema “turística” reafirmou a representação simbólica da boemia por meio da instalação de diversos bares e restaurantes

⁴⁰ / Esta “Ponte” era utilizada por seus freqüentadores para a contemplação do pôr-do-sol, sendo denominada por estes como Ponte Metálica.

localizados nas ruas e becos estreitos do bairro. Restaurantes franceses, cantinas italianas, barzinhos e botecos recriavam o tom da boemia que poderia ser vista, ouvida e degustada. O Pirata, com um forró na segunda-feira, se tornou rapidamente uma grande atração do bairro. Estrategicamente, organizado, esse ambiente passou a animar com muito som as noites de um dia em que até mesmo os turistas não têm muita opção.

Em clima de festa para os visitantes e muitos “conflitos simbólicos” entre habituais e novos freqüentadores, disputando os espaços de lazer, assim como entre comerciantes e moradores que reivindicavam uma organização sócio-espacial para continuarem residindo neste bairro, a Praia de Iracema ganhou um Centro de Arte e Cultura. Rapidamente absorvido como opção de lazer e cultura da cidade, esse equipamento será apresentado a seguir como um importante elemento para o entendimento dos usos e apropriações nesse espaço, eleito pelos governos Municipal e Estadual, como alvo para a implementação de obras capazes de dar visibilidade aos seus modelos administrativos. Fazendo uma comparação à antiga expressão acima referida, esse espaço também se tornou muito importante “para ser visto”.

A orla da Praia de Iracema com “um novo visual”: o Calçadão

Perante o processo de mudanças nos usos e ocupações na Praia de Iracema, em junho de 1991 o então prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, juntamente com o arquiteto Paulo Simões, apresentaram para os moradores e comerciantes do bairro um projeto de urbanização da parte costeira. O projeto, apresentado em uma reunião no Estoril, previa a construção de um calçadão –

que teria início no Poço da Draga⁴¹, terminando defronte ao Hotel Iracema Plaza – e a instalação da Fundação Cultural de Fortaleza.

O projeto de urbanização foi recebido com preocupação por parte de alguns moradores. Em matéria vinculada ao jornal *O Povo*, em 9 de junho de 1991, o Dr. Hélio Rôla, ex-morador do bairro, depõe a respeito do projeto:

O artista plástico Hélio Rôla, que há 18 anos reside na Praia de Iracema, afirmou que “uma urbanização traz impacto ambiental na natureza e na natureza humana” (...) disse também que os moradores do bairro irão discutir como a urbanização vai beneficiar a todos. Há ainda possibilidade de o bairro se tornar mais movimentado e que o calçadão proposto pela Prefeitura de Fortaleza se transforme num imenso “camelódromo”. “Nós precisamos vincular a apreciação do projeto à poluição sonora, ao trânsito indisciplinado e ao cumprimento de Código de Obras e Posturas do Município” (O Povo, 9 de junho de 1991).

Em um discurso no ano de 1993, o prefeito Juraci Magalhães chama a atenção para a importância dessa primeira intervenção, por parte do poder público, na Praia de Iracema. Com um texto intitulado “Felicidade que ficou...”, o prefeito enfatiza a “boemia” enquanto símbolo de valorização da Praia de Iracema, tornando-a referência para a uma nova representação desse bairro, que ressurgia como cartão-postal da cidade.

Transformar a cidade em um verdadeiro e íntegro “cenário de encontro”. Isto só seria possível se a grande preocupação fosse no sentido não só de resgatar a história da cidade, mas também de cultivar a poesia de sua cultura e revitalizar a antropologia da

⁴¹ / O Poço da Draga, conhecido pelos moradores da Praia de Iracema como “Favela do Baixa Pau”, é uma comunidade de cerca de 291 famílias que se localiza no final da rua dos Tabajaras.

*saudade (...). O importante é que a **Praia de Iracema está aí como um cartão-postal**, como uma recordação viva, um pedaço da história, como um poema de amor, para a felicidade de seus moradores e admiração dos olhos de todas as cores que a olham como um recanto mágico de beleza e como a concretização de uma decisão política fundamentada na humanização e na cidadania. O retorno da “**praia dos amores que o mar carregou**” no fundo do meu coração me envaidece e me desperta profundamente a saudade que no dizer do poeta Manuel Bandeira: “é um bem maior que a felicidade porque é a felicidade que ficou” (Grifos meus).*

Esse tipo de discurso era também difundido pelo vice-prefeito Marcelo Teixeira em uma matéria do jornal *O Povo* de 16 de janeiro de 1993. Ele explica que o “calçadão vai dar um novo visual à orla da Praia de Iracema, principalmente para os hóspedes dos hotéis que ficam nas proximidades”.



Figura 13 – Praia de Iracema, no ano de 1994. A imagem apresenta o calçadão construído e a Ponte dos Ingleses antes da reforma. Site sobre a cidade de Fortaleza nos anos 90. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/sowthread.php?t=578700>

Assim, cumprindo o objetivo de oferecer “um novo visual à orla” e independentemente das preocupações de alguns moradores, em 1994 o calçadão foi inaugurado; porém muito diferente do projeto original, iniciando-se na Ponte Metálica, distante cerca de 500 metros da favela do Poço da Draga, e terminando em um largo denominado Luiz Assumpção, em homenagem ao compositor da canção “Adeus, Praia de Iracema”. Não foi instalada a Fundação Cultural de Fortaleza como previsto no projeto (figura 13).

Por meio da simbologia do “retorno” de uma Praia de Iracema mítica, surgia, a partir dessa intervenção, um bairro com um potencial turístico a ser desenvolvido. A edificação do calçadão estabeleceu uma renovação nesse espaço da cidade. A arquitetura vernácula, constituída por construções antigas, algumas abandonadas, sem iluminação pública ou pavimentação e banhada pelas águas da praia, transformou-se em “paisagem” e território de lazer, apoiada por esse passeio público. Essa reforma acarretou uma mudança nos usos e, conseqüentemente, nas representações do bairro Praia de Iracema. Após a construção do calçadão, iniciou-se um processo de transformação de outros espaços públicos em cenários para contemplação. Espaços do bairro tornaram-se lugares de consumo direcionado ao lazer. Luís Baptista (2005) denomina “territórios lúdicos” estes lugares/cenários edificados para serem usados como espaços de entretenimento e consumo programado.

Como pode ser percebido nas palavras de um empresário estabelecido no bairro desde meados dos anos 80, a representação da “boemia” juntamente com o sucesso de alguns comércios locais, como o Pirata, contribuíram para a gênese dessa “nova Praia de Iracema”. Este empresário afirma, inclusive, que já havia solicitado ao poder público a urbanização desse espaço: “Eu diria mesmo que fomos nós [proprietários do Pirata] que puxamos esse calçadão. Eu tenho uma matéria do jornal da época, extensa, pedindo a reorganização da Praia de Iracema” (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005). Quanto à

criação dos novos lugares destinados ao lazer, ele defende que o retorno financeiro impulsionou o acelerado processo de visibilidade deste bairro como “lugar de lazer” da cidade:

A Praia de Iracema era um bairro boêmio, era um bairro cobiçado. A Praia de Iracema era o único bairro mais ou menos preservado da nossa Fortaleza, que o resto já era prédios e que aqui não é que tivesse uma arquitetura incrível, mas aqui eram pequenas casas que davam um ar mais bucólico, um ar mais tranqüilo e que agradava, então outros empresários viram que era possível se instalar com sucesso na praia de Iracema. O Cais Bar, o Pirata, La Trattoria, foram pioneiros, dentro dessa estratégia, e eu diria que o Pirata foi, quer dizer, talvez aquele que deu mais visibilidade à Praia de Iracema do que as outras porque aqui acontecia os shows (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).

Contrariando esses discursos, os meios de comunicação social tornavam públicos outros efeitos que essas transformações causariam ao bairro, como a sua própria destruição. Como se observa nesse título de uma matéria jornalística sobre as intervenções que vinham transcorrendo no núcleo costeiro de Iracema: “e o mar engolindo, rindo, antiga Praia de Iracema” (O Povo, 20 de fevereiro de 1994), que apela ao “mito do adeus” para simbolizar a nova fase que o bairro vivenciava. Essa frase é parte de uma canção que descreve de forma nostálgica as transformações na arquitetura desse espaço. A canção diz: “Uma a uma as coisas vão sumindo/Uma a uma se desmiligüindo/Só eu e a Ponte Velha teimam resistindo⁴²...”, ou seja; ao fazer

⁴² / “Uma a uma as coisas vão sumindo/Uma a uma se desmiligüindo/Só eu e a Ponte Velha teimam resistindo/ E o mar engolindo,/Antiga Praia de Iracema/Os olhos verdes da menina/Lendo o meu mais novo poema/E a Lua viu desconfiada/ A noiva do sol com mais um supermercado/Era uma vez meu castelo entre mangueiras e jardins florados/ E o mar engolindo, lindo/ E o mar engolindo, rindo”. Música do cantor cearense Ednardo.

uma analogia com a antiga canção de Luiz Assumpção sobre “a praia que o mar carregou”, agora são os novos usos e apropriações do espaço que estão “pondo fim” à Praia de Iracema.

É certo que os governos estadual e municipal atraíram a atenção de moradores da cidade e turistas para esse bairro que se tornara a “vitrine” de suas políticas administrativas. Ao edificarem esses espaços dedicados ao lazer, os gestores passaram a vender “pedaços” da cidade, ou seja, transformaram-nos em mercadorias. Assim sendo, os freqüentadores, comerciantes e moradores, enquanto “consumidores” desses “territórios lúdicos” (Baptista, 2005), passaram a ter direito a usar, modificar por meio de suas práticas sociais, reclamar e trocar, caso esses “lugares” não atendessem a contento as suas necessidades. Ao modificarem o espaço urbano, os gestores tornam-se responsáveis e é sobre eles que incidem as críticas à falta de planejamento para o entorno do calçadão.

A liberação de alvarás para comércios, sem nenhuma restrição, desencadeou um processo de monofuncionalidade no bairro. Como informa um empresário, após a construção do calçadão, a Praia de Iracema se tornou atração de turismo e lazer, mas faltou um planejamento, “uma proposta comercial” para a ocupação deste espaço, acarretando usos e apropriações de caráter efêmero.

*O poder público chegou, fez um calçadão superlegal, maravilhoso, eu só tenho a parabenizar, aí dá aquele inchaço onde toda casa por menor que ela fosse era um bar. Então você tinha “milhões” de bares, você nem andava pelo calçadão. Em segundo lugar todo mundo vendia a mesma coisa que era uma cerveja com petisco, ou seja, **não***

tinha proposta comercial dentro da Praia de Iracema. Você tinha o Siriguela que era um bar como qualquer outro, você tinha o Café da Praia que era um bar como qualquer outro, você tinha “milhões” de bares aqui que era um bar como qualquer outro. O que você tinha como diferenciação? Todos vendiam o mesmo produto. Todos eram lotados porque era novidade, enfim proliferou milhões de bares. Daí devido a esses “milhões” de bares você não ganha dinheiro com dez mesas vendendo dois engradados de cerveja ou mesmo que seja cinco engradados por noite você não ganha dinheiro. Tinha que ter uma proposta. Não deviam ter liberado tantos alvarás pra tanta gente. Devia ter escolhido o que fazer em cada lugar, não teve, foi assim ao léu e então como não tinha nenhuma proposta desinchou, a Praia de Iracema deixou de ser moda, o fortalezense enjoou, porque tem aquele efeito de moda e o pessoal depois abandona totalmente o lugar (Entrevista concedida em 27 de abril de 2005).

Alguns moradores do bairro atribuem ao calçadão o início de todas as mudanças estruturais e simbólicas que ocorreram na Praia de Iracema nos últimos anos. Para um morador residente há mais de vinte anos no bairro, toda a transformação nesse espaço foi decorrente da construção do calçadão. Segundo o seu depoimento, foi essa urbanização “que deu essa característica da Praia, que deixou de ser um bairro residencial e passou a ser o bairro de bares, restaurantes e tudo mais” (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005). Outro morador afirma em seu depoimento que “a mudança [no bairro] começou quando foram construir esse calçadão; esse calçadão trouxe as pessoas da avenida Beira-Mar pra cá, porque não vinham, eles se limitavam à avenida Beira-Mar porque lá tinha calçadão, aqui não tinha, então interligou (...), com esse calçadão houve a invasão aqui da Praia de Iracema” (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005).

A análise do conteúdo dos discursos acima demonstra que a construção do calçadão desencadeou o surgimento de diferentes usos, classificações,

apropriações espaciais e conflitos. Como pode ser visualizado no quadro abaixo, moradores, comerciantes, os meios de comunicação e gestores apresentam diferentes representações do bairro após esta intervenção urbanística.

Quadro 1: Representações da Praia de Iracema após a construção do calçadão

Atores sociais	Representações
Gestores	A Praia de Iracema como um cartão-postal; “Um novo visual”.
Meios de comunicação	A Praia de Iracema “engolida”.
Comerciantes	Atração de lazer com falta de proposta comercial.
Moradores	“Praia de Iracema deixou de ser um bairro residencial e passou a ser o bairro de bares e restaurantes”; “Invasão da Praia de Iracema”.

Dentre os efeitos destas representações sobre as imagens da Praia de Iracema percebe-se a existência de uma disputa simbólica entre os diferentes atores sociais, sinalizada por meio de expressões que se referem ao bairro como “um ponto de atração da cidade”, enquanto outras representações aludem a uma preocupação com esta nova configuração.

Ponte dos Ingleses: a velha ponte urbanizada

Outra intervenção de grande impacto para a cidade e o bairro foi a reforma da Ponte dos Ingleses, conhecida por seus freqüentadores como Ponte Metálica. Essa ponte teve a sua construção iniciada em 1920 por engenheiros da empresa inglesa Norton Griffts, daí a denominação Ponte dos Ingleses. Seu objetivo era suprir as necessidades da demanda de

desembarque da Ponte da Alfândega, nomeada na época como Ponte Metálica. Entretanto, como a obra ficou inacabada devido à construção do Porto do Mucuripe, esse espaço sempre foi utilizado para atividades lúdicas, como passeios e pescarias. Nos anos 1970 e 1980 a sua ocupação foi intensificada também por jovens universitários para contemplação do pôr-do-sol. Schramm afirma que,

*Durante os anos em que o Estoril congregou pessoas do **meio artístico e a intelectualidade boêmia**, a Ponte dos Ingleses foi intensamente ocupada por um público identificado, também, com o restaurante. “Uma ponte para o céu”, “Uma ponte que leva ao pôr-do-sol” foram, entre outras, expressões usadas para designá-la e que ilustram o usufruto daquele espaço: encontros, rodas de conversa, violão e o descortino da bela paisagem (122: 2001).*

Nota-se por meio deste relato uma reafirmação da representação da “boemia” presente em diferentes narrativas sobre esse espaço da cidade. Nesta perspectiva, até mesmo a criação de uma lei em defesa da “preservação e conservação” da ponte apresentava como alegação esta representação simbólica, como pode ser lido na Lei N°. 6512 de outubro de 1989, de autoria do vereador Samuel Braga, argumentando que “pescarias, surfe, lazer, contemplação, sem esquecer ainda o turismo, é tudo o que a velha ponte pode oferecer ao povo fortalezense, principalmente aos **boêmios** e aos amantes da natureza”.

Já os meios de comunicação consideram importante a preservação desta edificação como património simbólico do bairro, denunciando a sua falta de manutenção e sua importância no contexto da cidade, como pode ser lido em uma matéria do jornal *O Povo*, de 24 de abril de 1989, intitulada “Iracema defende sua Ponte”.

Entretanto, por falta de conservação na sua estrutura, a Ponte foi interdita em 1990, por alegado comprometimento de sua estrutura. Em 1994,

foi anunciada uma reforma nesta edificação por parte do governador do Estado, Ciro Gomes, o qual enfatizou em discurso que a “Ponte Metálica” era símbolo da cidade de Fortaleza e um espaço de afirmação de nossa identidade cultural, afirmando ainda que “foi aqui onde a cidade começou”⁴³ (*O Povo*, 17 de junho de 1994).

Após sua “inauguração”, em outubro de 1994, a Ponte tornou-se ponto turístico e cartão-postal da cidade (figura 14). Vale destacar que algumas matérias jornalísticas denunciaram o equívoco de sua denominação corriqueira, Ponte Metálica⁴⁴, passando a dar visibilidade a esse equipamento “reformado” por meio da designação Ponte dos Ingleses. Como informa Fortuna (1999), no turismo, mais do que em outras práticas sociais e de lazer, a transformação de uns critérios de identificação por outros é mediada pelo elemento físico e territorial, que conduz à “sacralização e mitificação dos lugares turísticos”. Nesse caso, a representação da “boemia”, utilizada em diferentes narrativas para referenciar a importância desse espaço da cidade, contribuiu para a construção de “lugares-mito”, que segundo Fortuna “são objeto de livres investimentos interpretativos e simbólicos por parte dos turistas” (1999: 68). Nesse caso, não só de turistas, mas também de diferentes visitantes, moradores da cidade que foram conhecer esse novo espaço.

Na Ponte foram edificados estabelecimentos privados, como um restaurante e uma sorveteria, e outros de propriedade da Universidade Federal do Ceará, como o espaço para exposições da vida marinha e um observatório de golfinhos. Foram colocados, também, postes de iluminação elétrica, bancos e uma cerca de proteção. Contíguos a nova estrutura em madeira, permaneceram cerca de 80 metros da estrutura original de concreto e ferro.

⁴³ / É importante ressaltar que a Ponte dos Ingleses teve sua construção iniciada nos anos 20, mas nunca chegou a ser concluída.

⁴⁴ / Ponte Metálica é a denominação oficial da outra ponte conhecida também como Ponte da Alfândega ou Ponte Velha, localizada defronte da favela do Poço da Draga e que a até os anos 50 funcionou como porto da cidade.

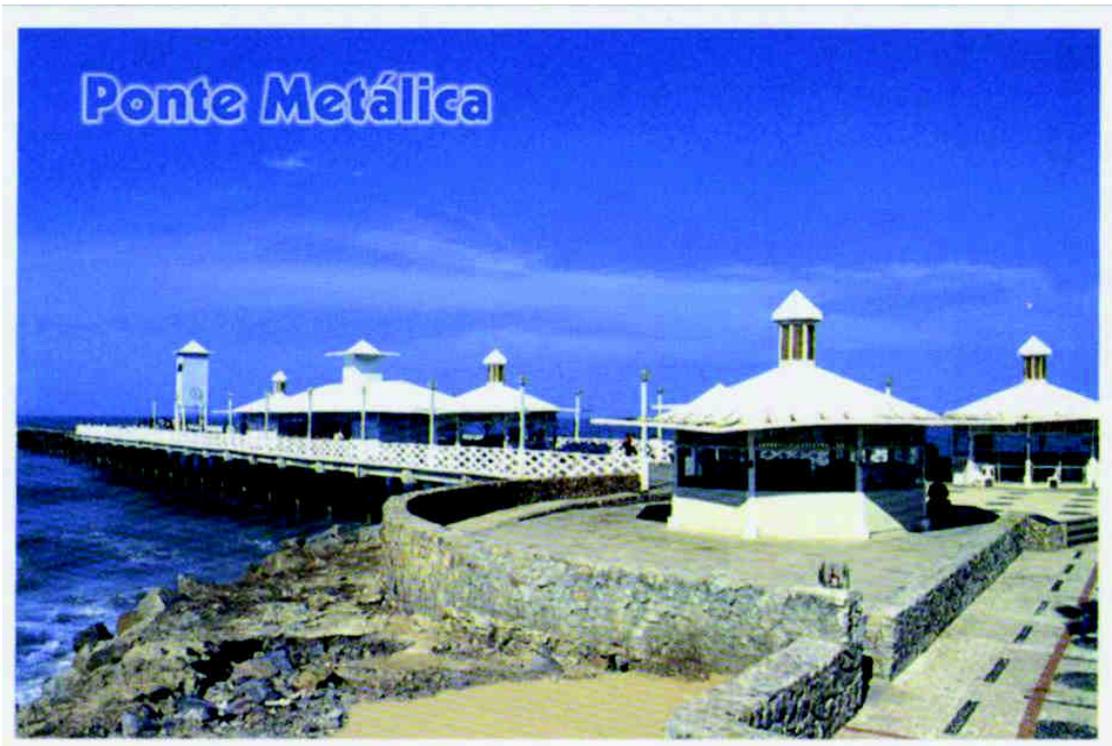


Figura 14 – Praia de Iracema, década de 1990. Cartão-Postal da Ponte dos Ingleses, porém fazendo referência a denominação corrente, “Ponte Metálica”. Fonte: CHACON.

A falta de participação dos usuários nessa intervenção desencadeou uma série de reclamações destinadas aos dirigentes políticos. Alguns moradores acusam o Governo do Estado de não ter apresentado o projeto de reforma da Ponte à Associação dos Moradores. Um antigo membro dessa associação declarou que existia um grupo de arquitetos que havia planejado como seria esse bairro. Segundo seu depoimento, foi pensado rua por rua: “nós fizemos três encontros de moradores para discutir com eles e a partir disso pensar o bairro”, mas esse projeto não foi executado; “construíram uma Ponte que não é jamais a Ponte sonhada pela gente; aquela ponte daquele jeito não tava dentro da nossa idéia nunca” (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005).

A nova arquitetura dessa edificação trouxe consigo sentidos que romperam com a representação da boemia de outros tempos. Uma moradora do bairro se refere à reforma da Ponte como um indício do fim da Praia de

Iracema. O tom nostálgico de sua fala denuncia também uma falta de identificação com a representação da Praia de Iracema como um bairro turístico da cidade.

A Ponte Metálica que pra mim, acabou o encanto, ela mudou, está mais segura e tudo, mas pra mim não tem mais, acabou aquele tchan que tinha, aquele encanto que você via, ficava lá vendo o pôr-do-sol, via a lua nascer, sentava pra ouvir algumas músicas e conversar com os amigos, acabou, acabou, isso não existe mais, aquela Praia de Iracema antiga morreu quem viveu, viveu, quem não viveu com certeza não vai viver nunca mais, é o que todo mundo fala aqui na Praia de Iracema, todos os moradores (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005).

Esse processo de permuta dos sentidos dos espaços, de vernáculos para “territórios lúdicos”, gera também a troca de seus usuários. Esse tipo de espaço passa a ser “exclusivo de seus compradores, ou seja, não é acessível a todos os grupos sociais” (Baptista: 2005). Os consumidores podem ser selecionados pelo seu poder aquisitivo, como também pela identificação com a “mercadoria ofertada”. Em outras palavras, as transformações dos espaços, por meio de intervenções planejadas para o consumo do lazer, provocam uma ruptura com as antigas formas vernáculas de usos. Como reflete este morador do bairro Praia de Iracema, sobre a reforma da Ponte: “Entra um *horror* de gente para conhecer a ponte, a ponte é pra gente, não que eu queira me apropriar daquilo, mas é como se você tivesse algo que é do seu bairro e deixa de ser seu, entendeu, que fosse da gente e dos outros, mas deixou de ser da gente” (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005). Assim, as apropriações deste espaço em termos de “ludificação” induziram aos novos usos e representações, transformando também o seu território ampliado, como o bairro e a cidade. Nesse sentido, a Praia de Iracema enquanto “lugar-mito” ou

“lugar turístico” passou a se relacionar com a cidade de Fortaleza como um espaço de lazer e turismo, atraindo uma grande quantidade de freqüentadores para esse bairro que se tornara um cartão de visita da cidade.

Esse contexto gerou também conflitos simbólicos em relação às representações da Praia de Iracema. O tom de protesto nas narrativas de alguns moradores era contraposto por discursos dos comerciantes favoráveis às novas apropriações, havendo inclusive críticas a uma certa cristalização da representação da “boemia” utilizada em algumas narrativas dos meios de comunicação, que apresentavam a “boemia” como algo estático. Vejamos a fala desse empresário do bairro, ao defender os novos usos no calçadão e na Ponte dos Ingleses. Na sua opinião, esses usos são fundadores de uma “nova fase” do bairro, onde diferentes grupos passaram a dividir um mesmo espaço.

*Com a inauguração da Ponte teve um certo momento que foi obrigado a interditar a Ponte porque não cabia mais gente na Ponte, então tinha que regulamentar o acesso por questão de segurança. Tinha tanta gente pra visitar que era obrigado a dizer, agora entra dez pessoas e sai dez pessoas como se fosse um museu. Então foi um grande fluxo, aí o fortalezense descobriu, então nós ficamos queridos aqui na Praia de Iracema, de uma certa maneira porque tinha certas pessoas que eram contra esse calçadão porque acabava com a **boêmia**, era saudosismo porque acabava com o reduto deles, mas eu acho que também era um egoísmo muito grande (...) esses **boêmios** vinham pro Estoril, depois chegava em casa botava uma camisa de cambraia, tirava o chinelo botava um sapato e iam pro late Club, que era um lugar mais chique, e naquela altura aqui em Fortaleza as elites não se misturavam, se tu chegasses no Estoril com um terno o pessoal te botava pra correr mesmo, quer dizer, se uma menina chegasse com a maquiagem um pouquinho a mais já era discriminada, então realmente é uma coisa que eu nunca concordo (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).*

Esse discurso associa a representação da “boemia” com elementos de segregação social do espaço da Praia de Iracema. Nesta perspectiva, esta representação, ao mesmo tempo em que contribuiu para todas as transformações espaciais e sociais no bairro, é vista também como saudosismo de antigos moradores e freqüentadores. Percebe-se que estes são acusados de se fecharem em grupos e não se “misturaram” com pessoas de outros grupos sociais.

Como mostra o quadro abaixo, nas representações por parte dos gestores, meios de comunicação e comerciantes, a Ponte dos Ingleses simboliza um patrimônio simbólico do bairro e da cidade. Já os moradores se mostraram insatisfeitos com a reforma, sentindo-se “invadidos” pelos visitantes deste lugar que se tornou, após a reforma, um cartão-postal da cidade.

Quadro 2: Representações da Praia de Iracema após a reforma da Ponte dos Ingleses

Atores sociais	Representações
Gestores	A Ponte dos Ingleses como ícone da cidade.
Meios de comunicação	A Ponte como patrimônio simbólico do bairro.
Comerciantes	Início de uma “nova Praia de Iracema”.
Moradores	“A Praia de Iracema antiga morreu”.

Estoril: patrimônio cultural da cidade

O Estoril tornou-se uma referência simbólica para esse processo de “ludificação” da Praia de Iracema. Situado na rua dos Tabajaras, esse antigo casarão, denominado Vila Morena, pode ser considerado a âncora para os novos usos e apropriações no seu entorno. Esse edifício é contemporâneo da

oficialização dessa área da cidade como bairro Praia de Iracema. Construído em 1925 como uma residência de veraneio de uma família abastada, atravessou a história do bairro em constante mutação. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi arrendado às tropas americanas e transformado em um cassino pelos oficiais, sob a denominação de *U.S.O. (United States Organization)*. Este período ganhou visibilidade social como uma fase de *glamour* para o bairro Praia de Iracema, como pode ser observado na descrição de Schramm (2001: 41): “a repercussão que o clube, de acesso quase exclusivo dos estrangeiros, teve na cidade deveu-se às suas noitadas patrocinadas pelo governo americano, com danças, jogos e shows de célebres artistas do cinema, como a famosa Heddy Lamar”. São comuns relatos de que esse clube tornou-se um atrativo para as moças, que se dirigiam ao local para namorar os oficiais americanos, ficando conhecidas na cidade como *coca-cola*, como referência ao refrigerante que ainda não era consumido em Fortaleza.

A partir de 1948, a antiga mansão Vila Morena tornou-se o restaurante Estoril, que segundo depoimentos de antigos moradores atraía “boêmios” e seresteiros da cidade. Esse período é descrito no livro *Estoril*, de Luciano Maia, com muita nostalgia: “... o Estoril era principalmente visitado por gente que lá ia (...) para um longo sarau: pandeiros, violões, cavacos e bandolins. Por esse tempo a turma jovem não havia descoberto o lugar. Os donos da noite do Estoril eram cobras criadas, músicos e poetas maduros” (Maia, 1995: 25). Essas narrativas são uma forma de legitimar os usos neste espaço, tendo em vista que a descrição de seus usos por meio de instrumentos musicais – *violões, cavacos e bandolins* – ou pelas designação – *músicos e poetas* – são referências à representação da “boemia” ou aos “bons usos” da Praia de Iracema.

O discurso acadêmico muitas vezes também se apropria desta representação da Praia de Iracema como em lugar boêmio, como pode ser visto nesta definição do Estoril durante a década de 1960, “palco de veladas

discussões de cunho político, seja de contestação dos costumes e de cultura, ou seja simplesmente pelas possibilidades da vida noturna: bebida, violão, namoros” Schramm (2001: 81). Percebe-se, nesta citação, que existe uma legitimação do Estoril enquanto um patrimônio simbólico da Praia de Iracema e da cidade de Fortaleza. Os discursos dos meios de comunicação também reafirmam esta representação descrevendo o Estoril, nos anos 60, como o lugar de “setores intelectualizados da cidade”.

Com a intensificação da especulação imobiliária, no final dos anos 80, o bar e restaurante Estoril, mesmo funcionando em precárias condições físicas e de higiene, continuava a ser referenciado nos meios de comunicação como ícone da boemia da Praia de Iracema. O valor simbólico desse edifício chegou a encobrir os riscos causados pela falta de segurança e limpeza, como pode ser observado no fato de que, após ser interditado pela Vigilância Sanitária, em 1989, foi reaberto no dia seguinte, por intervenção do prefeito da cidade. Esse fenômeno teve direito a matéria em jornal informando que o seu fechamento “... tinha levantado muita polêmica entre alguns de seus principais frequentadores” (*O Povo*, 24 de junho de 1989).

Em 1992, o Estoril foi desapropriado pela Prefeitura Municipal e tombado como patrimônio cultural em 1993, com objetivo de ser transformado em um Centro Cultural. Porém, em virtude do seu estado, em 1994 o prédio desmoronou, em decorrência de uma chuva. Após esse fato, largamente noticiado pela mídia, a prefeitura assumiu a sua imediata reconstrução.

No dia 31 de maio de 1995, estava estampado na capa de um dos principais jornais de Fortaleza: “Prédio abrigará Centro Cultural – Prefeitura reabre Estoril”. A matéria que noticiava esse evento era intitulada: “Novo Estoril será entregue à cidade a partir das 19 h”; em destaque havia uma referência ao Estoril como “ponto de encontro de **boêmios**, poetas e escritores da cidade”. Essa notícia denota que a representação da “boemia” estava sendo re-apropriada pelo poder público. Assim, de antigo reduto de lazer de um público específico da cidade, durante diferentes décadas, passando por períodos de

degradação física, esse imóvel passou a figurar como um elemento de referência da Praia de Iracema enquanto “território lúdico” da cidade (figura 15).



Figura 15 – Praia de Iracema, década de 1990. Imagem do Estoril reformado, apresentada na Internet, como meio de divulgação turística do bairro. Foto: Alex Uchôa.

Fonte: <http://www.citybrazil.com.br/ce/fortaleza/turismo.htm>

Um caso representativo para se pensar o significado simbólico dessa matéria jornalística é a inauguração da Rambla do Raval na cidade de Barcelona, em setembro do ano 2000, estudada por Joan Pujadas (2005). Os anúncios nos cartazes dessa cerimônia coincidem com os valores dos gestores de Fortaleza ao apresentarem o “novo Estoril” para as pessoas da cidade. Os lemas dos cartazes em Barcelona eram: “A Nova Rambla do Raval para as pessoas” e “O bairro do Raval dará as boas-vindas à senhora Luz e ao senhor

Espaço”. Ou seja, o Estoril, assim como a Rambla do Raval, são apresentados como bens que a cidade oferece à população e simbolizam também a transformação de usos nos espaços de “decadentes e degradados” a lugares de lazer da cidade.

Joan Pujadas (2005), na sua análise sobre “transformações urbanas, imaginários e actores sociais”, informa que as operações urbanísticas no bairro do Raval, além de modificarem as referências espaciais e simbólicas da comunidade, geraram processos de alteração dos fluxos humanos e mercantis, retirando o controle do espaço aos seus antigos moradores. No caso de Iracema, seus novos usos e representações também contribuíram para uma mudança no controle dos seus espaços, inclusive pela privatização de espaços públicos, como foi o caso do Estoril. Esse edifício, reconstruído para ser um espaço cultural, tornou-se um restaurante, que apresentava uma mureta construída para separar o calçadão de seu território privado, vigiado por seguranças.

Outro ponto em comum entre o bairro do Raval e a Praia de Iracema é a submissão desses espaços da cidade a uma pressão por parte de setores públicos e privados interessados em adquirir seus territórios. Como afirma Pujadas, esses espaços são espacialmente centrais e simbolicamente representativos para a consolidação de uma oferta de serviços financeiros, culturais, comerciais e hoteleiros.

Ainda no ano de 1994, uma matéria jornalística intitulada “Audiência pública hoje na Câmara Municipal vai discutir alternativa para a Praia de Iracema” (*O Povo* 21 de dezembro de 1994) chamava a atenção para os problemas decorrentes desses novos usos e apropriações. O título informava também que os moradores estavam preocupados com a concentração de freqüentadores e a poluição sonora. Segundo os moradores, os principais problemas que assolavam o bairro eram: 1) Poluição sonora; 2) Privatização das áreas públicas; 3) Trânsito congestionado e 4) Falta de segurança. Essas

matérias, assim como os relatos de alguns moradores, atribuíam esses problemas às intervenções urbanísticas que vinham transformando a imagem do bairro.

É importante salientar o lugar dos discursos sobre as diferentes classificações do bairro. Com a chegada de diferentes visitantes, foram vislumbradas, por parte dos investidores, novas possibilidades de desenvolvimento comercial nesse espaço. Então existiu uma espécie de alargamento dos “usos legítimos”, principalmente para os comerciantes, já que os novos freqüentadores desenhariam uma outra imagem da Praia de Iracema, associada a um *point* de lazer e turismo da cidade. Neste sentido, o público identificado como “boêmio” daria lugar a um público mais amplo e diversificado, atraindo também mais recursos financeiros para o bairro. A disputa simbólica por um “lugar” neste bairro tornava-se cada vez mais evidente. Como pode ser visualizado a seguir, os gestores acreditavam no potencial para o lazer do bairro apoiando-se nas representações simbólicas da “boemia”, enquanto moradores e comerciantes viviam situações de conflito perante os novos usos e apropriações.

Quadro 3: Representações da Praia de Iracema após a reinauguração do Estoril

Atores sociais	Representações
Gestores	A Praia de Iracema como referência da boemia da cidade.
Meios de comunicação	Lazer e boemia.
Comerciantes	A Praia de Iracema como um lugar de lazer e potencial econômico.
Moradores	Praia de Iracema como um lugar com excesso de freqüentadores e poluição sonora.

Espaços cênicos: rua dos Tabajaras e entorno

A Praia de Iracema foi “inventada” enquanto um lugar de lazer da cidade. Inventar vem do latim *invenire*, que significa na língua portuguesa descobrir, imaginar, arquitetar, idear, urdir ou tramar. Ou seja, esse bairro foi inventado porque as práticas sociais idealizam, concebem, tramam os sentidos dos espaços urbanos. Portanto, além dos “territórios lúdicos”, “que são lugares/cenários edificadas de raiz para serem usados como espaços de entretenimento” (Baptista, 2005: 47), na Praia de Iracema se constituíram também espaços cênicos, que podem ser definidos como lugares/cenários de lazer constituídos a partir de novos usos e apropriações. No caso de Iracema, além dos lugares “edificadas de raiz” para o lazer como o calçadão, existiu o fato de bares que viraram casas de show e ruas e passeios que se transformaram em ponto de encontro de diferentes moradores da cidade e turistas. Esses espaços públicos passaram a ser apropriados também por cadeiras e mesas de restaurantes e carros com som em alto volume. A Praia de Iracema tornou-se um “espaço cênico”, onde lugares/cenários voltados para o lazer foram se constituindo a partir de sua representação como bairro turístico e lugar de lazer, principalmente noturno.

Os meios de comunicação foram os mensageiros desse novo espaço concebido em Fortaleza. A representação da “boemia” expandiu-se para além das paredes do antigo Estoril e ainda no início dos anos 90, uma matéria de jornal anunciava que, ao darem uma volta por Iracema, os “novos boêmios” tinham como opção o La Trattoria, Cais Bar, Pontal de Iracema, Deck Bar e El Paredon, situados à beira-mar, sendo este último instalado em um casarão abandonado; o restaurante La Belle Époque, na rua dos Tremembés; o Hawaii Drinks Bar, AP-134 e o Kabaré da Pi Rita na rua dos Potiguaras. Na rua dos Tabajaras, além do Estoril, havia o restaurante Gettys, um dos mais sofisticados, e o Pirata Bar (*O Povo*, 29 de dezembro de 1991). Atribuindo um

tom poético aos novos espaços que se constituíam, algumas matérias de jornais se apropriavam da representação da “boemia” para descrever os novos freqüentadores e os lugares que estavam sendo inventados.

Pelas ruas e becos de denominação indígena (Pacajus, Guanacés, Cariris, Tremembés, Potiguaras, Cariús), espíritos trôpegos de maresia, boêmios redivivos [sic], criaturas amantes da noite vagam para um reencontro com os seus – e as suas. De tudo há para todo querer: barzinho, restaurante, buffet, chá, pizzaria, churrascaria, forró, jazz, cachaça, importados, lagosta, tucunaré, cabaré. Muita lembrança e indiferença; teoria e pilhação [sic] pelo meio ambiente; e à flor da pele, muita rima (O Povo, 29 de dezembro de 1991).

A mídia também assumiu o papel de identificar, em alguns estabelecimentos, novos referenciais da “boemia”, como o Cais Bar. Os principais atores desse espaço eram nomeados como “intelectuais, artistas e jornalistas”, ou também visitantes ilustres que ocupavam esse estabelecimento. Ou seja, existiu uma publicitação ou mesmo “oficialização” dos “usos e apropriações legítimos”. Como podemos ver no trecho abaixo, a matéria publicada no jornal *O Povo* enobrece esse bar.

Instalado em 1985, o Cais Bar se transformou num dos referenciais da boemia da cidade, num local onde se reúnem intelectuais, artistas, jornalistas... Ao som de um dos mais ricos “cardápios” musicais, regido pelo sensível “Barry White” (“que sempre solta a música que a gente quer ouvir” – como acentuam os freqüentadores). Pelas mesas do Cais já ancoraram pessoas como Luís Carlos Prestes, Lula, Roberto Freire, Luís Melodia, Djavan... (O Povo, 3 de julho de 1991).

Como vimos acima, a constituição dos “espaços cênicos” se dava por novos usos em espaços antigos. Então sem planejamento, estabelecimentos voltados para o lazer disputavam o espaço do bairro com residências e os usos

quotidianos dos moradores. Ainda no início dos anos 90, a rua dos Tabajaras e seu entorno tornaram-se também palco de conflitos entre essas antigas e novas apropriações. As novas práticas sociais deram visibilidade à Praia de Iracema também por fenômenos negativos como especulação imobiliária, poluição sonora e existência de estabelecimentos funcionando sem alvarás apropriados, conforme pode ser visto na matéria intitulada “Praia de Iracema quer fim do caos”:

A maioria dos bares e pousadas que começam a ganhar o cenário original do bairro, por exemplo, funciona irregularmente. É o que reconhece o arquiteto Luís Fernandes, citando o caso do “Bar e Restaurante o Pirata” como um desses exemplos. Com um alvará de bar e restaurante, o estabelecimento vem funcionando nesses últimos tempos como casa de “show”, desrespeitando continuamente os padrões de permissão sonora, definidos em 60 decibéis (O Povo, 3 de julho de 1991).

Nessa disputa pelo espaço de Iracema emergiu um clima de rivalidade entre os antigos proprietários de bares e os investidores recém-chegados ao bairro. No cerne da polêmica estava também uma re-apropriação da representação da “boemia”. Falava-se em “boemia *high tech*”, “nova boemia” e “modernização da boemia”. Em meio a este fato, a mídia passou a dar visibilidade a essa disputa e aos problemas causados pela grande quantidade de pessoas que adentravam o bairro, noticiando argumentos de antigos e novos comerciantes na defesa do seu espaço.

A boêmia também se moderniza – acentuam os proprietários do Deck [Deck Bar era um bar, com um certo requinte, situado no calçadão da Praia de Iracema]. Para explicar o clima que se instalou na Praia de Iracema, depois da chegada do bar. Eles reconhecem que o engarrafamento de carros é consequência da presença da clientela

do Deck. Davi e Camargo acreditam que o destino da Praia de Iracema é transformar-se num Bexiga paulistano ou numa Lapa carioca. ⁴⁵ (...) [Já] os proprietários do Cais Bar, no último final de semana tiveram uma iniciativa incomum. Indiferentes aos prejuízos que pudessem decorrer da decisão, eles fecharam o bar no momento de maior movimentação. “É uma tentativa de preservar um espaço que se harmoniza com o clima do bairro” (O Povo, 3 de julho de 1991).

Os espaços que estou denominando de “cênicos”, os gestores, empresários, moradores e a mídia definem como “requalificação espontânea” ou “vocação natural para o lazer” devido ao “passado boêmio”. Ou seja, a representação da “boemia” relativa aos usos e apropriações pretéritas no bairro impulsionou as mudanças sócio-espaciais, especialmente a partir de meados dos anos 1980, quando a iniciativa privada promoveu investimentos neste espaço da cidade. Esta representação foi responsável também por intervenções dos governos estadual e municipal, tornando a Praia de Iracema o “cenário” ou “vitrine” dos novos projetos administrativos.

Com espaços cênicos e “territórios lúdicos”, a Praia de Iracema foi se reconfigurando. Em pouco mais de uma década, esse espaço da cidade foi perdendo suas características de bairro residencial e passou a ser apresentado em guias turísticos como opção de visita da cidade de Fortaleza. No ano 2000, o “Folder Turístico e Cultural de Fortaleza” apresentava a Praia de Iracema como:

Muito conhecida pelos poetas e escritores, ela recebeu este nome em homenagem à lendária “Índia Tabajara” a “Virgem dos lábios de mel”. A Praia de Iracema convive dia e noite com boêmios, artistas,

⁴⁵ / O Bexiga e a Lapa são bairros reconhecidos nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, como espaços de lazer.

intelectuais, turistas e moradores. Recentemente urbanizada, abriga uma infinidade de bares, restaurantes, danceterias. Sua arquitetura local é preservada pelo Patrimônio Histórico Municipal.

Assim, a gestão do prefeito Juraci Magalhães, cuja marca era “Fortaleza faz mais por você”, divulgava o seu modelo administrativo. Referindo-se à intervenções na Praia de Iracema como “urbanização”, percebe-se nesse meio de divulgação do bairro um apelo à “boemia”, sendo a frequência de “artistas e intelectuais” apontada como um elemento de valorização do bairro. Realizando o desejo de estetização dos espaços das cidades, ou seja, sua tematização ou espetacularização, própria desse modelo administrativo implantado na cidade de Fortaleza nos anos 90, a Praia de Iracema era apresentada nesse folder turístico por meio do conceito de “lugar boêmio”.

Na segunda metade da década de 1990, a Praia de Iracema já estava consolidada como o espaço de lazer mais procurado por turistas e fortalezenses. No prédio do Estoril reconstruído, passou a funcionar um bar, um restaurante e um espaço para eventos culturais. Com o controle dos espaços geridos pela iniciativa privada, o casario da rua dos Tabajaras, defronte ao Estoril, deixou de ser residencial para passar a abrigar bares e restaurantes (figura 16). Tornando-se “espaço-mercadoria”, esse casario foi pintado com cores vibrantes e diferentes, e restaurantes famosos da cidade como o Colher de Pau e o *La Bohème* se instalaram nesses imóveis.



Figura 16 – Rua dos Tabajaras. A partir da segunda metade dos anos 90 estas casas residenciais foram apropriadas por bares e restaurantes. Imagem apresentada em uma matéria do jornal *O Povo* a respeito do bairro Praia de Iracema. Fonte: Jornal *O Povo* 23 de Agosto de 2002.

Apropriando-me da idéia de *marketing* urbano, enquanto esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão de cidades, concordo com Borja e Forn (1996) ao informar que no planejamento estratégico a cidade torna-se mercadoria, e vender a cidade converteu-se em uma das funções básicas dos governos; então a questão a ser pensada, no caso da Praia de Iracema é: quem o governo tinha em vista como comprador? Especialistas no *marketing* urbano falam em realizar um diagnóstico das características da cidade e dos mercados a quem ela pode ser vendida, examinando adequadamente o tipo de consumidor virtualmente sensível aos atributos locais que a cidade oferece ou pode oferecer (Kotler, Haider, Rein, 1994); ou seja, a venda da cidade é a venda de seus atributos, mas também passa por um conceito, uma marca de divulgação das mercadorias. No caso em questão, a “infinidade de bares, restaurantes e danceterias” se define como uma estratégia de *marketing* destinado ao turista ou ao morador da cidade adepto ao lazer noturno.

Com os investimentos da iniciativa privada, decorrentes das intervenções implementadas pelos governos Estadual e Municipal, a representação simbólica da “boemia” foi sendo re-apropriada de maneiras diferenciadas: enquanto para os gestores e comerciantes a “boemia” justificava as transformações espaciais e sociais, os moradores faziam severas críticas a esta imagem. Como mostra o quadro abaixo, a disputa em torno destas representações também estava presente nos meios de comunicação, que realçavam esta imagem, mas denunciavam usos indevidos por parte dos investidores e freqüentadores.

Quadro 4: Representações da Praia de Iracema após o surgimento de diversos bares e restaurantes

Atores sociais	Representações
Gestores	A Praia de Iracema como Patrimônio Histórico Municipal; Lugar de lazer.
Meios de comunicação	Boemia; Lazer; Apropriações irregulares.
Comerciantes	Modernização da boemia.
Moradores	Boemia <i>high tech</i> .

Pirata – “A segunda-feira mais louca do mundo”

O Pirata foi fundado em novembro de 1986 pelo português Júlio Trindade. A sua proposta inicial era abrir um restaurante na Praia de Iracema. Segundo seu depoimento, nessa época o bairro se encontrava em “decadência”, tendo sido inclusive desaconselhado a abrir um estabelecimento nesse bairro, por ser reduto de “ladrões, maconheiros e petistas”. Contudo, vislumbrando um potencial no bairro, ele inaugurou o restaurante. Para Rodolphe Trindade, seu filho, o restaurante foi um sucesso: “o Pirata abriu no

dia 21 de novembro de 1986. Ele abriu porque a gente não tinha mais dinheiro pra poder continuar a obra, então a gente teve que abrir. Funcionava todos os dias. A gente abriu e no primeiro dia estávamos lotado, então todos os dias estávamos lotados”. Após alguns meses de funcionamento, passou a funcionar também um bar: o “Bar e Restô Pirata”. Seu objetivo era oferecer um espaço cultural, freqüentado por um público já tradicional do bairro, ou seja, profissionais liberais, artistas, intelectuais e políticos, pessoas identificadas com a imagem de “boemia” do bairro.

A partir de 1987, esse estabelecimento passou a proporcionar outras opções de entretenimento, como um forró às segundas-feiras. Segundo relato do Sr. Júlio Trindade, o forró começou por acaso:

Uma senhora “da sociedade” de Fortaleza escolheu o Pirata como local para comemorar o seu aniversário, numa segunda-feira, dia praticamente morto em termos de diversão noturna, na cidade. Então contratei um casal de palhaços holandeses, que estavam por aqui, para animar a festa, que era exclusivamente de mulheres. Depois que elas beberam ficaram mais animadas e quiseram dançar. Como não havia quase ninguém, chamei os garçons e cozinheiros e fomos dançar forró com elas. A animação chamou atenção de pessoas que por ali passavam e se incorporaram. Na segunda-feira seguinte várias pessoas voltaram à procura do forró. E assim nasceu a tradição dos forrós às segundas-feiras (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).

Além do “forró pé-de-serra”⁴⁶, o Pirata passou por diversas fases, abrigando diferentes eventos como shows de MPB, lançamentos de livros,

⁴⁶ / Denominação dada ao forró que é tocado com sanfona, zabumba e triângulo.

exposições de artistas plásticos, festivais de humor e de música brega⁴⁷. O Pirata também foi palco de festas para lançamentos de candidaturas de vereadores e prefeitos como o forró dos “prefeiturados”, que aconteceu no ano de 1987. Outra atração nessa época era a famosa “grade do Pirata”, que consistia em uma grade de ferro que separava o estabelecimento da praia, permitindo uma visão dos shows e demais eventos. Esse espaço era ocupado por uma grande quantidade de jovens que se reuniam para assistir aos shows gratuitos.

No final da década de 1980, o forró do Pirata já era um sucesso. Esse fato, além de atrair muitos freqüentadores, principalmente turistas, acirrou uma concorrência entre empresários da noite, que se instalaram ali na busca de atrair o público deste estabelecimento.

Nesse período, se iniciou uma disputa entre o Pirata e uma casa de show que se fixou ao seu lado, que ficou conhecida como “guerra dos forrós”. Assim, enquanto espaço cênico – onde os usos definiam novos significados para os espaços antigos – , o grande movimento de pessoas e carros que se dirigiam ao bairro, aliado à poluição sonora, ocasionou muitos conflitos entre o proprietário do Pirata e moradores do bairro, sendo aquele acusado de promover poluição sonora.

Porém, segundo o Sr. Júlio Trindade, o Pirata buscou desde o início estabelecer um vínculo de cordialidade com a vizinhança, abrindo as portas para a comunidade carente do bairro em alguns eventos como a distribuição de tíquetes de leite⁴⁸, festas de Natal, Dia das Mães, baile para os idosos, entre outros.

⁴⁷ / São músicas associadas a gostos suburbanos.

⁴⁸ / Tíquetes que eram distribuídos pelo Governo Federal, na época do presidente José Sarney.

A distribuição dos tickets de leite acontecia no Pirata pra impedir que as crianças ficassem na rua, podiam ser atropeladas, ficassem no sol, na chuva, então o Pirata aos sábados de tarde era o local de distribuição, a Associação [dos Moradores] pegava como se fosse a sede dela, e nesse ano [1986], já nesse final de ano, o natal das crianças da Praia de Iracema, já foi no Pirata e sendo eu mais o meu filho que fomos de bar em bar até fazermos uma coleta, para que trouxéssemos esse dinheiro pra Associação de Moradores, então isso quer dizer que desde o primeiro mês estamos integrados [no bairro] (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).

O seu discurso denota que existiu uma estratégia simbólica de apropriação neste espaço da cidade, no qual seus usos seriam legitimados por alguns moradores estabelecidos no bairro que partilhavam de suas estratégias de apropriação, se beneficiando destas ou apoiando algumas iniciativas.

A partir de 1992, o Pirata passou a abrir suas portas somente às segundas-feiras, com o forró. Ao investir nesta proposta, o morador de Fortaleza que freqüentava esse estabelecimento se afastou. Segundo Rodolphe Trindade, o fortalezense se afastou “quando, o Pirata, deixou de funcionar na semana pra funcionar somente na segunda, e daí a cara feia da turma que curtia música [MPB] dizendo que a gente tinha ficado rico pra justamente começar a fazer só dinheiro”. Para Rodolphe, a visão do Pirata como um lugar para turistas gerou uma imagem negativa desse espaço na cidade de Fortaleza: “a gente não tinha a simpatia de uma certa elite intelectual daqui porque a gente tava fazendo uma coisa pra turista, então pra eles a gente tava deturpando a imagem”.

O fato é que o Pirata contribuiu para as rápidas transformações sociais e espaciais da Praia de Iracema. Como afirmou um antigo morador do bairro, “a partir do Pirata começamos a ser incomodados com a poluição sonora, aqui ninguém conseguia dormir” (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005). Esse fenômeno impulsionou a permuta de casas residenciais para

estabelecimentos comerciais noturnos, como bares e restaurantes. Os usos nesses espaços levaram também a novas representações da Praia de Iracema, pois as práticas sociais dos novos usuários passaram a ser recorrentemente descritas como comportamentos não condizentes com uma área residencial.

Ele [o Pirata] invadiu um lugar que era cheio de residências, ao redor dele era tudo residência na frente dali e todas as pessoas saíram de lá por causa do Pirata, entendeu, por causa dele, porque não dormiam, não era nem pelo barulho deles, era pelo simples fato de que as pessoas ficavam na porta gritando, e tinha aquela baderna em frente do Pirata, porque você sabe que todo lugar que tem casa de show as pessoas ficam do lado de fora, tem aquele movimento de entrada, de saída, então todos os moradores dali da Praia de Iracema, dali daquele quarteirão do Pirata saíram de lá, porque não agüentaram, então ele não é o culpado? (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005).

Com essa nova configuração na parte costeira do bairro, que envolve o Largo Luiz Assumpção, o calçadão, a Ponte dos Ingleses, o Estoril na rua dos Tabajaras e seu entorno, ou seja, rua Cariris, rua Tremembés, e rua dos Potiguaras, a Praia de Iracema chegou ao apogeu comercial, com uma grande movimentação de fortalezenses e turistas que ocupavam os novos bares e restaurantes. Como afirma o Sr. Júlio Trindade, “em 1995 nós [o Pirata] estávamos lá em cima, lá em cima da mídia, nós éramos o ponto mais nobre que tinha ao mesmo tempo o consumo do turista e da inteligência [dos intelectuais]”. Essa sua afirmação pode ser confirmada em uma matéria de jornal intitulada “Quem resiste à noite?”, comentando as opções da noite de Fortaleza, e coloca o Pirata entre as boates mais famosas da cidade, como: Éden, Biruta, Degraus e Platôh (*O Povo*, 17 de setembro de 1995).

Consolidou-se, assim, a representação do *marketing* turístico da Praia de Iracema conhecida nacional e internacionalmente, pois o Pirata foi noticiado no jornal norte-americano *The New York Times*⁴⁹ como a “segunda-feira mais louca do mundo”. Esse fenômeno desencadeou a crença de que a Praia de Iracema atingiria graus ainda mais altos de desenvolvimento turístico. Como podemos ver no depoimento abaixo, o proprietário do Pirata chegou a acreditar que a representação da “boemia” levaria a Praia de Iracema a se consolidar como o maior centro de lazer da América Latina.

*Eu penso que, no futuro, a Praia de Iracema vai começar no Marina Park, até à [rua] João Cordeiro, indo até Monsenhor Tabosa e Cristo Redentor; vai ser, certamente, o maior centro de lazer da América Latina. Hoje, a Praia de Iracema não pode ser considerada apenas de duas ou três pessoas que reclamavam disso ou daquilo. A Praia de Iracema é de todas as pessoas de Fortaleza, das pessoas que nos visitam. (...) As pessoas precisam de lazer. Então, a **nova boemia** é essa. Ninguém pode lutar contra o progresso. A Praia de Iracema é uma festa e ninguém pode fazer nada contra isso* (Transcrito de “Iracema – Praia dos Amores”, filme em VHS com roteiro de Dulcinéia Gil. Direção de Produção de Beatriz Furtado; Direção-Geral de Nilton Melo Almeida. Fortaleza, TV Ceará, Canal 5, 1994).

A instalação do Pirata contribuiu para as transformações espaciais e sociais no bairro Praia de Iracema, gerando disputas simbólicas que confrontaram comerciantes e moradores. Este equipamento colaborou também para as representações por parte dos gestores e meios de comunicação, que associavam o bairro a um lugar de lazer.

⁴⁹ / Em pesquisa no *site* do Pirata há um destaque para esta notícia, mas investigando no arquivo on-line do jornal *The New York Times* não localizei a data dessa matéria que faz referência ao Pirata como *the craziest monday in the world*. Porém, nesse *site* há uma matéria do jornal *Estado de São Paulo* de 15 de setembro de 1999 cujo título é “Noite de Fortaleza foi parar no ‘NY Times’”.

Quadro 5: Representações da Praia de Iracema após a instalação do Pirata

Atores sociais	Representações
Gestores	Boemia e lazer.
Meios de comunicação	A Praia de Iracema como um lugar de lazer noturno.
Comerciantes	Desenvolvimento comercial do bairro.
Moradores	Poluição sonora; Transformação do caráter residencial do bairro.

1995 – A “PI” é uma “festa”

A Praia de Iracema a cada ano ganhava mais visibilidade na mídia. Só no ano de 1995 identifiquei trinta matérias jornalísticas sobre a Praia de Iracema, das quais dez se referiam ao bairro como “reduto da boemia”. Foi nesse ano o aniversário de 10 anos do Cais Bar, (figura 17) com direito a matéria jornalística intitulada “Bar símbolo da boemia cearense comemora 10 anos de existência” (*O Povo*, 18 de janeiro de 1995); foi também a comemoração dos 70 anos do bairro, que ganhou um caderno especial no jornal *O Povo*, fazendo referência à Praia de Iracema como um dos recantos da orla marítima mais procurados por turistas e fortalezenses (*O Povo*, 3 de junho de 1995). Este foi também o ano da reinauguração do restaurante Estoril referenciado em matéria do jornal *Diário do Nordeste* como “o ponto de encontro de boêmios, poetas e escritores da cidade” (*Diário do Nordeste*, 31 de maio de 1995).



Figura 17 – Convite do aniversário de 10 anos do Cais Bar. Imagem do painel, criado por Valber Benevides, que retrata um bar imaginário chamado “Bar Luiz Assumpção” ocupado por artistas famosos da música popular brasileira/MPB, o qual era localizado em uma das paredes do bar. Fonte: Convite.

Essa reafirmação da construção simbólica da Praia de Iracema – ou “PI”, como ficou conhecida entre os jovens da cidade – como lugar de lazer e turismo estava em comunicação com as novas representações da cidade de Fortaleza, que passara a ser identificada como “a Miami do Nordeste” ou “Caribe Brasileiro”.⁵⁰ Vejamos na citação a seguir:

Fortaleza, a capital do Ceará, está na moda. (...) A Miami do Nordeste”, como definiu recentemente o jornal carioca O Globo,

⁵⁰ / Fortaleza, antes dos anos 90 era identificada em alguns meios de comunicação social como capital de um Estado seco e pobre.

Fortaleza é também considerada o “Caribe Brasileiro” por Walter Negrão, autor da telenovela “Tropicaliente” [produzida em Fortaleza e veiculada pela Globo em 1994] (O Povo, 6 de março de 1994).

Essa nova representação da cidade contribuiu para uma expansão do turismo, que aumentou em 30% nos primeiros anos da década de 1990, chegando a ser em 1997 a cidade mais procurada por turistas brasileiros (Benevides, 1998). A construção simbólica de uma “Fortaleza turística” foi resultado da implantação do modelo administrativo que assumiu as intervenções urbanísticas para fins de turismo e lazer como prioridade.

Tendo como “vitrine” dessa política a Praia de Iracema, essa expansão do turismo levou à sua consolidação como principal destino turístico da cidade. Fenômeno que contribuiu também para a execução de novos processos de intervenção urbanística, como foi o caso de um projeto para a construção da “Baía de Iracema”. Tal projeto foi fartamente noticiado nos meios de comunicação como um “mega projeto da Prefeitura Municipal de Fortaleza” para edificação de um complexo turístico conhecido também como Península de Iracema, a qual ocuparia 50 hectares com área marítima aterrada (O Povo, 26 de junho de 1995).⁵¹

Além de repercutir nas transformações físicas, a nova imagem da Praia de Iracema contribuiu também para acentuar as disputas quanto aos seus usos. Ainda nos anos 90, Iracema foi palco de conflitos simbólicos entre investidores, gestores, moradores e diferentes usuários dos espaços públicos e privados, entre eles os turistas e os habituais e novos freqüentadores. Como os usos e apropriações do espaço alimentam as representações, o *boom* do turismo e lazer implicou a associação do bairro à idéia de um lugar agredido

⁵¹ / A Prefeitura chegou a construir um aterro na Praia de Iracema, mas o projeto da Baía de Iracema não foi executado.

pela poluição sonora, ocupação indevida do espaço público, tráfico de drogas e violência.

O ano de 1995 pode ser identificado também como o momento em que a Praia de Iracema ganha visibilidade por problemas decorrentes dos novos usos e representação. A representação da “boemia” passou a ser constantemente contrastada, na mídia, por denúncias de uma certa degradação social do bairro. Ao lado de títulos que ressaltavam a face boêmia da “PI”, havia “alertas” contra os novos tipos de usos e apropriações, como pode ser visto nesses títulos: “Praia de Iracema: corredor da droga” (*O Povo*, 25 de março de 1995); “Moradores da Praia de Iracema comparecem hoje ao DECOM para entregar um abaixo-assinado. Documentos contêm denúncias sobre poluição sonora e ocupação indevida; Barulho incomoda até as 4 h da manhã” (*O Povo*, 29 de março de 1995); “Moradores denunciam: insegurança, assaltos e tráfico de drogas tiram tranqüilidade da praia” (*O Povo*, 16 de maio de 1995); “Som alto e pagode incomoda morador da Praia de Iracema” (*O Povo*, 29 de maio de 1995); “Moradores da Praia de Iracema denunciam aumento da violência e reivindicam reforço na segurança. O volume alto do som dos carros também incomoda as pessoas residentes no bairro” (*O Povo*, 29 de maio de 1995).

Percebe-se por meio dessas matérias que o maior conflito, em meados dos anos 90, era quanto à falta de harmonia entre os bares e as residências que ainda restaram após as intervenções urbanísticas que vinham transformando a paisagem da Praia de Iracema. Em entrevista a um casal de ex-moradores que residiu durante 25 anos no bairro, foi afirmado que: “a gente sempre se queixou contra o barulho, porque quem trabalha de dia precisa dormir de noite; a nossa questão nunca foi moral, ela sempre foi legal institucional, do direito de todos”. O predomínio de bares e restaurantes responsáveis por essa “degradação do espaço residencial”, foi, na opinião desse casal, uma falta de planejamento urbano, pois com as intervenções voltadas para o lazer houve uma supervalorização dos imóveis. Assim, “quem

era proprietário tinha o poder de decidir se vendia ou se ficava; mas quem era inquilino não tinha poder nenhum, porque as casas eram solicitadas pelos proprietários para serem transformadas em casas comerciais que evidentemente os aluguéis ficavam mais altos”. Eles informaram também que a primeira reivindicação foi contra a poluição sonora, seguida da ocupação das ruas pelos carros: “uma vez nós fizemos uma medida de quantos carros estavam na Praia de Iracema do DNOCS⁵² até a igreja de São Pedro [que corresponde a cerca de 2 km] e correspondia a uma carreta de carros da Praia de Iracema ao Iate Club, [que corresponde a cerca de 6 km] então era uma sobrecarga automotiva expressiva incontrolável porque não tinha estacionamento nem nada, e não tinha lei” (Entrevista concedida em 27 de julho de 2005). É importante ressaltar que existia um grande número de automóveis particulares, porque naquele momento o bairro era bastante apropriado por moradores de classe média da cidade, que se dirigiam aos bares e restaurantes nos seus automóveis.

Antevendo uma “deterioração” das relações de sociabilidade nesse bairro, decorrente de uma luta simbólica entre os moradores, comerciantes e frequentadores, dentre eles o turista, um morador do bairro denunciou no jornal *O Povo* que: “Os donos de bares daqui impõem um repertório na altura que querem e não se relacionam de modo democrático com sua vizinhança. **É inevitável uma asfixia da Praia de Iracema**” (*O Povo*, 3 de junho de 1995, grifos meus).

Nesse mesmo ano, no mês de julho, foi encaminhado pelos moradores do bairro um abaixo-assinado ao juiz da Quarta Vara da Fazenda Pública do Estado do Ceará, reivindicando uma solução para o “Caos Urbano” que havia se instalado na Praia de Iracema.

⁵² / Prédio que abrigava o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca/DNOCS.

*Nós, abaixo-assinados, moradores da Praia de Iracema e também **signatários de inúmeros outros documentos enviados ao DECON ao longo dos últimos 6 anos**, temos a dizer que, o reconhecimento pelo Ministério Público da legitimidade da queixa dos moradores contra o abuso sócio-ambiental que aqui se pratica, em nome da cultura e do Turismo, e a Liminar Judicial concedida pela 4ª. Vara da Fazenda Pública do Estado do Ceará, não foram ainda o suficiente para que a SPLAN, de modo efetivo e com a devida autoridade, **amenizasse o CAOS URBANO que se instala no bairro a partir da noite de sexta-feira, atinge o seu clímax na segunda-feira e somente termina na madrugada de terça-feira e, assim mesmo, para logo mais reiniciar**. As ruas continuam cheias de carros num trânsito caótico e desassistido pela autoridade competente. Os Bares e Casas de SHOW continuam invasivos como sempre, abusando do som e ganhando as calçadas e as ruas com mesas e cadeiras. Será que os bares e casas de show podem continuar fazendo o que fazem em detrimento dos Direitos do cidadão? Confiamos na Justiça!*

Fortaleza 21 de Julho de 1995 (Fonte: arquivo pessoal de Waldelice Ratts, moradora da Praia de Iracema; grifos meus).

Como a “requalificação” conduz ao “consumo do lugar” (Zukin, 2000), o que foi presenciado na Praia de Iracema foi uma supervalorização dos “produtos vendidos”, ou seja, uma grande valorização dos imóveis e conseqüentemente um aumento nos valores dos aluguéis e dos serviços e produtos ofertados. Esse processo desencadeou a monofuncionalidade, com a predominância de bares e restaurantes no bairro.

Fausto Nilo, um dos arquitetos responsáveis por obras de intervenção na Praia de Iracema⁵³, defende que esses problemas emergiram por falta de um planejamento urbanístico que adequasse o turismo às necessidades de um bairro residencial. Em entrevista, ele afirmou que

Apareceu de maneira espontânea uma vocação expressa [desse bairro] para receber visitantes com grande atratividade, então é uma coisa que muitas cidades gastam muitos dólares e não conseguem. Fortaleza teve isso de graça, apareceu no período do Juraci [Magalhães, prefeito]. Nessa época eu tive oportunidade, em locais públicos, de alertar para a seguinte coisa: quando isso ocorre, para ter um turismo saudável tem que apoiar as comunidades existentes (Entrevista concedida em 27 de novembro de 2006).

Mesmo denunciando a insatisfação dos moradores da Praia de Iracema com a nova configuração desse espaço, a mídia continuava associando alguns usos no bairro com a representação da “boemia”, como pode ser visto nessa matéria do jornal *O Povo*, que define a Praia de Iracema como “a principal inspiração dos compositores cearenses que fazem de suas músicas cartões-símbolos da cidade” (*O Povo*, 4 de dezembro de 1995). Ou seja, independentemente dos conflitos simbólicos decorrentes da falta de “negociação” quanto aos usos e apropriações desse espaço da cidade, a “PI” ainda era referenciada nos meios de comunicação social como uma “festa”.

Em decorrência dessa consolidação da Praia de Iracema como um lugar de lazer, no dia 30 de outubro de 1995 foi votada, em regime de urgência, a Lei Nº. 7814 dividindo o bairro em três setores com funções distintas. O Setor 1 abrangia a comunidade do Poço da Draga; o prédio da Alfândega, onde passou

⁵³ / Fausto Nilo foi responsável pela reforma da Ponte dos Ingleses e, juntamente com o arquiteto Delbergue Ponce de Leon, projetou o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

a funcionar a Caixa Econômica Federal; a Casa Boris, que foi um estabelecimento de exportação e importação no final do século XIX e início do XX, e antigos armazéns, que tiveram seu apogeu comercial quando o porto se localizava na Praia de Iracema até meados do século XX; esses prédios estavam na sua maioria fechados ou ocupados por alguns ateliês de artistas plásticos. Contudo, com a ascensão do lazer noturno na parte costeira do bairro, alguns bares, como o Coração Materno e o Besame Mucho, se instalaram nessa área mesmo apresentando pouca movimentação de pessoas⁵⁴. Esse espaço, ou Setor 1, outrora denominado Prainha, e que oficialmente está dentro das fronteiras do bairro Centro, foi destinado à **revitalização**, com incentivo aos usos habitacional, cultural, de lazer e hotelaria, possibilitando a construção de edifícios com 16 pavimentos e edificações de grande porte, como casas de shows. O Setor 2, envolvendo a rua dos Tabajaras e entorno, entre a Ponte dos Ingleses e a Igreja de São Pedro, foi considerado área de **preservação**. O Setor 3, definido pelas quadras ao norte da Avenida Historiador Raimundo Girão até a rua Idelfonso Albano, foi destinado à **renovação** urbana (figura 18). Destinando o Setor 1 para fins de “revitalização”, os gestores poderiam oferecer uma maior visibilidade a este espaço do bairro por meio de projetos que o integrassem no circuito do lazer e turismo que caracterizava a atual imagem da Praia de Iracema. Assim se consolidou, nesse espaço, a estratégia do governo do Estado de estabelecer uma nova política cultural para o Ceará por meio de um “Centro de Cultura”.

⁵⁴ / “Freqüentadores fogem do rebuliço e descobrem novos *points*” (*O Povo*, 3 de abril de 1993).

Legenda

- 1 Poço da Draga
- 2 Caixa Econômica Federal (antiga Alfândega)
- 3 Casa Boris
- 4 Ponte dos Ingleses
- 5 Rua dos Tabajaras
- 6 Igreja de São Pedro
- 7 Avenida Historiador Raimundo Girão
- 8 Rua Idelfonso Albano

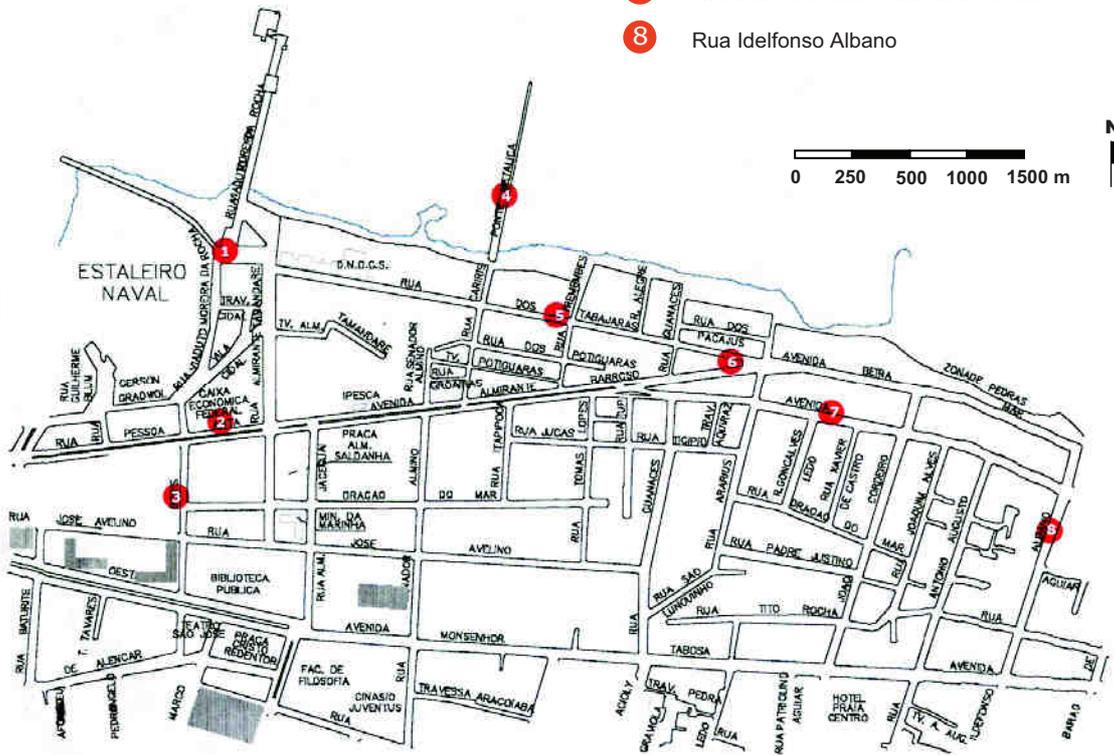


Figura 18 – Mapa com destaque para locais situados nos setores estabelecidos na Lei Nº 7814 de 30 de Outubro de 1995. Locais 1, 2 e 3 estão situados no Setor 1 ou área de revitalização; 4, 5 e 6 fazem parte do Setor 3 ou área de preservação e 7 e 8 estão no Setor 3 ou área de renovação. Fonte: IBGE. Desenho Zélia Simões.

Para além da “festa”, a Praia de Iracema passaria a oferecer “cultura”, como pode ser visto num texto anexo ao Plano de Desenvolvimento Cultural de 1995, intitulado “Proposição para a criação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura”, onde se lê: “(...) nossa ação cultural visa à inquietação. Não será, portanto, o Centro Cultural um espaço de reforço ao estabelecido. O Centro

Cultural não é um local de apaziguamento, de ajustamento. Será, portanto, um lugar de invenção artística e social” (Estado do Ceará/ Secult, 1995: 73).⁵⁵

Alguns críticos do planejamento estratégico urbano acusam esse modelo administrativo de “culturalismo de mercado”, onde a cultura, “que nos primórdios da Era Industrial se cristalizara como esfera autônoma dos valores antimercado” (Arantes, Vainer e Maricato, 2002: 16), passa a ser uma mercadoria oferecida no *marketing* urbano. Como informa Arantes (2001), à medida que a cultura passava a ser o principal negócio das cidades que adotavam as intervenções urbanas como projeto de administração, ficava cada vez mais evidente para os agentes envolvidos na operação que ela, a cultura, seria um dos poderosos meios de controle urbano. Nesse contexto, veremos a seguir como o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi incorporado nos usos, apropriações e representações do bairro Praia de Iracema.

Lazer e consumo cultural: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

No dia 8 de agosto de 1998 o Centro Dragão do Mar começou a funcionar em caráter experimental, sendo inaugurado oficialmente no dia 28 de abril de 1999 (figura 18). Esse equipamento ocupou o equivalente a quatro quarteirões e passou a oferecer ao bairro um complexo com uma arquitetura monumental para os padrões estéticos de Fortaleza, com salas de teatro, auditório e cinema; um museu de arte contemporânea; o memorial da cultura cearense; uma livraria; ateliê; um café; um planetário; um anfiteatro; e o espaço da ágora ocupado por um gramado. O projeto previa a inclusão da Ponte dos Ingleses e da Biblioteca Pública Menezes Pimentel; contudo, só a biblioteca foi conectada ao Centro Cultural, em abril de 2002 (figura 19). No espaço contíguo

⁵⁵ / A idéia de implementar um Centro de Cultura em Fortaleza partiu de Paulo Linhares, então Secretário de Cultura na gestão do governador Ciro Gomes, que o havia convidado para assumir essa pasta com o objetivo de desenvolver a cultura no Estado (Gondim, 2007).

ao equipamento foram preservados antigos armazéns onde passaram a funcionar bares e restaurantes.

A construção desse complexo teve como objetivo – segundo depoimento do arquiteto Fausto Nilo, um dos realizadores do projeto – “criar um contexto paisagístico que possibilite o consumo cultural”.⁵⁶ O arquiteto assinala, porém, que “não existia na justificativa em torno do projeto do Dragão a promessa de que ele foi feito para revitalizar o Centro e a Praia de Iracema”; o que existiu foi “o compromisso contextual de que o edifício possa influir na regeneração do patrimônio e chamar a atenção para a potencialidade das áreas” (*O Povo*, 15 de setembro de 2003). Fausto Nilo esclarece também que a idéia inicial do projeto era unir esse novo complexo ao núcleo costeiro do bairro:

Na época da gestão cultural do idealizador do Dragão, Paulo Linhares, o projeto que inscrevemos no concurso – eu e Delbergue Ponce de Leon – não previa só o prédio do Dragão do Mar. Passava pela rua Tamandaré, a Ponte Metálica e a Ponte dos Ingleses. Era o conjunto uma sucessão de lugares de entretenimento, com estacionamentos insulares para proteger o village histórico e um paisagismo sombreador com caminho para pedestre, criando uma conectividade que seguia desde a Monsenhor Tabosa, chegando na praia e permitindo que a área pudesse ser recolonizada com habitações de qualidade. Isso foi devidamente desenhado. Limitações orçamentárias, combinadas com as dificuldades, na época, de parcerias com a prefeitura, definiram, numa etapa inicial, a

⁵⁶ / No estudo sobre a construção do Centro Dragão do Mar, Gondim (2007) apresenta a idéia de que essa intervenção teve dois grandes objetivos: “(a) servir de ‘âncora’ para uma política cultural articulada à promoção do turismo, tendo em vista inserir Fortaleza na economia globalizada; (b) criar um ‘espaço memorável’, capaz de atuar como catalisador da requalificação de antiga área portuária, e, simultaneamente, contribuir para a recuperação do espaço público da cidade” (2007: 41).

implantação apenas do Dragão e da Ponte dos Ingleses (O Povo, 15 de setembro de 2003).



Figura 19 – Imagem do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Imagem apresentada na Internet, como meio de divulgação turística do bairro. Foto: Alex Uchôa.

Fonte: <http://www.citybrazil.com.br/ce/fortaleza/turismo.htm>

Porém, o Dragão do Mar projetou uma intervenção nesse espaço do bairro que veio a se refletir em toda a Praia de Iracema, que por sua vez passou a abrigar duas “manchas”⁵⁷ de lazer com sociabilidades distintas. Este fato produziu uma disputa na apropriação dos espaços do bairro, e no início da década de 2000 o entorno do Centro Dragão do Mar estava tomado por bares,

⁵⁷ / “Manchas”, “trajetos”, “pórticos” e “circuitos” são categorias nativas discutidas por Magnani (2000). “Manchas” são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante. Os “trajetos” levam os usuários de um ponto a outro e os “circuitos” unem estabelecimentos, espaços e equipamentos não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários.

restaurantes e boates, predominando, assim como no núcleo costeiro, o lazer noturno. Contudo, a falta de uma ligação entre essas duas “manchas” – que estavam espacialmente próximas, mas separadas por um “vazio urbano”, ou seja, um “pórtico” que, segundo Magnani (2000), são os lugares que escapam ao sistema de classificação de uma ou outra “mancha”, sendo assim lugares liminares ou de perigo – dificultou os “trajetos” por esses espaços.



Figura 20 – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. A imagem apresenta o conjunto do equipamento, inaugurado no final dos anos 90, incluindo a Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Ao fundo à Ponte dos Ingleses. Foto: Gentil Barreira.

Esse fenômeno redesenhou a Praia de Iracema com a emergência de novos usos e representações. Superando opiniões pessimistas de algumas pessoas ligadas às artes e alguns arquitetos, o Dragão do Mar se tornou uma atração de lazer e cultura para moradores da cidade e turistas, como pode ser visto nesse depoimento do sociólogo Alexandre Barbalho, publicado no jornal

O Povo em 3 de novembro de 1999, ou seja, pouco mais de seis meses após sua inauguração oficial.

Um passeio despretenso ao longo das passarelas e equipamentos do Dragão, especialmente no domingo, revela a sua efetiva ocupação, bem como de seu entorno. Centenas de pessoas, de todas as idades, flanando de um ponto ao outro. Consomem filmes, peças teatrais, exposições de artes plásticas, shows musicais. De fato, está bem distante qualquer avaliação sombria sobre o papel positivo que o equipamento desempenha hoje no imaginário da cidade (Apud Gondim, 2007:171).

A apropriação do espaço no entorno do Dragão por bares, restaurantes e casas de shows também contribuiu significativamente para a emergência de novas representações da Praia de Iracema. Efetivamente ocupado, o Centro Cultural facilitou os trajetos dos usuários entre os estabelecimentos que se instalaram na sua vizinhança. Ainda no final dos anos 90, esse “setor” do bairro se tornou o novo *point* dos jovens adeptos ao lazer noturno, além de ponto turístico da cidade. A partir desses usos o bairro ficou dividido territorialmente, e a imagem de lazer e cultura passou a ser associado a “Praia de Iracema do Dragão”. Neste período, a rua dos Tabajaras e entorno, ou “Setor 2”, que fora considerado área de “preservação”, passaram a ser focados nos meios de comunicação social como “degradados”.

A Praia de Iracema dividida

A falta de comunicação entre as intervenções realizadas pela Prefeitura Municipal e Governo do Estado, aliada à falta de planejamento, desencadeou um novo desenho desse espaço da cidade vista em “retalhos”, ou seja, o bairro foi fragmentado. Idealizaram complexos de lazer e cultura sem levar em conta que a Praia de Iracema e a cidade iriam se ressentir dessas intervenções. No

meu entendimento, esses espaços “requalificados” se tornaram “espaços para visitação”. Originária do verbo *visitar*, esta palavra da língua portuguesa significa, “ir ver por cortesia, dever, curiosidade ou caridade”, já o substantivo *visita* é definido como o “ato de ir ver alguém em sua casa”. Então, partindo da etimologia deste vocábulo percebo como estes espaços “requalificados” da Praia de Iracema passaram a ser usados como a sala de visitas do bairro e da cidade, ou seja, como “compartimentos” organizados e decorados para receber visitantes. Imbuídas de curiosidade, as pessoas “usavam” estes espaços no sentido de ver, observar e sair, ou seja, os usos se tornaram efêmeros, como é próprio de uma *visita*.

Ressalto ainda que as representações construídas para estes espaços “requalificados”, por parte dos gestores, foram tão importantes quanto suas edificações. Pois estas podem ser entendidas como um “convite” à visita. Tomo como exemplo um “Folder Turístico Cultural” distribuído pela prefeitura municipal de Fortaleza, que apresentava a Ponte dos Ingleses como um espaço reformado para receber visitantes devido ao seu valor histórico para a cidade, inclusive atribuindo-lhe a característica de porto da cidade, fato que nunca ocorreu: “(...) ponto de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias até meados da década de 40. Atualmente, foi **reformada para visitação**, passando a contar com uma pequena galeria de arte e um observatório marinho. Seu pôr-do-sol é considerado o mais belo da cidade⁵⁸” (...) (grifos meus). Outro exemplo, também apresentado nesse “folder” é o Estoril, promovido equivocadamente a ícone fundador do bairro: “Construído em 1925, o Casarão Vila Morena originou o Bairro Praia de Iracema, anteriormente Praia do Peixe” (...).

Outro fenômeno que identifiquei na Praia de Iracema foi o fato de haver nos espaços “requalificados” uma “invasão do espaço pelo texto” (Augé, 1994:

⁵⁸ / É importante ressaltar que essa ponte não foi utilizada para fins de embarque e desembarque de passageiros do porto da cidade, permanecendo inacabada até a reforma de 1994.

92), ou seja, nesses “espaços para visitação”, como o Estoril, a Ponte dos Ingleses, o calçadão, o Centro Dragão do Mar (figura 21), e os diversos “espaços cénicos”, como por exemplo o Pirata, passou a predominar uma comunicação silenciosa por meio de frases como “Você está aqui”, “Bem-vindo”, “Muito obrigado por sua visita”, “Agradecemos a sua visita”, ou seja, os espaços passaram a ser apresentados por meio de textos que objetivavam permitir ao visitante se encontrar em meio ao desconhecido, oferecendo uma sensação de segurança e familiaridade durante a sua permanência.

Contudo, concordo com Michel de Certeau (1994) ao informar que as “astúcias milenares” da “invenção do cotidiano” e das “artes de fazer” podem abrir caminho para o desenvolvimento de estratégias de usos, ou seja, as práticas quotidianas desencadeiam transgressões nos “espaços para visitação”. No caso da Praia de Iracema, após a “requalificação” de algumas áreas, surgiram novos usos e apropriações e perdeu-se a realidade dos “circuitos” e “trajetos” de antigos usuários, desencadeando um “estranhamento” por parte dos freqüentadores habituais, que de forma vernácula orientavam seus usos, e dos moradores, que usavam o bairro como um lugar residencial.

Nesta perspectiva, os diferentes usuários do bairro, enquanto “praticantes” deste espaço da cidade, construíram novos significados para as áreas “requalificadas” por meio de diferentes usos, apropriações espaciais, classificações e conflitos, desencadeando as diversas representações por parte dos gestores, meios de comunicação social, comerciantes e moradores.

Legenda

- 1 Centro Dragão do Mar
- 2 Ponte dos Ingleses
- 3 Estoril
- 4 Rua dos Tabajaras
- 5 Calçadão à beira-mar

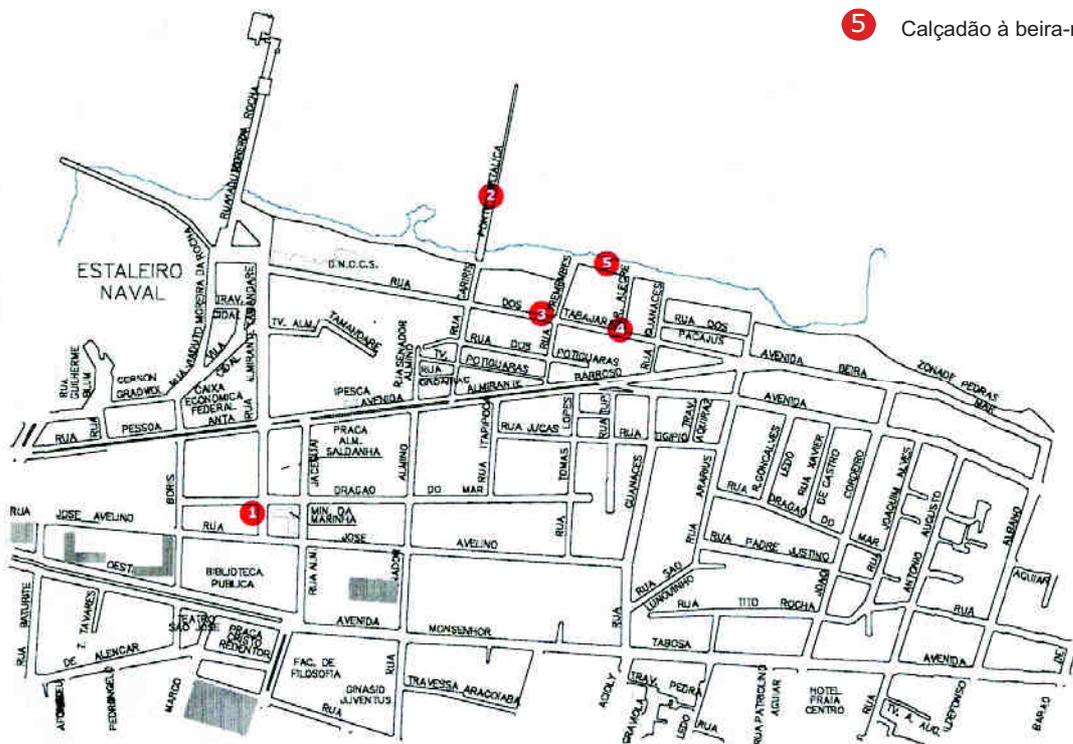


Figura 21 – Mapa com destaque para o local do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e dos equipamentos “requalificados” na Praia de Iracema. Fonte: IBGE. Desenho Zélia Simões.

Na seqüência desta “segmentação” da Praia de Iracema a partir das intervenções arquitetônicas, apresento no próximo capítulo um mapeamento de alguns “lugares” que se constituíram neste espaço, enfatizando seus usos, as classificações, as apropriações espaciais e os conflitos segundo moradores, comerciantes, freqüentadores e os meios de comunicação. Veremos também como as representações simbólicas associadas à “boemia” e ao “mito do adeus” são sinalizadoras de marcas temporais e espaciais do bairro Praia de Iracema.

“Lugares” da Praia de Iracema

Meu objetivo neste capítulo é apresentar os usos, as apropriações espaciais, as classificações e os conflitos vigentes na Praia de Iracema. A partir de observações e dos discursos dos “praticantes” e dos meios de comunicação, exponho também seus efeitos sobre as imagens atribuídas ao bairro. Esta “leitura” foi desenvolvida no contexto da pesquisa de campo realizada entre os meses de janeiro a agosto de 2005. Os espaços eleitos para esta análise foram: 1) Ponte dos Ingleses; 2) Casa de show Pirata; 3) Bares, restaurantes e boates da rua dos Tabajaras e entorno; e 4) Reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema.

Deambulações no bairro me fizeram perceber que a intensa presença de pessoas nestes locais faria deles pontos estratégicos para uma compreensão dos diferentes tipos de usos no bairro Praia de Iracema. As primeiras visitas ao campo indicaram que existem fronteiras simbólicas e processos de inclusão e exclusão dos diferentes usuários nos espaços de lazer, fragmentando a Praia de Iracema em pequenas partes que não se comunicam. Notei também que as sociabilidades nestes espaços obedecem a uma lógica referente aos tipos de usuários, tecido edificado, horários – manhã, à tarde, à noite ou madrugada – e dias da semana. Por exemplo, o freqüentador que se dirige à Ponte dos Ingleses para assistir ao pôr-do-sol, na sua grande maioria não freqüenta os restaurantes da rua dos Tabajaras. Estes são ocupados predominantemente por turistas e funcionam das 18 h à 1 h da manhã. O estabelecimento de maior movimentação desta rua é o Pirata, aberto às segundas-feiras – o público predominante desta casa de show é turista, que se dirige ao bairro de táxi, causando um grande engarrafamento nas ruas Cariris e Tabajaras – a seguir a Lupus Bier bar e chopperia, que funciona todos os dias da semana, exceto na quinta-feira. Este local também era ocupado basicamente por turistas. Seu dia de maior movimento é a terça-feira, com apresentação de espetáculos de

humor. As boates localizadas nas esquinas das ruas Potiguaras com Tremembés são freqüentadas predominantemente por meninas nativas e turistas estrangeiros, tendo o seu movimento intensificado a partir das 2 h da manhã todos os dias. Os moradores que participavam das reuniões semanais do Fórum afirmaram não utilizar os espaços de lazer do bairro e os comerciantes participantes se restringiam aos seus estabelecimentos comerciais.

Mais do que demarcações geográficas da Praia de Iracema, estes “lugares” foram vistos por mim como “espaço social”, no sentido que Bourdieu (1989) define como multidimensional, com vários campos e lutas simbólicas. Para compreensão destes aspectos, apresento a seguir a etnografia desenvolvida em cada um destes “lugares” e suas dinâmicas sócio-espaciais.

1) Ponte dos Ingleses

Na primeira visita à Ponte dos Ingleses fiquei surpreendida com o que vi. Contrariando o que diziam os principais jornais de Fortaleza, a Praia de Iracema não estava “abandonada”. Naquela tarde, assim como nas outras, o meu campo de estudo apresentava um número considerável de pessoas e nos finais de semana e feriados a Ponte ficava absolutamente lotada. Então, comecei a relacionar algumas imagens do bairro divulgadas nos meios de comunicação, como por exemplo da Ponte como um espaço “degradado” e “abandonado” com as representações elaboradas pelos utilizadores deste espaço. Parti das seguintes questões: quem são esses usuários? Como eles interagem com outros espaços deste bairro e da cidade? Como se referem as imagens de “tradição” e “degradação” na Praia de Iracema? E como definem os usos, as apropriações, classificações e os conflitos no bairro?



Figuras 22 e 23 – Imagens da Ponte dos Ingleses no final de tarde. Março de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

Na intenção de responder a estas questões passei a visitar este espaço do bairro todos os dias, realizando algumas passagens em diferentes horários. Fui informada de que, em agosto de 2004, a Ponte havia passado por uma pequena reforma no tocante a pintura, ajustes da iluminação e instalação de uma sorveteria, de uma loja de artesanatos e um bar/lanchonete. No espaço que dá acesso à Ponte, foram reinauguradas uma livraria e uma pizzaria. Após as primeiras visitas, constatei na parte da manhã a presença somente de alguns turistas vão visitá-la, como roteiro de excursões, e também de alguns poucos adolescentes de uniforme escolar que se reúnem com colegas. O número maior de freqüentadores encontrava-se nos finais de tarde, especialmente até o pôr-do-sol. Como metodologia de investigação, fiz uso de um diário de campo para registrar os comportamentos; fiz muitas imagens fotográficas, realizei entrevistas gravadas com pessoas que trabalham neste espaço e desenvolvi uma pesquisa exploratória aplicando questionários.⁵⁹

Após alguns dias observando, escrevendo no diário de campo, fotografando, preenchendo questionários, conversando informalmente com algumas pessoas e ouvindo conversas paralelas, fui apreendendo a lógica cotidiana daquele espaço e conhecendo melhor os seus usuários; ou seja, tornei aquele espaço familiar. Além de registrar conversas e imagens, percebia também que as roupas, gestos e comportamentos informavam peculiaridades daquele “espaço social”. Nesta perspectiva, os utilizadores inscreviam, por meio de suas sociabilidades, o sentido social daquele lugar, e a etnografia me permitiu perceber os diferentes “campos” ou “lugares” que demarcavam simbolicamente a Ponte enquanto espaço de lazer.

⁵⁹ / Para a aplicação dos questionários contei com a colaboração de Ana Carolina, aluna do curso de turismo da Faculdade Evolutivo, que muito gentilmente se dispôs a ajudar-me neste momento da pesquisa.

A seguir, apresento a reprodução de um trecho do diário de campo, com as descrições do comportamento e diálogo entre duas garotas, para demonstrar como algumas cenas do cotidiano expressam usos e apropriações da Praia de Iracema:

Hoje duas garotas sentaram bem próximo a mim e começaram a conversar. Falavam de um italiano e de outras garotas, comentaram também que o custo do aluguel de um apartamento no bairro é R\$600,00 mensais ou R\$20,00 por dia. Elas eram bonitinhas e pareciam ter em torno de 20 anos de idade. Fizeram alguns comentários a respeito de um rapaz, questionando se ele seria “miserável” [avarento] ou pobre, e uma das garotas falou: “acho que ele não é miserável, pois gastou comigo R\$150,00 e me deu R\$ 100,00”. Em seguida ela comentou que um paulista que estava indo para a Itália lhe telefonou dizendo: “hoje a minha glândula lembrou de você”. Falavam muito de uma pousada de italianos, e também que queriam fazer uma poupança para se manterem até o final do próximo ano, fazerem um curso e depois irem embora. Disseram também que os homens são carinhosos e se apaixonam por elas (Notas do diário de campo no dia 3 de março de 2005).

O que me chamou a atenção no momento em que ouvia e anotava era o fato de que eu estava muito próximo, mas elas não se intimidavam com o tom da conversa. Levando em conta que o “ouvir” do pesquisador é seletivo, tomei nota, neste dia, dos assuntos que demonstravam a existência de práticas sociais relativas a trocas financeiras nas relações entre nativas e turistas, associadas às imagens da Praia de Iracema como “degradada” ou “lugar de prostitutas e gringos”.

A etnografia neste espaço me permitiu reconhecer também a presença de turistas; habitantes da cidade de diferentes faixas etárias; vendedores ambulantes e algumas “tribos” urbanas, compostas por jovens com cabelos

longos, vestidos de preto e calçando *tênis All Star*. Tendo em vista esta diversidade de usuários, estabeleci, logo no início da investigação, a aplicação de questionários como forma de estabelecer uma aproximação. Esse exercício foi realizado no horário do pôr-do-sol, entre as 16 h e as 18 h, nos diferentes dias da semana. O questionário visava identificar o perfil dos usuários, quanto a idade, sexo, profissão, escolaridade e residência; a frequência na Ponte e em outros locais do bairro; e suas representações em relação à Ponte dos Ingleses e à Praia de Iracema. Não defendo um manual de investigação, mas concordo com Malinowski (1976) ao estabelecer a construção de um “quadro sinótico” dos dados para um melhor entendimento da realidade pesquisada. Nesse sentido, apresento a seguir quadros referentes ao perfil dos entrevistados.⁶⁰

Quadro 6: Idade

Idade	Frequência absoluta	Frequência relativa em %
Até 20 anos	47	47
De 21 a 30 anos	41	41
31 a 40 anos	8	8
41 a 50 anos	1	1
51 a 60 anos	1	1
61 e mais	2	2
Total	100	100

⁶⁰ / O número de questionários, 100, foi determinado pelo tempo disponível para a pesquisa. Não foi desenvolvido um cálculo amostral, tendo em vista tratar-se de uma pesquisa exploratória, realizada juntamente com outras técnicas de investigação como observações e entrevistas. É importante esclarecer que o percentual de diferença por sexo não foi previamente estabelecido. Ressalto ainda que o questionário não foi aplicado a turistas.

Quadro 7: Sexo

Sexo	Frequência absoluta	Frequência relativa em %
Feminino	50	50
Masculino	50	50
Total	100	100

Quadro 8: Atividade profissional

Atividade profissional	Frequência absoluta	Frequência relativa em %
Estudante Secundarista	31	31
Estudante Universitário	08	08
Profissional liberal *	05	05
Comerciário ou Prestador de serviços **	39	39
Comerciante / autônomo	06	06
Operário***	03	03
Artista****	03	03
Dona-de-casa	02	02
Pensionista	01	01
Militar	01	01
Total	100	100

* Arquiteta, engenheiro químico (2), professora universitária (psicóloga), advogado.

** Garçom (4), motorista, vendedor (3), armazenista, porteiro, atendente, estagiário da prefeitura, auxiliar de enfermagem, barmen (3), massoterapeuta, auxiliar bancária (4), operadora de telemarketing, modelista

de roupas, doméstica (4), frentista, desenhista, promotora de vendas (2), representante comercial (2), auxiliar de escritório, secretária, pesquisador, jardineiro, auxiliar de costureira e gerente de marketing e químico.

*** Impressor, ajudante de tecelagem, metalúrgico.

**** Músico (2), artista plástico.

Quadro 9: Escolaridade

Escolaridade	Frequência absoluta	Frequência relativa em %
Ensino fundamental I completo	01	01
Ensino fundamental II incompleto	02	02
Ensino fundamental II completo	05	05
Ensino médio incompleto	30	30
Ensino médio completo	44	44
Superior incompleto	13	13
Superior completo	05	05
Total	100	100

Quadro 10: Regiões de moradia (Bairro)

Regiões	Frequência absoluta	Frequência relativa em %
Regional I *	21	21
Regional II**	25	25
Regional III***	14	14
Regional IV****	07	07
Regional V*****	10	10
Regional VI*****	15	15
Região Metropolitana#	08	08
Total	100	100

* Barra do Ceará (8), Cristo Redentor (2), Jacarecanga (3), Carlito Pamplona, Jardim Guanabara (4), Álvaro Weine, Monte Castelo, Vila Elery.

** Praia de Iracema (6), Dionísio Torres, Centro (3), Castelo Encantado, Mucuripe (3), Aldeota (4), Varjota, Papicu, Praia do Futuro (3), Joaquim Távora (2).

*** Bela Vista (2), Quintino Cunha (2), Antônio Bezerra (5), Rodolfo Teófilo, Planalto Pici, Henrique Jorge (3).

****Parangaba (2), Vila Pery, Montese (2), Pan-americano (2).

***** Canindezinho (3), Presidente Vargas, Conjunto Ceará, Parque Santa Rosa, Bom Jardim, Parque São José, Siqueira, José Walter.

***** Messejana (4), Dias Macedo (2), Tancredo Neves, Aerolândia (2), Castelão, Barroso (2), Nova Assunção, Jardim das Oliveiras (2).

Caucaia (4), Maranguape, Maracanaú, Parque Santo Antônio e Jardim Petrópolis.

Por meio desse exercício metodológico pude constatar que os moradores da cidade de Fortaleza que freqüentam a Ponte dos Ingleses são predominantemente jovens, sendo 88% dos entrevistados com idade até 30 anos e, destes, quase 50% têm até 20 anos. Quanto ao sexo, das 100 pessoas

entrevistadas de forma aleatória, 50% eram do sexo feminino e 50% masculino. Em relação à atividade profissional, a grande maioria era estudante, mas chama atenção o reduzido número de universitários: somente 8%. Por meio da especificação das atividades percebi que suas profissões são de baixo nível de instrução; somente 5% são profissionais liberais com nível superior.

No tocante à região de moradia, há residentes de todas as regionais da cidade, e também da Região Metropolitana. Ressalto que a incidência maior é de pessoas das regionais I e II em virtude da localização geográfica, ou seja, a proximidade com este espaço da cidade.

Outro tema apresentado no inquérito foi quanto à frequência à Ponte dos Ingleses. Entendo que estas informações podem dar pistas de como o bairro Praia de Iracema é vivenciado a partir deste espaço. Conforme mostra o quadro abaixo, mais de 50% dos entrevistados têm o hábito de se dirigir pelo menos uma vez por mês à Ponte nos finais de tarde. Vale salientar que as respostas foram espontâneas, mas alguns entrevistados, que responderam “raramente”, justificavam a pouca frequência alegando falta de dinheiro para pagar o transporte, como explicou um estudante secundarista, de 15 anos, morador do bairro Dias Macedo: *“raramente venho porque a passagem do ônibus é cara”*.

Quadro 11: Freqüência à Ponte dos Ingleses

Freqüência à Ponte	Freqüência absoluta	Freqüência relativa em %
Uma vez ou mais por semana	30	30
Uma ou duas vezes por mês	27	27
Todos os finais de semana	11	11
Uma vez a cada bimestre/trimestre	05	05
Raramente	23	23
Veio pela primeira vez	04	04
Total	100	100

Quanto aos motivos que os levam a freqüentar a Ponte dos Ingleses, percebi que além de ser visitada para a contemplação do pôr-do-sol, a Ponte é também considerada um lugar calmo, seguro, e um espaço de sociabilidade. Como mostra o quadro a seguir, mais da metade dos entrevistados apontou os usos relativos ao contato com outras pessoas como uma justificativa para freqüentar este espaço da Praia de Iracema. Ou seja, a conversa com amigos (18%), a convivência com pessoas jovens (19%), fazer amizades (15%), namorar e paquerar (6%) são práticas quotidianas na Ponte dos Ingleses.

Quadro 12: Motivo da freqüência à Ponte dos Ingleses

Motivo da freqüência à ponte	Freqüência absoluta*
Para relaxar/refletir (calmo, seguro, agradável)	40
Pela beleza/ paisagem/natureza (mar, pôr-do-sol)	32
Para fazer amizades (conhecer pessoas, paquerar)	21
Pelo ambiente (tipo de público, os jovens)	19
Para conversar com amigos (encontrá-los, divertir-se)	18
Para namorar	06
Porque trabalha/mora próximo	03
Para ler	01
Pela música	01
Por falta de opção	01

* Respostas não excludentes.

A partir destes dados obtidos por meio dos questionários, juntamente com observações diárias, percebi a Ponte como um “espaço social” que, apesar da multiplicidade de “campos” decorrentes dos diferentes usos, pode ser definido como “lugar de lazer”, que resiste às denúncias de “degradação” do bairro Praia de Iracema. Porém, uma matéria do jornal *O Povo* do dia 21 de abril de 2005, ou seja, realizada no mesmo período da investigação, me chamou a atenção por comunicar a falta de tranqüilidade e a poluição sonora neste espaço. Intitulada “Ponte dos Ingleses sem tranqüilidade”, a matéria, acompanhada de uma foto de um bar instalado na Ponte, informava que:

Mesas, cadeiras de plástico e uma caixa de som com música em volume alto fazem da Ponte dos Ingleses (conhecida por Ponte Metálica), na Praia de Iracema, um bar ao ar livre. A idéia, desenvolvida de um quiosque instalado lá há poucos meses, vai na contramão de quem procura tranqüilidade. A música interpretada por Zeca Pagodinho, recebia os visitantes, no último dia 30, apesar de pouco combinar com a paisagem: “vai vadiar, vai vadiar, vai vadiar” (O Povo, 21 de abril de 2005).

A divergência entre as opiniões dos freqüentadores que classificam a Ponte como um local “calmo, seguro e agradável” e a denúncia veiculada na mídia de que a Ponte está sem tranqüilidade, realça que os gostos, inclusive o musical, são definidores de estilos de vida ligados as diferentes classes sociais. Como informa Bourdieu (1984), os gostos são marcadores de classe. Nesse sentido, para os jovens da periferia da cidade músicas como a de Zeca Pagodinho, “vai vadiar, vai vadiar”, podem ser percebidas como uma forma de tornar aquele espaço agradável, o que vai de encontro à percepção da comunicação social e de alguns gestores, pois nesta mesma matéria o coordenador da Secretaria de Turismo informa que “a idéia é levar música clássica, por meio de compositores como Vivaldi, que venham apoiar um público seletivo”, ou seja, o discurso sublinha a associação entre o estilo e a classe social, neste caso a “música clássica” com um “público seletivo”.

Outras razões apresentadas por meus entrevistados para freqüentar a Ponte referem-se ao caráter público deste espaço. Nesta perspectiva, observei que os utilizadores da Ponte se acomodam nos bancos ou no piso para comemorar datas especiais como aniversário, e mesmo casamento, ou somente socializar-se com os amigos em meio a bebidas, comidas e o som de instrumentos, como o violão. Uma jovem de 17 anos, auxiliar bancária e residente no bairro Jardim Guanabara, informou que escolheu a Ponte para

celebrar o seu aniversário por considerar o local tranqüilo e bonito; nesta ocasião ela e suas amigas estavam ocupando um banco no final da Ponte e dividiam um pequeno bolo confeitado e um refrigerante de dois litros. Entrevistei também um casal, morador do bairro Barroso, que raramente freqüenta a Ponte, mas nesse dia se dirigiram a esse local para comemorar o seu casamento. Eles estavam vindo do cartório e trajavam roupa social. A moça estava com o cabelo penteado e maquiagem e escolheram a Ponte por causa da sua beleza e tranqüilidade. Para uma senhora de 52 anos, dona-de-casa, moradora da Praia de Iracema, a Ponte é um local muito agradável, onde se pode reunir à família: “moro perto e os meus filhos gostam muito daqui; na lua cheia trago comida para vir comer aqui”. Ainda em relação às diferentes formas de apropriação deste espaço público, um rapaz de 34 anos, garçom, residente no Jardim Guanabara, defendeu a tranqüilidade da Ponte, inclusive no tocante ao tipo de público: “é o único ambiente da Praia de Iracema em que se pode passear”.

Além das observações *in loco*, identifiquei, no mesmo período em que desenvolvia a pesquisa, uma matéria do jornal *Diário do Nordeste*, intitulada “Famílias optam pela Ponte Metálica no Sábado de Aleluia”, confirmando os usos deste espaço como um lugar de lazer e sociabilidade. A matéria descrevia o tipo de freqüentador e suas opiniões sobre aquele espaço.

Famílias inteiras escolheram a Ponte Metálica, na Praia de Iracema, como opção de lazer na tarde do último sábado. Apesar do pôr-do-sol ter ficado encoberto pelas nuvens, quem foi até aquele ponto turístico da capital não se arrependeu. A maré estava alta e a arrebentação das ondas nas pedras gerava um verdadeiro espetáculo. A movimentação nos estabelecimentos comerciais situados na Ponte Metálica não decepcionou os comerciantes. (Diário do Nordeste, 28 de março de 2005).

A falta de espaços de lazer nos bairros da periferia da cidade também foi apontada como uma justificativa para se freqüentar a Ponte, como comentou este rapaz de 16 anos, estudante e que reside no bairro Canindezinho, na periferia de Fortaleza: “venho à Ponte porque onde moro não tem o que fazer, não há opções de lazer”. Confirmando esses tipos de usos na Ponte, uma jovem de 17 anos, estudante, residente no bairro Mucuripe, afirmou que freqüenta este lugar porque uma amiga lhe havia informado que esse local era muito bem freqüentado. Contudo, os usos neste espaço também são percebidos como “não-legítimos”, como denuncia esta estudante universitária, de 19 anos, residente no bairro Centro: “raramente venho porque acho esse local muito perigoso, não me sinto segura. Na Praia de Iracema não me sinto segura em canto nenhum”. Sua representação está associada também a uma identificação deste espaço como um lugar “misturado”: “aqui está misturado, mais tarde vem todo tipo de gente”.

Ao questionar sobre a freqüência a outros locais da Praia de Iracema, percebi que os usuários da Ponte, em sua maioria, não circulam por outros espaços de lazer do núcleo costeiro do bairro. Como se pode ver no quadro a seguir, o local mais visitado pelo usuário da Ponte é o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, e também estabelecimentos que se localizam no seu entorno, como Canto das Tribos, Órbita, Hey Ho Rock Bar, Armazém 44 e Mystical. Alguns locais da rua dos Tabajaras e adjacências são freqüentados por apenas 1% dos entrevistados, como: o bar Bicho Papão, o calçadão, a Lupus Bier, o restaurante Estoril, Colher de Pau e a boate Café Del Mare. Com exceção do Pirata, que é citado por 6% dos entrevistados.

Quadro 13: Freqüência a outros locais da Praia de Iracema

Locais freqüentados*	Número de referencias**
Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura	68
Canto das Tribos	07
Boate Órbita	06
Pirata	06
Hey Ho Rock Bar	05
Boate Armazém 44	05
Shows no Aterro de Dracma	04
Restaurante Sobre o Mar	02
Espigão	02
Boate Mystical	01
Bar Bicho Papão	01
Calçadão da Praia de Dracma	01
Bar e Casa de show Lupus Bier	01
Restaurante Estoril	01
Restaurante Colher de Pau	01
Boate Café Del Mare	01

* Locais citados / ** Respostas não excludentes.

Como se pode observar nos discursos abaixo, para os freqüentadores da Ponte enquanto um espaço de lazer, a referência à “tradição” da Praia de Iracema foi identificada na sua classificação como *um lugar turístico; um bairro nobre, bonito e agradável; uma área de lazer e de encontros; bairro tradicional; um bairro boêmio; cartão-postal de Fortaleza; bairro bem freqüentado e um lugar cultural.*

A imagem é a melhor possível. Todo mundo gosta daqui. Aqui tem gente de vários bairros. A Ponte deveria ser maior e deveria ter mais feira de arte na Praia de Iracema. A segurança é boa (Artista plástico, com ensino médio, 22 anos, residente em Mesejana).

Cartão-postal da cidade, é tudo de bom. Maravilhoso, lembra o meu passado. Venho com a galera. As pessoas que freqüenta a Ponte são legais. Aqui na Ponte há uma grande variedade das três classes sociais. Mas os bares e restaurantes [da rua dos Tabajaras] é mais classe média alta (Auxiliar bancária, cursa o 12º, 17 anos, residente no bairro Jacarecanga).

Assimilei a noção de “degradação” nas descrições do bairro por meio de uma associação com *violência, prostituição, meninos cheirando cola, decadência e falta de planejamento* antes das intervenções urbanísticas.

A apreciação dos discursos demonstra também que as representações do bairro e da Ponte enquanto espaços de lazer devem ser analisadas em consonância com o lugar que os seus autores ocupam na cidade; ou seja, os jovens residentes na periferia com carência de equipamentos de lazer identificam a Praia de Iracema como um lugar de lazer, de encontros, nobre, bonito e bem freqüentado. Já as pessoas residentes nas áreas mais centrais e com maior escolaridade elaboram algumas críticas à organização sócio-

espacial do bairro, apontando a deterioração espacial, prostituição e violência como principais problemas, como pode ser visto nas narrativas abaixo.

É um lugar boêmio, mas está acabado. Tem prostituição e crianças cheirando cola. Querem botar a culpa em alguém, mas quem é o culpado? Tenho confiança na prefeitura. O ponto positivo é a Ponte e o Dragão do Mar. Na rua dos Tabajaras, eu acho grosseira a abordagem [funcionários chamam os transeuntes para sentar nos restaurantes] e eles ocupam as calçadas. Deveriam refazer o calçadão entre a Beira-Mar e a Praia de Iracema. Eu acho o público da Ponte lindo (Engenheiro, 61 anos, residente na Praia do Futuro).

Bairro turístico com muita história a ser contada, mas não é valorizada. É visto pelos turistas como um pólo de sexo aonde se encontra muitas garotas de programa (Gerente de marketing, 19 anos, estudante universitário, residente na cidade de Caucaia).

É um ponto turístico muito importante, mas hoje em dia não é um atrativo. A parte do calçadão é perigosa demais. A violência é tão grande que a gente fica acanhada de vir aqui. Já vi um assalto (Estudante universitária, 19 anos, residente no bairro Centro).

Seguindo a mesma lógica dos relatos acima, uma professora universitária acrescentou no seu discurso um questionamento em relação à imagem da “degradação” da Praia de Iracema. Como leremos a seguir, ela percebe a Ponte como um espaço de sociabilidade e sugere que existe uma reprodução da representação da “decadência” por parte da classe média da cidade de Fortaleza.

É o melhor bairro da cidade de Fortaleza, super charmoso apesar da decadência. A decadência está nas calçadas e nos bares com ciclo

de prostituição tão evidente, meninos cheirando cola; mas apesar de tudo é um bairro muito interessante. Na Ponte tem um pessoal leve, domingo é lotado. A decadência será que não é um discurso da classe média? (Mestre, professora universitária e psicóloga, 36 anos, residente na Aldeota).

A observação dos usos e a análise dos diferentes discursos dos “praticantes” e meios de comunicação me permitiram concluir que os conflitos simbólicos neste “lugar” se referem ao sentimento de pertença construído pelos utilizadores em detrimento de uma imagem negativa da Praia de Iracema, reproduzida nos meios de comunicação social. Os informantes acusam ainda a reprodução desta imagem negativa, associada à “degradação”, como uma das causas da decadência no movimento dos frequentadores em alguns espaços do bairro, como relata esta funcionária de uma loja de artesanato instalada na Ponte dos Ingleses.

A Praia de Iracema é um ambiente que já foi muito mal falado. Apesar da má fama, ele tenta se erguer, tentando dá a volta por cima sobre essa fama. Todos falam que a Praia de Iracema é lugar de prostituição, coisa que quem tá dentro vê que não é bem assim; existe tudo isso como também existem as drogas, e isso acontece em qualquer outro lugar na Praia do Futuro, no Cumbuco, no Icaraí, não só aqui; aqui se popularizou pela questão da concentração de estrangeiros, que tem aqui dentro então o pessoal caracteriza assim, mas não é, quem está dentro sabe que não é. A Praia de Iracema pra mim não é isso. É um ambiente que a gente pode descansar, pode relaxar, passear com a família, com os amigos, pode namorar. Acredito que essa fama teria que ser atenuada, não é bem assim (Funcionária de uma loja de artesanato, desde 2004. Entrevista concedida em 29 de março de 2005).

Outro indício dos conflitos na Ponte dos Ingleses é decorrente das diferenças culturais e mesmo de nível de instrução entre os freqüentadores. Ou seja, as imagens de “lugar degradado” ou “tradicional” correspondem às características sócio-culturais dos informantes, inclusive quanto aos gostos e as formas de apropriação do espaço público. Percebi também um conflito quanto às representações simbólicas da “boemia” e da alegoria do “adeus”, pois alguns freqüentadores definem o bairro como *uma área de lazer e de encontros e um bairro boêmio*, enquanto outros utilizam a alegoria do “adeus”, classificando o bairro como *acabado*.

2) Casa de show Pirata

A pesquisa etnográfica no Pirata teve início a partir de um primeiro contato com os proprietários desta casa de show nas reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema. Por meio desta aproximação marquei uma entrevista com um dos sócios deste estabelecimento. Após este encontro fui apresentada ao Sr. Júlio Trindade, sócio fundador, apresentei os objetivos da minha pesquisa e ele me ofereceu livre acesso para observar a festa nas segundas-feiras. A partir de então dediquei as segundas-feiras à noite a uma etnografia no “forró” do Pirata.

O princípio da investigação neste espaço foi marcado por algumas questões de cunho metodológico. As dúvidas iniciais eram em relação a como abordar as pessoas em clima de festa e quem poderiam ser meus informantes. Para responder a estas dúvidas optei por estabelecer conversas informais com os freqüentadores, pois o diálogo, juntamente com as observações e entrevistas com proprietários e funcionários da casa, me daria pistas para compreender como a Praia de Iracema é vivenciada a partir do Pirata, quem são os utilizadores deste espaço e quais são os usos, as apropriações, as classificações e conflitos do bairro do ponto de vista destes informantes.

Confirmando as expectativas, constatei que o público assíduo desta casa de show são turistas, em sua maioria de brasileiros; nesse sentido fui informada que o “farró do Pirata” é vendido como uma atração opcional nos pacotes turísticos que se destinam a Fortaleza. O público deste espaço o torna multifacetado e com uma diversidade de “campos”. Entre o início da festa, às 20 h e o final, por volta das 2 h na baixa estação e 4 h nos meses de férias, existe uma permuta dos freqüentadores, fato que se refere também aos meses do ano: por exemplo, o mês com maior índice de turistas estrangeiros é agosto, por se tratar das férias na Europa. Dentre os freqüentadores, há pessoas idosas, jovens, famílias com crianças e casais que se dirigem ao local para jantar e assistir aos shows de farró pé-de-serra e à apresentação de uma quadrilha. Depois da meia-noite, esse público vai sendo substituído por pessoas mais jovens que participam dos shows de axé e farró-elétrico. Neste momento, efeitos de luzes e som contribuem para uma transformação no ambiente; então os vocalistas da banda e os dançarinos e dançarinas comandam a festa. O público dança freneticamente, canta, grita e responde às coreografias comandadas pelo vocalista. O repertório contém músicas com frases como “moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza” e algumas com um teor dúbio por meio de expressões como “já chupou chibiu? Chupei! Gostou do chibiu? Gostei!”, o público acompanha tais músicas com gritos e gargalhadas. A presença de dançarinos, principalmente de rapazes, trajando somente bermudas anima sobremaneira a multidão, especialmente as mulheres, que deliram com suas coreografias (figura 24).



Em cima/Figura 24 – Imagem do palco do forró do Pirata na segunda-feira. Maio de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

Em baixo/Figura 25 – Imagem da janela localizada na residência vizinha ao Pirata, denominada pelo proprietário do Pirata como “camarote vivo”. Maio de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

A casa tem cerca de 1.800 m² e está espacialmente planejada para parecer uma nau pirata, com ornamentos em madeira, cordas e bonecos como um esqueleto, uma mulher, um casal e um pirata com uma faca na boca. Nas paredes são desenhadas imitações de portas e janelas num estilo colonial. Uma das janelas, denominada pelo proprietário como “camarote vivo”, tem comunicação com a casa vizinha. Como pode ser visto na imagem acima moradores da vizinhança assistem a festa a partir desta janela (figura 25). Na parte interna do estabelecimento há vários ambientes. Logo à seguir a entrada há um espaço aberto com uma grande jangada; no canto esquerdo há um porta-volumes no qual são deixadas bolsas e mochilas dos turistas; e do lado oposto uma “boutique” com produtos da marca “pirata” como lenços, *t-shirts*, chinelas, cintos e também CDs das bandas “Forró Pé de Chinelo” e “Banda do Pirata ao Vivo”. Há um espaço coberto que abriga muitas mesas e cadeiras, e na lateral um corredor largo com bancos de madeira. Neste espaço há banheiros masculinos e femininos, e atrás uma cozinha. Do lado esquerdo se encontra o palco e em frente existe uma pista de dança; no piso superior se localiza o camarote, com algumas mesas. Este espaço tem o acesso restrito aos convidados, identificados com uma pulseira com a logomarca do Pirata. Nos fundos há um bar e um espaço aberto com grandes mesas e cadeiras, onde se tem uma vista para a praia e a Ponte dos Ingleses. A divisória entre o Pirata e o calçadão da Praia de Iracema é feita por meio de uma estrutura de madeira e cordas. Há também um portal emoldurado com as esculturas de duas sereias: uma morena, de cabelos negros com um coçar, e uma branca, com longos cabelos loiros. Ao lado se encontram uma armação de cordas na forma das velas de uma enorme caravela e uma bandeira com o símbolo dos piratas.

A fachada exterior, que corresponde à rua dos Tabajaras, também possui uma sucessão de supostas portas e janelas com cores vivas como rosa, verde e azul. Não há letreiros sinalizando o estabelecimento, mas nas

segundas-feiras é colocado em uma sacada um boneco “pirata” de cerca de 1.70 m portando uma bandeira com o nome e a logomarca da casa. O ingresso é vendido a R\$20,00, podendo ser comprado antecipadamente nos hotéis. Todos os empregados dos balcões e garçons são fantasiados de pirata; a recepcionista é vestida com trajes de cangaceiro, e os porteiros e seguranças são vestidos de *t-shirts* e calça preta com um destaque para a logomarca do Pirata. O gerente da casa e os dois proprietários, pai e filho, vestidos com roupas estilizadas, também recebem os freqüentadores. Segundo o Sr. Júlio Trindade, o “fórró” mobiliza cerca de 150 profissionais.

A pesquisa etnográfica me permitiu perceber que o Pirata apresenta uma infra-estrutura e organização profissional voltadas para o turismo de lazer na cidade de Fortaleza. Porém, outras variáveis, importantes para a compreensão dos usos e apropriações neste espaço, são as seguintes: 1) a proposta inicial deste estabelecimento foi de um bar e restaurante, em seguida espaço cultural; e 2) atualmente existe uma associação, para alguns habitantes de Fortaleza, com um lugar freqüentado por prostitutas.

Para o Sr. Júlio Trindade, a reprodução dessa imagem negativa do Pirata, construída por pessoas que ele classifica como “aldeotinhas” ou “intelectuais bem pensantes”, decorreu de uma mudança nos seus usos, que por sua vez foram resultantes das intervenções urbanísticas vivenciadas na Praia de Iracema no início dos anos 1990. Segundo o seu depoimento o Pirata “foi certamente o local mais eclético e mais democrático de Fortaleza”, porém as pessoas vinham para esta casa assistir a shows, e com a reforma da Praia de Iracema este tipo de espectáculo deixou de ser viável:

Vinham para o Pirata nessa altura com a grade [grade de ferro que o separava da praia, antes da construção do calçadão], e com os shows as pessoas achavam, eu acho que as pessoas pensavam, o Pirata é como se fosse um Patrimônio Cultural do Ceará e como se o Bar do Pirata tivesse a obrigação de produzir cultura, embora eu nunca

recebi nenhum tostão da Secretaria de Cultura. Tudo que nós produzimos aqui foi na raça, nós trouxemos Gonzaguinha, Dominginhos, Edson Cordeiro, Adriana Calcanhoto, (...) então a partir daí com a nova Praia de Iracema [intervenções urbanísticas] não tem mais espaço para fazer shows de sexta e sábado, aí nós paramos de fazer show na sexta e no sábado porque quem vinha para esses shows vinha motorizado, se não tivesse local para estacionar o carro não vinha (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).

O Sr. Júlio Trindade acrescenta ainda que esta época coincidiu com uma mudança estrutural nos espetáculos de música popular brasileira e a capacidade de sua casa de show não suportava a nova tendência:

*[Os shows] não se apresentavam em salas de 2.000 pessoas, então teríamos que fazer shows para 20.000 pessoas; isso foi a nova proposta do espetáculo da MPB, o Pirata estava ultrapassado (...) guardamos nosso forró para segunda-feira, que já era um ícone nessa altura que era freqüentado pelo fortalezense e pelo turista, (...) quando nós paramos de fazer o show, ficou só no forró, **aí foi a primeira discriminação porque a gente sabe muito bem que o fortalezense discriminou o forró**, quer dizer, a burguesia sempre teve um olhar ao forró, quer dizer uma coisa do povo (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005, grifos meus).*

O reconhecimento desta imagem negativa em torno do Pirata é acompanhado da declaração de que existe uma discriminação contra o forró e uma estigmatização do turista por uma parte da sociedade de Fortaleza. Segundo o seu discurso, algumas pessoas ainda hoje lho questionam por que ele privilegiou o forró em detrimento dos antigos shows de MPB, priorizando um novo público, ou seja, o turista.

Porque você não faz mais shows de fulano de tal, fulano de tal, ficou só no forró? Quer dizer, há uma discriminação contra o forró, tinha, naquela altura, talvez o Pirata foi certamente o primeiro forró, na cidade de Fortaleza, freqüentado pela sociedade de Fortaleza.(...) chega o turista, então, esse turista, sobretudo esse turista brasileiro, então se nós queremos estigmatizar os turistas, então, peraí, o brasileiro no mínimo tem o direito de passear no seu próprio país, né, no mínimo isso, não vou nem falar no estrangeiro, porque o estrangeiro naquela altura, se representava 1% do Pirata era muito né, e mesmo hoje ainda, o estrangeiro, numa segunda-feira de Pirata, o estrangeiro não chega a 5% (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).

Estes relatos dão pistas para a questão dos usos legítimos e não-legítimos na Praia de Iracema, pois, como será explicitado no próximo capítulo, a presença do turista estrangeiro está associada à noção de “degradação” do bairro, no sentido de usos relativos à prostituição. Nesta perspectiva, a estruturação de um espaço com uma proposta voltada para o turista passou a ser vinculada aos usos não-legítimos ou ilícitos para o bairro Praia de Iracema.

Contudo, mesmo com esta imagem associada à presença de prostitutas, e a representação constantemente publicada na mídia de que a Praia de Iracema está “degradada”, o *Pirata* apresenta uma grande freqüência de pessoas. Nos meses de maio e junho, considerados pelo gerente da casa como a mais baixa estação de sua história, o público era em torno de mil pessoas. No mês de julho a quantidade de pessoas impressionava, chegando a mais de três mil em uma noite.⁶¹

⁶¹ / Números informados pela gerência da casa.

Constatei, no decorrer da investigação, que a grande maioria dos turistas era de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais; quanto aos estrangeiros, eram portugueses e italianos. Em relação ao sexo, o público é heterogêneo; entre os turistas predominam pessoas do sexo masculino, sobretudo no mês de agosto; no tocante aos habitantes de Fortaleza a frequência maior é de mulheres. Percebi também a presença de alguns homossexuais.

A integração do Pirata com outros espaços de lazer do bairro se dá por meio dos “trajetos” (Magnani, 2000) de alguns freqüentadores que percorrem a rua dos Tabajaras e entorno, especialmente antes da festa. Nas madrugadas de segunda para terça-feira, observei uma grande falta de organização nos espaços públicos do bairro, como por exemplo um número excessivo de vendedores ambulantes, concentrados na porta desta casa de show. São vendedores de bebidas, sanduíches e churrasquinho. A quantidade de táxis gerando engarrafamento também denunciava essa desorganização espacial. Neste cenário de tensão, a grande maioria dos turistas acaba por não usar outros espaços do bairro, pois o Pirata mantém convênio com um ponto de táxi à sua porta, e funcionários da casa acompanham a sua entrada nestes carros conveniados. Vale ressaltar que alguns turistas me informaram que são previamente alertados nos hotéis de que o bairro Praia de Iracema é perigoso. Quanto aos “circuitos” (Magnani, 2000), ou seja, interações do Pirata com outros espaços não contíguos, se dão por meio de um estande com artigos da marca Pirata no Aeroporto Internacional Pinto Martins; pela utilização de produtos desta marca, especialmente lenços e *t-shirts*, vestidos por turistas em outros locais de Fortaleza, e mesmo em outras cidade do Brasil e do exterior e também via seu *site* na Internet.

Sendo o Pirata um “espaço social”, e portanto cheio de “conflitos internos” (Massey, 1994), identifiquei diferentes “campos” que são constituídos de acordo com as atrações musicais, a estrutura espacial da casa e as

características sócio-culturais dos freqüentadores. A apresentação do forró pé-de-serra e da quadrilha concentra os ocupantes em torno da pista de dança; alguns dançarinos profissionais ensinam os passos do forró para os turistas e também exibem verdadeiros shows de dança e muita sensualidade com meninas nativas. Após a apresentação da quadrilha, os turistas são convidados a participar da coreografia. No espaço com vista para a praia há uma maior concentração de turistas estrangeiros e garotas da cidade, principalmente depois da meia-noite. Neste local as jovens acompanham os turistas ou ficam dançando em grupo, fazendo as coreografias do axé-music. Era comum, neste espaço, trocas afetivas entre casais; alguns se conheciam neste local e “ficavam” juntos trocando beijos e abraços. Com o desenvolvimento da pesquisa passei a identificar algumas meninas que freqüentavam assiduamente o Pirata, sendo que algumas destas foram vistas também nas boates do entorno, que são associadas à prostituição. A respeito da presença destas meninas que podem ter vínculos com a prostituição, o gerente da casa me explicou que existe uma preocupação em coibir o seu acesso e também comportamentos com teor sensual.

Essas pessoas [garotas de programa] entram, não está escrito na cara, estão acompanhadas, só que lá pelas tantas tem algumas que demonstram muito o comportamento [de prostitutas]. É um comportamento muito baixo, vamos dizer assim. Teve uma segunda-feira que uma dona entrou e aí o segurança veio me dizer que o cara que estava com ela estava lambendo o seio dela lá fora; eu disse: bom, mas não era pra ter deixado nem uma menina dessa entrar aqui dentro; aonde é que ela está? Aí quando a gente foi ver a menina estava ali, não demorou cinco minutos ela começou já dançando com o cara, tudo bem, só que ela começou a querer mostrar os seios pro cara que tava junto com ela, acho que era um italiano; começou a abrir a blusa, aí não, desculpe, você está sendo convidada a se retirar

no mesmo ato, ela não falou vírgula, o cara falou: ah é minha namorada não sei que, independente de ser sua namorada, desculpe, mas com esse comportamento, vocês estão sendo convidados a se retirar, aí saiu na hora sem falar uma palavra (Entrevista concedida em 8 de junho de 2005).

Fui informada também que a tentativa de proibir a entrada de prostitutas já rendeu processos para os proprietários. Contudo, esta associação das freqüentadoras do Pirata com prostitutas existe até mesmo por parte de pessoas que visitam esta casa, como me informou um rapaz, de Fortaleza, que foi ao Pirata, acompanhando um amigo de São Paulo: “aqui não tem nada a ver com a cidade e tem muitas prostitutas”.

Localizei também um tipo de público com um perfil peculiar: são mulheres na faixa etária acima dos 30 anos, que freqüentam quase assiduamente este espaço. Conversando com algumas delas, percebi que o Pirata é classificado como um lugar de lazer, paquera e diversão da cidade de Fortaleza. Uma senhora de cerca de 35 anos, acompanhada de duas amigas, me disse que vai em média duas vezes por mês, e relatou também que não sai no final de semana de forma a economizar dinheiro para ir ao Pirata na segunda-feira. Na sua opinião, a Praia de Iracema tem muitas prostitutas, mas no Pirata não tem; ela o considera um local familiar.

Os depoimentos acima demonstram a existência de conflitos simbólicos nas classificações dos usos neste espaço do bairro Praia de Iracema. Pois enquanto alguns freqüentadores classificam o Pirata por meio de práticas sociais relacionadas à prostituição, outros o definem como um “local familiar”. Porém, a imagem deste bairro como “lugar de prostituição” está presente em diversas classificações da Praia de Iracema. Para os proprietários deste estabelecimento esta imagem negativa do bairro é decorrente de um abandono do poder público; neste sentido eles acusam a falta de planejamento e de organização por parte do poder municipal, especialmente quanto à autorização

da abertura de boates associadas à prostituição, como o Africa's e o Vagon Plaza.

Frente aos diferentes usos, apropriações espaciais e classificações do Pirata e da Praia de Iracema, o Sr. Júlio Trindade classifica este bairro como o “coração da cidade”, e com um “potencial turístico e político”. Como pode ser lido a seguir, seu discurso defende que a existência de conflitos simbólicos neste bairro denuncia uma incapacidade da administração pública para a cidade de Fortaleza.

A Praia de Iracema é a parte mais avançada da cidade. Se o poder público tivesse um pouquinho de juízo, veria a Praia de Iracema como um laboratório, não como um laboratório de experiência ruim, mas como uma base de boa experiência. Mas se o poder público, ou seja, a prefeitura, ou governo não conseguem cuidar do menor bairro de Fortaleza... A Praia de Iracema é o menor bairro de Fortaleza tanto em superfície como em população, é o bairro mais visto porque é o coração da cidade, é um bairro quer dizer com um potencial turístico, com um potencial político, porque se a Praia de Iracema está bem, a gente imagina que o resto não esteja tão ruim. Então se não conseguem cuidar da Praia de Iracema, então a minha pergunta ...Eu Júlio Trindade, eu Júlio cidadão, eu pergunto: como é que está o pessoal da última etapa do Conjunto Palmeiras⁶²? (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).

⁶² / O Conjunto Palmeiras tem cerca de 30 mil habitantes e está localizado na SER VI. Fica distante 18 km do centro de Fortaleza, próximo as bairros Barroso e Jangurussu.

3) Rua dos Tabajaras e adjacências

Para realizar uma etnografia nos bares, restaurantes e boates da Praia de Iracema, delimito as ruas Cariris, Tabajaras, Tremembés e Potiguaras. Os “espaços sociais” que se constituem nesta parte do bairro obedecem a uma temporalidade, ou seja, se diferenciam de acordo com os meses do ano, alta ou baixa estação, os dias da semana e os horários do dia.

À luz do dia, este trecho da Praia de Iracema parecia repousar do agito das noites. Os bares e restaurantes ficavam fechados e as suas ruas quase desertas, com exceção de poucos moradores, que transitavam, alguns em trajes de banho, se dirigindo à praia ou daí retornando. Presenciei também homens dormindo nas calçadas dos estabelecimentos comerciais fechados. Na rua dos Cariris era comum a presença de alguns turistas ou jovens, com uniforme de colégios, dirigindo-se à Ponte.

Ao entardecer, o cenário era muito diferente, com os bares e restaurantes abertos e a Praia de Iracema se “aprontando para a festa”, e muitas pessoas, especialmente jovens, se dirigirem à Ponte dos Ingleses. Havia também a presença de moradores sentados nas calçadas, principalmente na rua dos Cariris.

À noite, a rua dos Tabajaras era o espaço da Praia de Iracema que concentrava os pontos comerciais de maior movimentação, particularmente na segunda-feira, devido ao Pirata. Terça-feira, sexta-feira e sábado a Lupus Bier apresentava shows de humor, e na quarta-feira espetáculo de danças regionais. Este dia é definido por seu proprietário como o de maior frequência do turista estrangeiro. Os restaurantes, como o Estoril, Gaúcho, Tasca do Marquês, Portugal, Social Club, La Mareia, Porto Fino e Colher de Pau apresentavam pouca movimentação nos diferentes dias da semana. Uma característica destes pontos comerciais era a presença de funcionárias, na

calçada ou na rua, oferecendo os cardápios e chamando os transeuntes para sentar.

Nas esquinas das ruas Tremembés com Potiguaras, as boates, Kapital, Café Del Mare, Bikine e Europa atraíam muitas meninas nativas, classificadas pelos moradores como prostitutas, e alguns turistas, principalmente estrangeiros. Este espaço tem correspondência também com a delegacia de apoio ao turista. Nas madrugadas, estas esquinas concentravam também uma grande quantidade de vendedores ambulantes, táxis e moto-táxis. Na rua Cariris, mesmo com a reinauguração da boate África's Club Dance Night, no período da pesquisa o movimento de freqüentadores era muito pequeno.

Neste quadrilátero delimitado para a pesquisa havia também algumas residências; lojas de vestimentas; ateliês de arte com exposição de quadros pintados e artesanato; estacionamentos; pousadas e pequenas mercearias. Como define uma moradora do bairro, “na Praia de Iracema cada rua tem uma realidade”. Nesta perspectiva, e levando em conta que os usos nestes espaços se intensificavam nas noites e madrugadas, privilegiei estes horários e este espaço do bairro para a investigação etnográfica.

O exercício de observação teve como objetivos principais descrever quem eram os utilizadores das boates, bares e restaurantes deste espaço da Praia de Iracema e como o bairro era vivenciado a partir destes locais.⁶³ Ao adentrar nestes espaços, percebi que a minha presença era notada pelos usuários habituais como alguém diferente. Houve uma madrugada, de sábado para domingo, em que eu estava em pé próximo à porta de uma boate, quando fui abordada por um *hippie*, que após me observar por várias horas, se aproximou e disse que gostaria de saber o que eu estava fazendo naquele local. Perguntou inclusive se eu era da polícia ou jornalista. Eu respondi que

⁶³ / Para a realização desta fase da pesquisa contei com a colaboração de alguns amigos como Reinaldo, Manuela e Paulo Henrique que me acompanharam em diferentes horários e dias da semana.

acompanhava um amigo de São Paulo que queria conhecer as boates. Então perguntei a sua opinião sobre aquele “pedaço” da Praia de Iracema: ele olhou para os lados, me olhou e respondeu: “*isso aqui é o inferno*”. Em outra ocasião, um agente da guarda de trânsito se aproximou de mim, neste mesmo local, e me informou que ali era uma zona de prostituição.

Este espaço, visto como “um inferno” ou “zona de prostituição”, era definido por comerciantes do bairro como “quatro cantos” ou “esquina da alegria”, numa referência irônica à imagem da “degradação”, relativa a “maus usos” na Praia de Iracema.

Nas diversas noites que me dirigi a esta esquina, observei grupos de “meninas nativas” abordando as pessoas que transitavam pelo local, convidando-as para entrar nas boates. Quando o transeunte era homem aparentando ser estrangeiro, o grupo de meninas o cercava e empurrava para dentro das boates. Presenciei algumas vezes cerca de oito a dez garotas cercarem o visitante, segurando-o nos braços, na camisa ou empurrando-o nas costas e praticamente jogando-o dentro de uma boate. Alguns turistas levantavam os braços e sorriam, outros se afastavam e com algum esforço saíam rapidamente. Quando elas obtinham êxito e ganhavam o cliente, comemoravam tocando as mãos umas das outras.

As meninas aparentavam ter entre 18 e 22 anos, e geralmente trajavam calça *jeans*, mini-blusas ou *t-shirts* coladas ao corpo. Durante a observação presenciei poucas meninas que usavam roupas mais ousadas como saias muito curtas, ou vestimentas com cores berrantes, ou seja, roupas que simbolizam, para o senso comum, a prática da prostituição. Identifiquei alguns travestis e poucas mulheres aparentando ter mais de 30 anos. Já os homens que se dirigiam a esses espaços eram de diferentes faixas etárias, variando dos 30 aos 60 anos.

Quanto ao acesso para as boates, percebi que nem todas cobravam ingressos. Nas casas denominadas Europa e Bikine a entrada era gratuita e

ofereciam uma bebida para as mulheres. Os valores das bebidas consumidas pelos homens eram bem mais elevados do que a média dos outros estabelecimentos do bairro. Percebi que as meninas que se encontravam dentro das boates costumavam pedir uma bebida para os clientes. No interior da boate Europa havia um telão com imagens de filmes, uma mesa de bilhar e um espaço para dança. Durante minha permanência nesta boate, juntamente com amigos, éramos insistentemente abordados por um homem musculoso ou por meninas para beber alguma coisa. Ao lado dessa boate havia uma escada que dava acesso a outra casa designada Bikine; ao entrar neste estabelecimento, me chamou atenção uma garota de biquíni preto que dançava em cima do balcão, e atrás do balcão estava um *barman*, preparando *drinks*. Às vezes ele desenvolvia algumas “performances” como jogar álcool no balcão, fazendo subir uma grande chama de fogo, e cuspir fogo pela boca, ou tocar um sino de forma bem intensa, fazendo a moça requebrar a cintura, acompanhando as badaladas. Ao lado do bar havia uma cabine com um DJ. Havia também alguns espaços com vidros, com vista para a rua, no formato de uma vitrine, nos quais se encontravam barras de ferro que serviam de apoio para as danças das freqüentadoras. Em uma determinada noite, após as 2 h da manhã, um homem bateu no bumbum da garota que dançava no balcão; um outro acertou um soco no rosto deste homem, gerando uma confusão que logo foi controlada pelos seguranças da casa.

Na outra boate desta esquina, denominada Kapital, era cobrado um ingresso de R\$20,00 para os homens enquanto as mulheres tinham livre acesso. Essa boate era a maior desta área e apresentava um aspecto mais sofisticado. Na entrada se encontravam alguns seguranças e porteiros muito musculosos, trajando paletó preto; ao lado da porta havia um cartaz que anunciava a proibição da entrada de menores e outro com uma publicidade do

Governo do Estado advertindo que a prostituição infantil era crime punido por lei⁶⁴. No interior deste estabelecimento havia vários ambientes; no térreo, um palco para shows, um local para as meninas guardarem as bolsas e um grande bar. No piso superior havia mesas de bilhar e uma boate com gaiolas de ferro com livre acesso para quem quisesse dançar.

Uma certa madrugada, observando o movimento na entrada destas boates, presenciei um grande conflito. Um homem jogou cerveja em outro que passava na rua. Este saltou imediatamente a janela para dentro de um bar e quebrou uma garrafa em sua cabeça. O homem estrangeiro saiu com a cabeça sangrando, enfaixada por uma camisa, e entrou num táxi. Momentos depois, dois policiais entraram neste bar, mas logo foram embora.

A constatação da prática da prostituição neste espaço foi identificada por intermédio de um amigo que negociou o preço de programas e local para sua realização com algumas freqüentadoras deste espaço. Fomos informados de que era possível fazer um programa dentro do banheiro de um dos bares que se localiza bem próximo às boates e, quanto aos valores, variavam de R\$50,00 para brasileiros a R\$100,00 para estrangeiros; mas algumas faziam um programa por até R\$30,00. Os taxistas, estrategicamente parados nesta área, nos informaram que havia motéis por perto e que habitualmente levavam as meninas para fazer programa nestes locais. Observei também que as meninas, que permaneciam toda a noite sem companhia masculina, se tornavam competitivas, e algumas chegavam a atribuir o apelido de “rede de arrasto” ou “cafussu”⁶⁵ às meninas que passavam acompanhadas.

⁶⁴ / É importante ressaltar, que mesmo existindo denúncias da prática da prostituição infantil neste espaço, nas madrugadas que estive observando estas ruas do bairro, não presenciei crianças se prostituindo, ou acompanhadas de turistas. Porém observei várias vezes crianças, em situação de rua, fazendo usos de entorpecentes, como por exemplo cheirando cola de sapateiro, e dormindo nas calçadas próximo a praia.

⁶⁵ / “Rede de arrasto” é uma referência à rede de pesca que arrasta os peixes da praia e “cafussu” significa, cafona, brega, suburbano e sem modos.

Outro fenômeno que fazia parte do cotidiano deste espaço era a presença de casais formados por estrangeiros e meninas nativas passeando pelas ruas ou freqüentando os bares e restaurantes do entorno das boates. Em uma noite me chamou a atenção o comportamento de um casal, acompanhado de outra menina, que se comunicava por meio da ajuda de um dicionário de português-italiano, por sinal já bastante usado. Após o jantar ele a olhou e disse uma frase em italiano, imediatamente traduzida pela menina como: “é um privilégio estar aqui com você”. Ou seja, a presença destes casais em locais públicos realça a existência de algumas indefinições nas relações entre estrangeiros e nativas, classificadas em diferentes discursos como correspondentes à prática da prostituição.

Piscitelli (2001), no seu estudo sobre turismo sexual em Fortaleza, informa que estes encontros entre visitantes internacionais e nativas tendem a estar cheios de ambiguidades, e no caso da Praia de Iracema chega a existir um clima de conflitos simbólicos envolvendo turistas e locais. A autora relata que “garotas que não namoram estrangeiros, trabalhadoras no setor de serviços na Praia de Iracema, se queixam, com freqüência, de serem confundidas, pelos turistas, com garotas de programa” (2001: 120). É importante acrescentar que esta “confusão” parte também de alguns moradores. Nesse sentido, a presença de estrangeiros acompanhados de jovens, principalmente de pele morena, nas ruas ou estabelecimentos do bairro instiga olhares e comentários discriminatórios entre os moradores.

A análise do discurso de alguns moradores a respeito da presença de estrangeiros e nativas me fez perceber que o uso social de seus corpos desperta sentimentos relacionados aos seus valores morais e de pertença ao bairro. As meninas, os estrangeiros e as boates são classificadas nos seus discursos por meio de “categorias acusatórias” que justificam uma imagem da Praia de Iracema como “degradada”. Posso afirmar também que as agressões entre freqüentadores, o passeio das meninas entre as boates, o

engarramento acarretado pelos táxis, o grande número de vendedores ambulantes e a poluição sonora provocada pelos bares, boates e restaurantes atestam que a apropriação do bairro por boates produz usos que não se restringem às suas edificações. Ou seja, existe um “trajetos” a partir da presença das boates, qualificado como não-legítimo ou ilícito para a Praia de Iracema, como pode ser constatado neste discurso de uma moradora do bairro: “ela [a boate] traz a prostituta, ela traz o menino de rua, ela traz o vendedor, como sempre tem isso, então ela traz tudo de ruim, entendeu, não é só o fato dela funcionar não, o problema é o que ela traz pra gente” (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005). A boate pode ser definida, segundo esta narrativa, como o “porta-voz” da “degradação”.

Nesta perspectiva, o proprietário de uma casa de show situada na rua dos Tabajaras também acusa a presença das boates como responsável pela prostituição no bairro. Segundo o seu depoimento, outros usos “indevidos” são relacionados à falta de fiscalização do poder judiciário, como pode ser lido abaixo.

Eu moro num prédio encostadinho [próximo ao seu estabelecimento] a gente vai a pé e vejo até de manhã a mistura de criança com a prostituição, é cheio de criança cheirando cola, fumando craque até 7:00 horas da manhã, quando eu venho eu vejo só a criançada entendeu, fica as criança no meio, o poder judiciário vem cedo da noite, cedo da noite eles saem, depois as criança estão tudo ai vêm com as mães, elas trazem as crianças para pedir [mendigar], menina, menino até de manhã cedo, quer dizer eles fazem o combate de alguma coisa nos horários que os meninos ainda estão em casa, quer dizer podia ser mais de madrugada (Entrevista concedida em 16 de junho de 2005).

O proprietário de um restaurante localizado na rua dos Tabajaras enfatizou, em sua entrevista, que a Praia de Iracema “vem morrendo” e que isto é uma grande pena, porque o bairro era um “lugar agradável e bonito”. Para este comerciante a prostituição por si só não é “esse mal todo”, pois segundo o seu relato “isso existe desde que o mundo é mundo, mas junto com a prostituição tem os vendedores de droga, os cafetões; o turismo sexual é tão organizado que ele vai onde é desorganizado e nós somos desorganizados, por isso que eles vêm pra cá”. Neste sentido, ele acusa a “ingerência administrativa” como a causa dos problemas do bairro. Admitindo também que a solução dos problemas era acabar com as boates por meio de uma fiscalização, ele defende que “não existe estabelecimento nenhum no Brasil que resista a uma fiscalização séria” (Entrevista concedida em 28 de julho de 2005).

Percebe-se neste discurso que a classificação da Praia de Iracema pela utilização da expressão “vem morrendo” enfatiza a representação deste espaço por meio da alegoria do “adeus”, pois o tempo em que o bairro era *agradável e bonito* passou. Sua fala salienta também um teor agonístico, em que, as sugestões de solução para os problemas do bairro podem ser lidas como uma “luta pela vida” do bairro.

Alguns vendedores ambulantes se referem às boates como “boates de prostituição” e afirmam que elas são culpadas pela diminuição do movimento de freqüentadores do bairro. Segundo alguns vendedores entrevistados, este fato teve início com a instalação da boate África’s. Eles informaram também que existem diferentes tipos de vendedores ambulantes, e que alguns se dirigiam ao bairro somente durante a madrugada e trabalhavam no tráfico de drogas.

Contrariando esses argumentos, o sócio de uma boate entrevistado acusa a “deterioração espacial” do bairro, especialmente em torno do calçadão, como responsável por uma “degradação” da Praia de Iracema. Em relação à

prostituição, ele relatou que não apóia a prostituição no seu estabelecimento e acusa este fenômeno como um problema social do Brasil, afirmando que seu empreendimento gera emprego e está legalizado, defendendo também que a proposta de sua casa é gerar diversão e lazer para o turista europeu. No seu entendimento, a “degradação” da Praia de Iracema está no “abandono das autoridades” quanto à manutenção das edificações públicas e na desorganização do trânsito causada pelos taxistas. Essa opinião é compartilhada por algumas freqüentadoras das boates, elas entendem que o bairro se encontra muito deteriorado, especialmente no calçadão à beira-mar.

Segundo um taxista, a Praia de Iracema vem sofrendo mudanças radicais nos últimos anos, causadas pela construção do Centro Dragão do Mar, pela deterioração do calçadão, insegurança nas ruas e falta de opções de lazer no núcleo costeiro do bairro. No seu depoimento, ele associa a “degradação” à falta de segurança em locais públicos e à prostituição; porém ele sublinha que isto é um lado social e define que a Praia de Iracema “é a mosca no mel; as meninas vêm pra cá porque tem gringo e os gringos vêm porque sabem que elas estão aqui”. Ele afirma que a Praia de Iracema está “decadente” e a causa foi a saída dos freqüentadores fortalezenses para o Centro Dragão do Mar e a proibição de estacionar carros nas ruas do bairro. Para este taxista, a grande maioria dos freqüentadores desta parte do bairro são turistas, e estes em geral não transitam por suas ruas, ou seja, pegam um táxi no hotel, vêm jantar em um restaurante e retornam de táxi para o hotel. A partir deste dado percebo que o táxi proporciona um tipo de uso no bairro relativo à desorganização espacial, como depõe este taxista: “aqui existe mais táxi do que o normal: não tem pontos de táxis diferenciados, só há vaga para quatro táxis e muitos motoristas vêm pra cá por falta de opções na cidade”. Ele acrescentou ainda que há diferentes tipos de taxistas trabalhando no bairro e alguns estão envolvidos no tráfico de drogas. No tocante ao agenciamento da prostituição, ele se resumiu a dizer que existem aqueles que trabalham na porta das boates

e levam casais para hotéis e motéis, mas concluiu defendendo que eles só fazem o seu trabalho (Entrevista concedida em 23 de agosto de 2005).

Para a proprietária de um restaurante na rua dos Tabajaras, a Praia de Iracema está mal conservada e abandonada. Ela justifica esta afirmação descrevendo alguns usos ilícitos como “meninos cheirando cola e meninas de 12 anos de idade que vêm de outros bairros e às vezes vão se prostituir”. Ela relatou também que “prostitutas acompanhadas de gringos” freqüentam o seu restaurante, pois não pode barrar a entrada “destas pessoas” por ser discriminação. Para esta comerciante a causa destes tipos de uso no bairro é o descaso do poder público.

A partir destes discursos percebi que os usos e apropriações nestes “lugares” da Praia de Iracema são classificados por meio da imagem da “degradação”. Quanto aos conflitos simbólicos vigentes no bairro, os “praticantes” destes espaços acusam a existência de boates, prostitutas, tráfico de drogas e meninos em situação de rua. Vale ressaltar que as noções de “degradação” e “deterioração” sinalizam marcas sociais ou espaciais, dependendo do autor dos discursos.

A partir da definição dos diferentes usos, apropriações espaciais, classificações e conflitos vigentes neste espaço do bairro, a representação simbólica da “boemia”, enquanto sinalizadora de uma marca temporal da Praia de Iracema, desponta em um discurso nostálgico e pleno de simbolismo em relação ao passado, como pode ser visto a seguir: “A Praia de Iracema significa a história da nossa cultura, da boemia, do romantismo, eu acho que aqui tem muita energia, tem uma energia muito forte, até mesmo pela história que eu acho que deveria ser mais explorada e ressaltada para as pessoas que a visitam” (Entrevista a proprietária de um restaurante, concedida em 23 de agosto de 2005).

4) Reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema

Um outro “lugar” eleito para apresentar os usos, as classificações, as apropriações espaciais e os conflitos vigentes no bairro Praia de Iracema foram as reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema. Neste “espaço social” procurei registrar as representações vindas dos seus participantes e da mídia, verificando seus efeitos sobre as diferentes imagens atribuídas ao bairro.

No dia 23 de março de 2005 foi organizada no restaurante Estoril uma audiência pública, dirigida pelo então vereador do PT, Prof. Francisco Pinheiro, com a finalidade de discutir a “Requalificação da Praia de Iracema”. Estavam presentes moradores, comerciantes, representantes das associações do bairro e da Prefeitura Municipal de Fortaleza.⁶⁶ O vereador Pinheiro começou a reunião argumentando que seu objetivo era retomar o debate iniciado no ano de 2004, e que agora partiriam do ponto um e não do zero, pois já havia conseguido que a Praia de Iracema se tornasse “um bairro de interesse cultural”.⁶⁷

Atenta aos discursos dos gestores, moradores e comerciantes da Praia de Iracema, presentes à audiência, percebi que eram apresentados indicativos de bons usos que foram vividos neste o bairro no passado e anunciadas estratégias que possibilitassem o retorno destas práticas sociais. Expuseram como principais problemas do bairro o abandono do poder público, a prostituição e o tráfico de drogas. Porém, a questão central discutida por todos os presentes, cerca de 60 pessoas, era saber qual o motivo da “degradação” da Praia de Iracema. No final desta audiência foi sugerida, pelo arquiteto

⁶⁶ / Em janeiro deste ano havia iniciado a gestão “Fortaleza Bela” administrada pela prefeita Luiziane Lins do PT.

⁶⁷ / Em março de 2004 foi sancionada a lei que tornou a Praia de Iracema área de interesse cultural, de autoria do mandato do vereador Prof. Pinheiro. Por meio desta lei o município poderia receber estímulos fiscais, investimentos ou recursos públicos destinados à “proteção e conservação” do bairro.

Joaquim Cartaxo, presente à plenária, a organização de uma comissão para discutir os problemas do bairro, composta por moradores e comerciantes; também foi lançado movimento designado como o “renascer a Praia de Iracema”. A Diretora da Fundação Pirata Marinheiros⁶⁸, Fátima Bandeira, agendou outra reunião para o dia 14 de abril de 2005, com o objetivo de instituir um fórum de discussões da Praia de Iracema.

Nesta audiência pública percebi que a noção de “degradação” estava sendo utilizada por diferentes “praticantes” do bairro e gestores como uma forma de classificar os usos e apropriações considerados “não legítimos” para este bairro, enquanto as representações simbólicas em torno da alegoria do “adeus” eram utilizadas como sinalizador de um tempo com práticas sociais “legítimas”.

A reunião do dia 14 de abril me possibilitou a comunicação com alguns moradores e comerciantes que vieram a se tornar meus informantes para a pesquisa. É importante destacar que, ao serem informados que eu estava desenvolvendo uma tese de doutorado sobre a Praia de Iracema, alguns moradores me questionavam sobre o que teria causado a “degradação” deste bairro, e também se ofereciam para falar do passado do bairro, justificando que aquele bairro estava acabado. Ou seja, as representações simbólicas associadas à alegoria do “adeus” eram constantemente referidas nos seus discursos.

Neste primeiro encontro foi constituído o Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema, estabelecido um calendário com reuniões mensais para apresentar os problemas contingentes do bairro às autoridades competentes e, como encaminhamento, deliberaram a identificação e busca de soluções para os problemas pontuais do bairro.

⁶⁸ / A Fundação Pirata Marinheiros, administrada pelo Pirata, apóia 25 crianças de família de baixa renda do bairro por meio de aulas de triatlo.

Na primeira reunião oficial do Fórum⁶⁹, a Sra. Fátima Bandeira, representante da Fundação Pirata Marinheiros, informou os convidados de que o objetivo do Fórum era propor soluções e acompanhar a execução dos trabalhos que seriam realizados para “recuperação” da Praia de Iracema. Acrescentou ainda que na última reunião tinha sido deliberado que discutiriam primeiro questões relacionadas à Prefeitura de Fortaleza; no segundo momento, questões relacionadas ao Governo do Estado, e no terceiro momento questões relacionadas com o Governo Federal. O secretário da SER II começou o seu discurso questionando: “a Praia de Iracema está deteriorada porque as pessoas a abandonaram a Praia de Iracema ou as pessoas abandonaram porque ela se deteriorou?” Em seguida falou sobre as soluções para essa deterioração espacial, mas salientou que “agora tem outros problemas que exigem mais para solução que são algumas atividades aqui que estão sendo desenvolvidas que impedem que a frequência seja aquela frequência de antigamente, problemas de drogas, de prostituição, problemas de crianças cheirando cola”. O Vereador José Maria Pontes falou do antigo restaurante Estoril, que frequentou, e se colocou à disposição, afirmando que “aqui é um bairro histórico que deve ser cuidado”. Uma moradora apresentou o

⁶⁹ / Nesta reunião estavam presentes: Tereza Castro – Secretária do Fórum em Defesa da Praia de Iracema; Luiza – Presidente da ASAPI/Associação dos Artesãos da Praia de Iracema; Francisca – Representante do CCDF/Conselho Comunitário de Defesa Social da Praia de Iracema; Graça – Representante da Associação dos barraqueiros; Fátima Bandeira – Representante da Fundação Pirata Marinheiros; Rodolphe Trindade – Representando o Condomínio da Praia de Iracema; Expedito – Representando a escolinha de esporte; Aurimar – Presidente da AMPI/Associação dos Moradores da Praia de Iracema; Fátima Aragão – Representante do SOS Iracema; João Brito – Presidente da AMPODRA/Associação dos moradores do Poço da Draga; Rogério Pinheiro – Secretário da Regional II; Francisco Pinheiro – Secretário da Regional IV; José Maria Ponte – Vereador; Delegado Cavalcante – Deputado Estadual.

seguinte argumento: “os donos dos bares são gringos e devem ser ilegais; o gringo chega aqui e faz o que quer: o beco da rua Alegre é um motel ambulante. Eles chegam aqui e se sentem donos. Devem fiscalizar os turistas. Turista tem que respeitar para ser respeitado”. Um comerciante questionou a falta de fiscalização para os vendedores ambulantes e os acusou de ser um dos responsáveis pela “degradação” do bairro.

Os discursos acima denunciam os “conflitos simbólicos” vigentes no bairro Praia de Iracema. As categorias nativas *deteriorada*, *abandonada* e *degradação*, assim como a classificação *motel ambulante*, são formas de indicar usos e apropriações ilícitas as quais vão de encontro à imagem deste espaço da cidade como *bairro histórico*. Já as representações baseadas no “mito do adeus” se fazem presentes quando se fala em *recuperação* da *Praia de Iracema* ou *voltar à freqüência de antigamente*.

Num encontro informal sem a presença de autoridades, no dia 3 de maio de 2005, a secretária do Fórum informou que após a última reunião sofrera uma ameaça. Ela relatou que recebeu uma ligação anônima com uma voz de estrangeiro falando um português com dificuldades e dizendo que tivesse cuidado em se meter nisso, pois ainda era muito nova para morrer. Ela informou também que o som da ligação vinha de uma boate e, como morava sozinha, estava com muito medo. Por esse motivo sugeriu que a reunião fosse em outro local, pois no Estoril o espaço é aberto e podia ter “olheiros”, ou seja, espiões. Neste momento foi sugerido o espaço do Pirata para as reuniões.

Neste encontro pude identificar alguns pontos de vista quanto aos motivos dos “conflitos simbólicos” envolvendo uma disputa pelo espaço neste bairro e percebi também muitas divergências entre moradores e comerciantes. Em geral os participantes das reuniões acusavam as boates, a prostituição, os turistas estrangeiros – alguns se referiam a “invasão de gringos” – o tráfico de drogas e os vendedores ambulantes como responsáveis pelos conflitos vigentes. Porém, um morador chamou a atenção para a expressão “invasão de

gringos” e alertou: “não podemos proibir as pessoas de andarem na Praia de Iracema e transformar isso num feudo só para moradores”, e recordou que “este ambiente em que nós estamos [no Estoril], em 1950 tinha as *coca-colas*, que eram prostitutas”⁷⁰. Uma funcionária de uma casa de show se referiu aos turistas e às meninas que freqüentam as boates como “lixo humano”; na sua opinião, “o turismo tem que ser saudável; esta é a vocação natural da Praia de Iracema”. Um dos moradores me informou que traduz cartas que as meninas (freqüentadoras das boates) recebem em italiano e acredita em lavagem de dinheiro do tráfico de drogas internacional, pois “todas as meninas têm uma conta no Banco do Brasil” e recebem quantias em seu nome. Disse também que em um edifício do bairro existe entrega em domicílio de mulheres e em frente à sua casa testemunha muitas brigas quando os clientes não querem pagar o serviço das meninas.

Na reunião do dia 10 de maio de 2005, cujo tema era segurança, foi apresentado às autoridades e demais participantes um painel com matérias jornalísticas sobre o bairro, intitulado “Dez Anos de Abandono da Praia de Iracema”. O painel estava dividido pelos seguintes temas: “1995 – a última festa”; “1996 – acabou a festa”; “2001 – a degradação se impõe”; “2002 – a gente reclama e nada acontece”; “2003 – a gente reclama e nada...”; “2004 – a gente reclama e..., a gente não se cansa de reclamar. Um dia vai mudar”; “2005, dez anos que o poder público estigmatiza a Praia de Iracema”. Estavam presentes responsáveis da segurança pública nos planos municipal, estadual, federal e internacional, por meio da Interpol; e representantes da Guarda Municipal e da Secretaria de Turismo.

⁷⁰ / No segundo capítulo faço referência às *coca-colas*, que era a alcunha de jovens da cidade que se dirigiam a um cassino arrendado pelos oficiais americanos, no local onde hoje é o Estoril, no período da Segunda Guerra Mundial.

Este encontro foi iniciado com a afirmação, por parte de um policial, de que a violência não era um problema só da Praia de Iracema, e defendeu que: “em toda a cidade tem violência. A criança deveria estar na escola, mas não está. Tem que reclamar com a prefeitura e outros órgãos. Não temos escolas de qualidade. Mas a comunidade está de parabéns por se reunir”. A partir desta declaração, um comerciante indagou: “então não tem jeito de trazer de volta a Praia de Iracema de 20 anos atrás?” Contrariando esta questão, um outro morador afirmou que não adiantava olhar só para o passado, e acrescentou: “não devemos continuar batendo na mesma tecla, vamos ouvir a comunidade”. Num clima de tensão e polêmica por parte da plenária, foram apresentados como prioridade as soluções de problemas relacionados com o ordenamento das ruas e a segurança pública, especificamente o tráfico de drogas; prostituição; poluição sonora; meninos de rua; comercialização de drogas e bebidas alcoólicas por ambulantes não cadastrados; funcionamento de boates com favorecimento à prostituição; fiscalização dos estrangeiros ilegais e do trânsito, em particular, e dos taxistas e moto-taxistas.

Nas discussões em torno da identificação destes problemas do bairro, observei diferentes maneiras de apropriação da alegoria do “adeus” enquanto sinalizadora de uma marca temporal, como por exemplo a idealização de “trazer de volta a Praia de Iracema de 20 anos atrás”.

Percebi também que a maioria dos discursos continuava a acusar as boates, as prostitutas e os “gringos” como os grandes responsáveis pelos conflitos no bairro; contudo, não existe um consenso para combatê-lo, como pode ser visto nos relatos de alguns gestores: para a secretária do Turismo, “o turismo traz divisas, mas os turistas ruins não querem”. Então informou que já fizeram um plano estratégico da Praia de Iracema e já conseguiram barrar três vôos *charter* (internacionais). Uma representante da prefeitura citou o exemplo da cidade de Diadema, no interior de São Paulo, que diminuiu a violência com a redução dos horários dos bares, restaurantes e boates até as 22 h. Porém,

sua proposta foi logo combatida por um comerciante, que defendia que Fortaleza é uma cidade turística e isso geraria desemprego. A delegada responsável pela Delegacia do Turista comunicou que oito boates estão funcionando sob liminar, e, se não querem a prostituição, façam uma lei proibindo, pois todas as boates respondem por favorecimento à prostituição; quatro foram fechadas, mas reabrem sob liminar, e explicou que “as prostitutas também são gente e enquanto não for proibido o trabalho delas a gente não pode fazer nada a não ser ampará-las quando tiverem algum problema”. O chefe da imigração alertou que o estatuto do estrangeiro é de 1980, estava ultrapassado, e sugeriu que a comunidade o lesse, pois está em votação para mudar e criar mecanismos mais rígidos. Sugeriu que os moradores participassem da sua reforma através dos deputados. Porém, ressaltou que 95% dos estrangeiros entram legais em Fortaleza.

No dia 7 de junho de 2005 aconteceu uma audiência pública na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará. Estiveram presentes representantes das diversas associações de moradores da Praia de Iracema para apresentar os problemas do bairro decorrentes das boates. Alguns deputados concordaram que esses tipos de uso e apropriações não poderiam continuar e se comprometeram a criar projetos de leis, adiantando que qualquer comércio com sócio estrangeiro seria investigado.

Neste mesmo dia ocorreu uma reunião do Fórum no prédio do Pirata. Estavam presentes os representantes do Condomínio da Praia de Iracema, AMPI, SOS Iracema, ASAPI, AMPODRA e Fundação Pirata. Entre as autoridades governamentais estavam membros da Polícia Especializada, Polícia Civil, Divisão de Apoio ao Turista, Autarquia Municipal de Trânsito/AMC, Guarda Municipal e Defesa Civil. A proposta da AMC foi continuar ouvindo a comunidade para repensarem a engenharia de trânsito e iluminação. O diretor da Guarda Municipal prometeu a instalação de um Posto Avançado da Guarda num local a ser escolhido pelo Fórum e a Polícia Civil e garantiu atender um

pedido da comunidade para determinar um horário para o fechamento dos bares e boates. Uma senhora que trabalha como guia turística falou, muito exaltada, que o poder público estava querendo abandonar a Praia de Iracema para construir um mega-projeto. Mas a sua denúncia não foi comentada pelas autoridades. Os moradores denunciaram mais uma vez a poluição sonora; um morador defendeu o Pirata e disse que “antigamente ele atrapalhava, [com o som alto] mas hoje não”. Um profissional da associação dos taxistas pediu mais vagas para os táxis e lamentou que “o povo atira pedras nos taxistas e nas prostitutas, mas elas estão ali porque precisam e deveriam olhar o lado social do taxista só tem um ponto de táxi na Praia de Iracema com vaga para quatro táxis”.

No dia 27 de junho houve uma reunião com a presença de um representante da SER II, solicitando normas para os vendedores ambulantes, seguindo uma padronização, e proibindo a venda de bebidas alcoólicas. Já no dia 29 do mesmo mês aconteceu uma reunião com a presença dos vendedores ambulantes e moradores. Nesta ocasião foi anunciado que os bares, boates e restaurantes vão fechar às 4 h da manhã e que só poderiam permanecer no bairro ambulantes residentes. No final da reunião foi comentado que denunciar os problemas do bairro para a imprensa afastava ainda mais os freqüentadores.

A primeira conquista do Fórum foi a instalação de um Posto Avançado da Guarda Municipal inaugurado no dia 29 de Junho, no Largo do Mincharia. A ocasião transcorreu como um grande acontecimento, com apresentação de dança das crianças do Poço da Draga e um clima de festa entre os moradores. A prefeita Luiziane Lins destacou no seu discurso que a “requalificação” da Praia de Iracema não era uma tarefa fácil, e que buscavam desapropriar uma casa para construir um centro de cultura e turismo da Fundação de cultura, esporte, e turismo de Fortaleza/FUNCET. Lembrou que foi uma freqüentadora do Estoril e afirmou que este bar tem que voltar a ser o que ele era, “não pode ser uma coisa tão asséptica, tem que ter a cara de Fortaleza”, e

lembrou do garçon Baleia que servia cerveja quente. Prometeu que antes do final do ano vai reinaugurar o calçadão e o Cais Bar, e que será uma grande festa, e concluiu seu discurso afirmando que “também era amante da boemia”.

O discurso da prefeita da cidade de Fortaleza simboliza uma nova fase do bairro Praia de Iracema, na qual a questão principal é a implementação de novos projetos de “requalificação” neste espaço, porém restabelecendo os usos e apropriações espaciais do passado. Neste sentido, a representação simbólica da “boemia” demarca temporal e espacialmente este espaço por meio da instauração de dois ícones do bairro: o Estoril e o Cais Bar.

A reunião do dia 12 de julho não ocorreu no Pirata como vinha acontecendo, mas sim no Estoril a pedido de um morador que se mostrava muito irritado com o movimento de carros que acontecera na última segunda-feira, em virtude da festa neste estabelecimento. Por esse motivo, a pauta deste encontro era: encontrar soluções para o trânsito às segundas-feiras. Outros pontos discutidos foram sobre como impedir as empregadas dos restaurantes de ficar chamando os clientes que passam na rua e a fiscalização dos ambulantes. O Delegado da Polícia Civil compareceu à reunião para combinar com os comerciantes presentes, no caso o sócio do Pirata e da Kapital, um horário para o fechamento das casas noturnas. O sócio da boate Kapital me informou que culpam as boates e a prostituição pelos problemas da Praia de Iracema, mas segundo seu relato a prostituição é um caso social e não é culpa destas casas; neste sentido ele não estava satisfeito em fechar os estabelecimentos noturnos às 4 h da manhã. Nesta ocasião fui convidada para conhecer sua boate e informada de que lá não havia nada ilícito. Como o representante da guarda municipal de trânsito não estava presente, o problema do trânsito ficou sem solução e resolveram organizar uma manifestação pública.

Na reunião do dia 26 de Julho, os representantes da Prefeitura Municipal de Fortaleza, no âmbito da Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza/ETUSA, AMC e FUNCET, ouviram as reclamações dos moradores e comerciantes quanto à desordem no trânsito e aos vendedores ambulantes. Aqueles pediram calma, alegando que a administração municipal era recente e que a cidade toda estava com problemas, mas que estavam empenhados em encontrar soluções para as dificuldades vividas na Praia de Iracema e “requalificá-la”. Nesta ocasião, foi anunciada aos representantes do Fórum uma campanha com o slogan “Praia de Iracema, por amor a nossa praia”, com distribuição de camisas e bandeiras para os moradores participantes das reuniões, e agendada uma série de atividades como um “bandeiraço” na Av. Abolição, para chamar a atenção dos transeuntes para os problemas do bairro; uma audiência pública do Fórum no Estoril; uma sessão especial na câmara dos vereadores; uma manifestação no calçadão para protestar contra a sua deterioração; e descontos para os moradores de Fortaleza nos restaurantes e casas de show participantes da campanha. O objetivo desta ação era:

- Promover a reapropriação da Praia de Iracema pelo fortalezense;
- Reforçar a imagem do bairro como espaço de cultura, lazer e entretenimento para o público local e turistas;
- Fortalecer o comércio e a geração de emprego na área;
- Recuperação do espaço físico e ambiental.

Os sócios das boates Kapital e Café del Mare, literalmente vestiram a camisa deste movimento e anunciaram que iriam fazer um forró para os idosos do bairro em uma boate como forma de apoiar a campanha. A notícia gerou alguma polêmica entre os moradores e comerciantes, pois estas boates eram classificadas como pontos de favorecimento a prostituição, porém ninguém se manifestou contra o evento. A reunião foi encerrada com um abraço simbólico ao bairro, no qual todos se deram as mãos e rezaram um pai-nosso.

A segunda reivindicação atendida pelo Fórum foi o fechamento dos bares e boates às 4 horas da manhã, por meio de uma portaria implantada pelo delegado do 2º Distrito Policial, que entrou em vigor no dia 2 de agosto de 2005. Neste dia o delegado comunicou, numa reunião do Fórum, que a Praia de Iracema iria melhorar, que o objetivo era trazer de volta o fortalezense, o cearense e o turista brasileiro, salientando que não tinha nada contra os estrangeiros, mas que eles teriam de se adaptar às leis do país.⁷¹ Nesta ocasião foi organizado um abaixo-assinado solicitando a recuperação do calçadão e exposto um painel intitulado “Imagens do abandono”, com fotos da deterioração deste espaço.



Esquerda/Figura 26 – Imagem de moradores do bairro no lançamento da campanha “Por amor a nossa Praia”. Julho de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

Direita/Figura 27 – Imagem da manifestação denominada “Ato do buraco”. Agosto de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

⁷¹ / Cerca de quinze dias após esta reunião, fui informada que uma liminar havia suspendido a obrigatoriedade do fechamento da boate Kapital às 4 h da manhã.

No dia 7 de agosto, as portas da boate Kapital foram abertas para a realização do forró, com distribuição de brindes e camisetas com o *slogan* da campanha. Muitos idosos compareceram. Um morador, e grande defensor do “forró dos idosos”, justificou este evento, afirmando que “a Praia de Iracema nunca mais voltará a ser o que era antes, não vamos acabar com a prostituição!”. Este argumento sinaliza um outro aspecto do “conflito simbólico” que se instaurou neste espaço da cidade, pois sugere uma constatação de que o tempo ideal, ou seja, sem prostituição e outros usos indevidos ficou no passado.

Um outro evento que ocorreu neste período foi uma manifestação denominada “Ato do buraco”, que teve como objetivo denunciar para os meios de comunicação a deterioração do calçadão à beira-mar. Este evento contou com a presença de poucos moradores, mas muitos funcionários e os proprietários do Pirata. A banda de música desta casa de show apresentou um forró com uma letra ironizando a deterioração do calçadão. Os meios de comunicação social, que recorrentemente informavam algumas ações do Fórum, noticiaram este acontecimento na televisão e com uma matéria no jornal *O Povo* intitulada: “Protesto contra descaso na Praia de Iracema” (14 de agosto de 2005).

A pesquisa etnográfica nas reuniões do Fórum foi concluída no dia 30 de agosto de 2005. Nesta ocasião fui informada por uma moradora, de que seria fundada uma nova associação, denominada Caixa de Assistência aos Moradores e Empresários da Praia de Iracema/CAMEPI. Segundo esta informante, seu objetivo seria: desenvolver um programa social para a comunidade; oferecer aulas de reforço; aulas de capoeira, voleibol, basquete, futebol e uma escolinha de inglês. Ela salientou que essa nova associação não iria se envolver com brigas para fechar as boates; seu trabalho seria para a comunidade.

As reuniões do Fórum se apresentaram como um “campo social” permeado por conflitos entre os gestores, comerciantes e moradores, estes representados por diferentes associações. Percebi que são organizadas estratégias, nem sempre em consenso, para denunciar os problemas que mais diretamente os afligem enquanto utilizadores do bairro. As múltiplas dimensões e disputas identificadas neste “campo” expressam concepções diferentes para as representações simbólicas associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus”. Estas representações, presentes nas imagens e nos discursos, denunciam um processo simbólico de identificação dos “usos legítimos” e “não legítimos” na ocupação deste espaço.

Frente a estes conflitos que sinalizam quem é o bom freqüentador ou o bom turista, existe uma busca de estratégias da população civil organizada e dos gestores sobre quem deve sair e quem deve ficar no bairro. Alguns defendem a “volta da Praia de Iracema do passado”, com seu “caráter” de lugar bucólico e boémio; outros querem um lugar turístico sem a presença de prostitutas, e há também quem defenda novos projetos de “requalificação”. Nesta perspectiva, a representação simbólica da “boemia” é apresentada em muitos discursos como decorrente de antigas apropriações por bares como Estoril e Cais Bar, e de usos relacionados a uma certa elite intelectual da cidade. Outros se utilizam do termo “bairro histórico” e defendem o seu potencial para o lazer noturno e o turismo. Neste sentido, buscam meios para “trazer o fortalezense de volta para o bairro”.

Percebo que a representação simbólica associada à “boemia” fundamenta-se em dois momentos históricos diferentes, ou seja, antes das reformas urbanísticas implementadas pela prefeitura e governo do Estado nos anos 1990, quando não existia o calçadão, e os freqüentadores se dirigiam basicamente à Ponte, ao Estoril e posteriormente, ao Cais Bar, os quais associavam a Praia de Iracema a um reduto de “boêmios, artistas e intelectuais”; e depois das reformas que dotaram o bairro de um complexo de

lazer e turismo com bares e restaurantes temáticos e principalmente lugares de contemplação como a Ponte dos Ingleses, o Largo Luiz Assumpção e o calçadão.

Já as representações associadas à alegoria do “adeus” são apresentadas de formas ambíguas, com ênfase ora no sentido social ora no espacial. Assim, há quem defenda que a Praia de Iracema está “degradada” devido aos usos que se instalaram neste espaço, enquanto outros advogam que existiu um “abandono” do poder público para com o bairro, gerando a “deterioração” espacial e conseqüente fuga de freqüentadores.

Entre as soluções para os problemas apontados ao longo das reuniões e manifestações no bairro, selecionei as seguintes: fechamento das boates; fiscalização dos vendedores ambulantes; criação de uma “rua da lanterna vermelha” para instalar as boates de prostituição, no estilo da “rua vermelha” de Amesterdão; aumento do policiamento; e desenvolvimento de novos projetos de “requalificação”, por meio da reforma de espaços públicos como o calçadão, a construção de um centro de artesanato e a criação de um posto de apoio ao turista. É importante ressaltar que, assim como na identificação dos problemas da Praia de Iracema, estas soluções apresentadas também denunciam conflitos por parte dos diferentes “praticantes” do bairro e dos gestores que defendiam pontos de vista diferentes.

A partir da análise dos discursos dos gestores e dos “praticantes” do bairro, presentes nos diferentes “espaços sociais” da Praia de Iracema, apresento a seguir um quadro para uma visualização das classificações, relacionando-as com as imagens de “bairro tradicional” e “bairro degradado” atribuídas a este espaço da cidade.

Quadro 14: Classificações do bairro Praia de Iracema

Bairro Tradicional	Bairro Degradado
Boêmio	Decadente
Lugar turístico	Deteriorado
Bairro nobre	Zona de prostituição
Bairro histórico	Abandonado pelo poder público
Área de lazer	Lugar de drogas
Cartão Postal	Violento
Espaço bem freqüentado	Misturado
Lugar cultural	Motel ambulante

Estas classificações demonstram que as imagens da Praia de Iracema como um bairro “tradicional” ou “degradado” correspondem às disputas simbólicas em relação aos usos e apropriações espaciais, e conseqüentemente às dissensões quanto às representações. Partindo desta tensão, exponho no próximo capítulo alguns acontecimentos que contribuíram para a elaboração de “categorias nativas de atribuição” associadas à imagem da “degradação”.

Categorias nativas de atribuição

Partindo do conceito de “atribuição” enquanto explicação causal, procurei identificar neste capítulo algumas fases da história recente do bairro Praia de Iracema e os “eventos” que contribuíram para a elaboração de “categorias nativas de atribuição”, associadas à imagem da “degradação” deste bairro. Nesta perspectiva, analisei os discursos relativos aos usos neste espaço da cidade a partir das representações simbólicas relacionadas à “boemia” e ao “mito do adeus”. Pois o papel destas representações é determinante para compreender como as pessoas fazem atribuições. Como informa Moscovici (1981), a “atribuição” tornar-se mais frutífera e menos mecânica a partir do momento em que tiver reconhecido a importância do conteúdo das representações, assim como o seu caráter social.

Explicitarei esse fenômeno a partir de uma apreciação dos usos, apropriações espaciais, classificações e conflitos concernentes a alguns “eventos” vividos na Praia de Iracema. Esse exercício foi possível por meio da análise de conteúdo dos discursos de alguns moradores e comerciantes do bairro, obtidos por meio das entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, assim como da análise de trabalhos acadêmicos, documentos e matérias jornalísticas a respeito da Praia de Iracema, entre os anos 1995 e 2005, nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Essa atividade metodológica consiste na análise de conteúdo das narrativas, análise sócio-semântica e análise interpretativa.⁷² Por meio deste modelo de análise de conteúdo foi possível identificar *expressões conceituais* que levam à percepção de

⁷² / Como já referi no primeiro capítulo, a utilização deste modelo de análise de conteúdo segue o método de investigação adotado por José Machado Pais no livro *Ganchos, tachos e biscates – jovens, trabalho e futuro* (2005). Esta metodologia foi desenvolvida por Captolina Díaz Martínez em *El Presente de su Futuro. Modelos de Autopercepción y de Vida entre Adolescentes Españoles* (1996).

“categorias nativas de atribuição” relativas à noção de “degradação” do bairro Praia de Iracema.

Utilizei esse modelo de análise de conteúdo a partir da identificação de “eventos” que caracterizam fases da história recente do bairro. Para chegar às “categorias nativas de atribuição”, selecionei das narrativas, diversas *expressões conceituais*, que relatam estes acontecimentos. Os “eventos” são: 1) Especulação imobiliária; 2) Instalação do Pirata; 3) Inserção dos freqüentadores nos espaços de lazer; 4) A ocupação do calçadão por *hippies* e meninos em situação de rua; 5) Presença de turistas estrangeiros e 6) Liberação de alvarás sem restrições e investimentos de estrangeiros. A seguir, apresento alguns exemplos deste método de análise de conteúdo, explicitando passo a passo o processo de *homologação conceitual* que tenho seguido para cada narrativa.

Das expressões conceituais às “atribuições” da “degradação” da Praia de Iracema

Neste modelo de análise de conteúdo o investigador deve “traduzir” em conceitos as expressões lingüísticas. Os conceitos estão encarnados em expressões literais; contudo, a relação entre os conceitos e suas expressões literais não é unívoca: distintas expressões literais podem representar o mesmo conceito (*sinonímia*) e a mesma expressão literal pode representar distintos conceitos (*homonímia*). Assim como uma expressão pode incluir vários conceitos. A fala de um morador da Praia de Iracema sobre as transformações espaciais e sociais do bairro ilustra este modelo de análise: *Mas o que realmente trouxe tudo isso pra cá foi o Pirata, o Pirata foi o início de tudo*. Esta expressão inclui pelo menos os seguintes conceitos: *houve uma mudança no bairro; as mudanças tiveram início com a chegada do Pirata e o Pirata é um marco das transformações do bairro*. O segundo e o terceiro conceitos se referem ao primeiro, à chegada do *Pirata*, e o qualifica. Portanto, toda a

expressão pode ser entendida como um só conceito: *as mudanças do bairro foram ocasionadas pelo Pirata*.

É importante ressaltar que o processo de *homologação conceitual* é próprio do pesquisador ao empregar suas habilidades de intuição lingüística e social. Contudo, as *expressões conceituais* são produzidas pelos sujeitos da pesquisa e não pelo pesquisador. Assim, o significado social das expressões depende do entendimento por parte do grupo pesquisado. A respeito deste modelo de análise de conteúdo, Machado Pais (2005) informa que devem ser estabelecidos critérios de seleção do tipo de expressões que serão consideradas conceitualmente significativas. Pois, em termos gerais, uma expressão pode definir qualquer coisa associada a um significado. Ou seja, “uma expressão é algo que alguém pode entender como alusiva a um referente qualquer” (120: 2005); neste sentido, apresento abaixo a fala de um empresário do bairro, que define a imagem da Praia de Iracema como “lugar de prostitutas e gringos”. Contudo, a sua fala parece ininteligível se relatada em outro contexto: *Quem vem aqui é o gringo, aquele cheio de tatuagem, todo inchado, vem com umas macacas que se você vê as macacas você corre*. Ao se referir ao *gringo* cheio de tatuagem e inchado, o entrevistado está fazendo uma analogia com o turista estrangeiro e pobre, identificado por alguns utilizadores do bairro como pessoas com sub-emprego na Europa e com pouca qualificação escolar. E *macacas* é uma expressão utilizada para se referir às garotas pobres, de pele morena, que namoram ou fazem programa com os turistas estrangeiros.

O procedimento de análise de conteúdo desenvolvido por Martinez (1996) continua com a organização de uma lista de palavras que parecem ter significado relevante para as narrativas. Em seguida, identificam-se *orações ou expressões conceituais* que contemplam aspectos essenciais para os discursos. Ressalto que o processo de delimitação das *orações conceituais* aumenta a intuição do pesquisador, pois este deve ler cada narrativa em

profundidade, apreendendo sua essência semântica. Para finalizar a análise de conteúdo, seguindo este modelo, elaborei quadros apresentando alguns “eventos” vividos na Praia Iracema, suas respectivas características e as “categorias nativas de atribuição” associadas à imagem da “degradação”.

1) Especulação imobiliária

Como foi dito no capítulo anterior, após serem informados do interesse do poder público nessa área da cidade, alguns moradores do bairro começaram a se organizar em defesa de “interesses comuns” e criaram a Associação dos Moradores da Praia de Iracema/AMPI, no ano de 1984. O objetivo da AMPI era a manutenção da arquitetura, composta por um casario do final do século XIX e início do século XX, preservando o caráter residencial do bairro. Como podemos ver nesse texto a seguir, publicado no jornal *O Povo*, a preocupação com a preservação do patrimônio arquitetônico do bairro se alicerçava na imagem da Praia de Iracema como um bairro “tradicional” da cidade.

Em meio à quietude, a Praia de Iracema se derrama em saudade e revela, na paz do silêncio de suas ruelas, o passado da cidade. O bairro, o menor e mais típico de Fortaleza, sofre também a ameaça da especulação imobiliária. (...) Afinal, aos construtores importa muito mais o lucro de que manter a tradição. (...) A Praia de Iracema é um pedaço vivo do passado. (...) As ruas transbordam poesia, falam do passado, contam cenas de amor e saudade (O Povo, 26 de maio de 1980).

Entendo que a preservação do patrimônio pode ser considerada o alvo do primeiro *round* na “disputa simbólica” em torno da ocupação do espaço da Praia de Iracema envolvendo vários atores sociais. Ao referir-se a essa

“peleja”, um antigo membro da AMPI me relatou com muito orgulho que conseguiram deter a especulação imobiliária embargando por diversas vezes algumas construções irregulares, porém o seu depoimento termina com o seguinte lamento: “(...) mas ainda conseguiram fazer três edifícios altos, o Lido, o Tabajaras e o Mirante Iracema, eles conseguiram passar por cima de lei, passar por cima de tudo” (Entrevista concedida em 29 de julho de 2005).

Como pode ser visto nesse depoimento, as tentativas de barrar a verticalização em curso não tiveram êxito. Assim, os anos que antecederam à “requalificação” do bairro por parte dos governos estadual e municipal foram marcados por uma transformação na arquitetura do bairro. As mudanças foram decorrentes de edificações com mais de dez pavimentos e a instalação de uma diversidade de pequenos bares e restaurantes. Alguns estabelecimentos, como o Cais Bar e o Pirata, já apresentavam, nessa época, um grande movimento de freqüentadores. Compreendendo tal coisa como uma “destraditionalização” daquele espaço da cidade, alguns moradores não aceitaram essas modificações e, com o apoio da imprensa, passaram a protestar contra o congestionamento de veículos e a poluição sonora causados pelos carros e os bares. Uma matéria do jornal *O Povo*, publicada em 3 de julho de 1991, intitulada “Praia de Iracema quer fim do caos”, denunciava que nas ruas que circundavam a Igrejinha de São Pedro, ou seja, nas proximidades do Cais Bar, havia se instalado o caos e que a sexta-feira tornara-se um “dia de cão” para os moradores do bairro.

Após as intervenções urbanas por parte do poder público transformando a Praia de Iracema num lugar atrativo para turistas e fortalezense, os moradores desse bairro foram obrigados a mudar severamente as suas práticas cotidianas e também o alvo de seus protestos. Nesse novo *round*, o combate foi contra a poluição sonora. O teor dos protestos apresentados por esses moradores demonstra que residir num bairro turístico foi uma experiência que lhes exigiu uma ativa mobilização. Nesse período, a Praia de Iracema,

enquanto “lugar dos moradores”, obteve um grande destaque nos meios de comunicação, principalmente por meio do movimento S.O.S Iracema. O seu objetivo era apontar os problemas sociais da Praia de Iracema por meio da arte, como painéis com denúncias nos muros do bairro. Vale ressaltar que esses protestos começaram a encontrar resistência dentro do próprio bairro, como pode ser visto nesse depoimento: “pintamos um painel com alusão específica à não poluição sonora; pintamos durante o dia e de noite ele foi desfigurado com grafites” (Entrevista a um ex-morador, concedida em 27 de julho de 2005). Esse relato demonstra que o problema sonoro desencadeou outras práticas sociais conflituosas, como a disputa do espaço entre moradores e comerciantes. Ou seja, o bairro passou a ser o cenário de vozes em conflito onde comerciantes e moradores defendiam opiniões divergentes.

Além das associações e denúncias nos meios de comunicação social, os moradores da Praia de Iracema investiram em defesa de seu espaço por meio de processos judiciais contra alguns proprietários de bares e casas de show. Tendo esses novos vizinhos como “inimigos”, os residentes do bairro se organizaram e passaram a solicitar do poder público medidas para amenizar os conflitos que estavam transformando o sentido do bairro, como pode ser visto no documento seguinte, dirigido à Secretaria de Controle Urbano e Meio Ambiente/SPLAN, no qual eles denunciavam a poluição sonora e argumentavam que a ocupação do solo no bairro ainda era predominantemente residencial, e que por esse motivo exigiam o respeito à lei do silêncio.

Nos dias 1 e 2 de Julho de 1993, nós, moradores da Praia de Iracema, fizemos um levantamento no espaço físico de nosso bairro para verificar, com o devido rigor, as características de ocupação do mesmo. O trecho observado é limitado, a Leste, pela rua Idelfonso Albano; a Oeste, pela rua dos Cariris; a Sul, pela Av. Historiador Raimundo; e, a Norte, pelo mar e o calçadão. Os dados colhidos revelam o seguinte: Existem no espaço acima delimitado 417

(quatrocentos e dezessete) pontos efetivamente ocupados e que nós agrupamos em (quatro) categorias:

A) Pontos residenciais, onde incluímos casas, sobrados, prédios de apartamentos e 'flats'.

B) Pontos de hotéis e pousadas.

C) Pontos comerciais diurnos, onde incluímos escritórios, oficinas, lojas, mercadinhos, mercearias e lanchonetes.

D) Pontos comerciais noturnos, onde incluímos bares e restaurantes.

Veja os números na tabela a seguir:

Características de ocupação da Praia de Iracema

Categorias	Número de pontos	Percentual
A) residências	324	77,7%
B) Hotéis e Pousadas	12	2,9%
C) Comércio diurno	46	11,1%
D) Bares e Restaurantes (funcionamento noturno)	35	8,3%
Total	417	100%

OBS: 80,6% da ocupação do bairro, Categorias A e B, justificam a observância da Lei do Silêncio (Fonte: arquivo da Sra. Waldelice Ratts, moradora da Praia de Iracema).

Dentre muitos outros processos contra os comerciantes que causavam poluição sonora e apropriação de espaços públicos, destaco esse parecer do ano de 1993, que foi encaminhado ao Serviço Especial de Defesa Comunitária/DECOM. Nesse documento, os moradores reconhecem os atrativos da Praia de Iracema para o lazer, mas denunciam que a oferta desses

serviços estava suprimindo os direitos dos residentes na área, sugerindo então a instalação de um Inquérito Civil Público para analisar a situação do bairro.

Tratam estes autos de reclamação feita pelos moradores do Bairro da Praia de Iracema contra os donos dos bares e dos restaurantes ali instalados por causa do barulho excessivo por eles provocado durante as noites e as madrugadas. (...) Não obstante isso, os freqüentadores do bairro, atraídos pelo lazer oferecido pelos bares, abusam também do uso dos aparelhos de som de seus carros ligados em volume excessivamente alto. (...). Acrescidos a estes transtornos, há que lembrar da indevida colocação das mesas e cadeiras dos bares e restaurantes ao longo das calçadas e das vias, impedindo a livre circulação de transeuntes e carros pelas ruas. Os moradores do bairro dão conta de todos os inconvenientes que são obrigados a suportar face à transformação sofrida pelo bairro. (...) A Praia de Iracema é o lugar ideal para aliviar as tensões e para o lazer. A bela paisagem lá desfrutada é um convite constante à diversão. Os vários pontos de aprazível visão e a recente urbanização são fatores que inclinam qualquer um a optar por ela na hora de seu deleite. Contudo, os moradores não podem e não devem ser incomodados; por causa disso, necessário será o ajuste de uma coisa a outra. (...) Ao Ministério Público, portanto, interessa a discussão em torno do assunto em procedimento adequado, por isso é sugerida a instauração de INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO a fim de que se apure com maior profundidade o que acontece no bairro (...) (Fonte: arquivo da Sra. Waldelice Ratts, moradora da Praia de Iracema).

Após a aprovação por parte da procuradora de justiça do Estado do Ceará, esse Inquérito Civil foi publicado no *Diário Oficial* do dia 2 de maio de 1994 e instalado com o objetivo de apurar irregularidades dos bares e restaurantes da Praia de Iracema. Dentre as irregularidades nos

estabelecimentos comerciais do bairro foi apurada a existência de cinco bares relativamente aos quais não havia sido expedido Alvará de Funcionamento. Esse fato demonstra que a apropriação espacial desse bairro, após a “requalificação” de algumas áreas e concepção de “territórios lúdicos”, transcorreu sem um planejamento efetivo do poder público para o seu devido ordenamento.

Esse clima de tensão e conflito vivenciado pelos moradores do bairro Praia de Iracema obteve muita notoriedade nos meios de comunicação de massa. Durante a década de 1990, era comum a divulgação dos protestos dos moradores na imprensa, caso da matéria intitulada: “Audiência Pública hoje na Câmara Municipal vai discutir alternativa para a Praia de Iracema”, publicada no jornal *O Povo* do dia 21 de dezembro de 1994, que noticiava a elaboração de um documento dos moradores analisando a infra-estrutura do bairro para receber turistas e fortalezenses e o seu papel no contexto da cidade. A matéria destacava também as cinco prioridades a serem combatidas para uma reorganização espacial do bairro: 1) Poluição sonora e ambiental; 2) Privatização de áreas públicas; 3) Trânsito congestionado; 4) Falta de segurança e 5) Falta de preservação do patrimônio histórico.

É importante ressaltar que passado mais de um ano após a instalação de um Inquérito Civil para apurar as irregularidades no bairro, e mais de seis meses dessa audiência pública, identifiquei na minha investigação um documento encaminhado à Quarta Vara da Fazenda Pública do Estado do Ceará em 21 de julho de 1995, denunciando e mais uma vez protestando contra os usos e as apropriações espaciais da Praia de Iracema. “As ruas continuam cheias de carro num trânsito caótico desassistido [sic] pela autoridade competente. Os bares e casas de SHOW continuam invasivos como sempre, abusando do som e ganhando as calçadas e as ruas com mesas e cadeiras. Será que os bares e casas de SHOW podem continuar fazendo o que

fazem em detrimento dos Direitos do cidadão? Confiamos na Justiça!” (Fonte: arquivo da Sra. Waldelice Ratts, moradora da Praia de Iracema).

Um outro fenômeno que emergiu, causando demarcações no já recortado espaço da Praia de Iracema, foi uma disputa pelo espaço do bairro entre os próprios comerciantes. Um desses conflitos ficou conhecido entre moradores e comerciantes como a “guerra dos forrós”. Além de tentar atrair mais público para seus estabelecimentos, os proprietários de duas casas de show rivalizavam também pelo valioso espaço do bairro, como pode ser visto nesse relato de um dos donos do *Pirata*:

Esses dois terrenos aqui são nossos e compramos o da esquina também. Então, naquele tempo alugamos o terreno de lá pra justamente juntar os dois Piratas. Depois de uma grande novela da “guerra dos forros” (Entrevista concedida em 27 de abril de 2005).

Para os moradores, esse fenômeno pode ser considerado um marco simbólico que revoga o sentido da Praia de Iracema enquanto bairro residencial. Como demonstra o depoimento desse ex-morador:

O ponto decisivo que tornou insuportável residir na Praia de Iracema foi quando começou a “guerra dos forros”, o Pirata começou com um forró nas segundas-feiras (...), um vizinho que tinha um boteco ao lado do Pirata começou a fazer também [forró] nas segundas-feiras e houve a “guerra dos forros” (Entrevista concedida em 27 de julho de 2005).

Como conseqüência dessa nova conformação espacial da Praia de Iracema, as relações de vizinhanças foram se modificando. Dentre algumas variáveis que proporcionaram esse fenômeno, apontadas nos discursos dos moradores e ex-moradores, destaco a saída de moradores devido à poluição

sonora causado pelos bares, restaurantes e casas de shows, e também ao frágil poder aquisitivo de alguns moradores, pois uma grande parte dos imóveis desse bairro pertence a poucas famílias abastadas de Fortaleza, e com a valorização destes, os inquilinos não puderam pagar os altos valores cobrados e mudaram-se para outros bairros da cidade. A especulação imobiliária seduziu também alguns moradores a vender seus imóveis, enquanto outros, transformavam a frente de suas casas em pequenos bares, lanchonetes ou restaurantes. Essa diminuição do número de residências e a transformação de alguns moradores em comerciantes desencadeou a alteração nas relações de vizinhança. Contudo, as organizações de protestos persistiram com outras configurações. Os poucos moradores que continuaram a residir no bairro persistiram com a AMPI e organizaram outras associações como: Associação dos Moradores da Orla Marítima da Praia de Iracema/AMOMPI, Conselho Comunitário de Desenvolvimento Social/CCDS e Associação dos Moradores e Comerciante da Praia de Iracema.

No ano de 2001, moradores e comerciantes se uniram para protestar contra a instalação da boate África's.⁷³ Nesse sentido, foi criado o Comitê de Defesa e Moralização da Praia de Iracema. Por meio de um documento com 1.500 assinaturas, esse comitê solicitava o cumprimento de posturas éticas e respeito aos moradores por parte dos donos de boates de sexo explícito. Esse movimento contou com o apoio de diversas entidades como: Associação Brasileira de Restaurantes e Empresas de Entretenimento do Ceará/Abrasel; Fórum de Turismo; Associação Brasileira de Hotéis; Comitê de Defesa e Moralização da Praia de Iracema, e também a Associação dos Moradores e Comerciantes da Praia de Iracema. O estabelecimento desta boate no bairro é

⁷³ / Esta boate funcionava próximo à avenida Beira-Mar e apresentava shows de *strip tease*, sendo associada a um lugar de prostituição.

definido, por um comerciante, como um indício da imagem da “degradação” da Praia de Iracema:

A deterioração começou por quê? Porque, em primeiro lugar, deixaram construir o “África’s” (...) a gente fez toda uma campanha pro “África’s” não se instalar porque a gente pensava assim: no dia que o “África’s” vier, se vier um puteiro vem todos os puteiros da praia, e foi dito e feito. Veio o “África’s” ai depois o “Desigual” [outra boate identificada pelos moradores e pela mídia como lugar de favorecimento à prostituição] inchou porque já tinha o “África’s” aí com o “Desigual” depois apareceu o “Vagon Plaza” [boate com show de stripper] (Entrevista concedida em 27 de abril de 2005).

Segundo uma moradora, este período foi marcado por uma intensa mobilização de protestos, inclusive por meio de grandes faixas, nos muros do bairro, que denunciavam e protestavam contra a prostituição e o tráfico de drogas, como por exemplo: “Praia de Iracema: turismo sim, prostituição não”; “Praia de Iracema: alegria sim, drogas não” e “Turismo familiar sim, sexual não”. Como pode ser verificado no relato abaixo, a organização das diferentes associações foi no sentido de solicitar da prefeitura um maior rigor no ordenamento do bairro e a não abertura da boate África’s:

*No início [após as intervenções] era muito bom, [o bairro era] freqüentado exclusivamente por família. A Praia de Iracema era onde você encontrava os melhores restaurantes, os melhores barzinhos, aí foi que começou **os estrangeiros vir pra cá**, cresceram os olhos, investir aqui dentro e **a prefeitura que eu falo e continuo falando, que a prefeitura começou a deixar criar bares e restaurantes tudo desordenadamente, não teve controle, aí foi que começou nossos problemas, vem o gringo, vem a prostituição atrás do gringo. Pronto melhor, fechou o África’s na Beira-Mar, quando o***

África's veio se instalar aqui na Cariris nós fizemos movimento, pedimos para a prefeitura para não deixar abrir, mas abriram, aí o África's foi que trouxe a prostituição porque nos bares, nos restaurantes dos estrangeiro tinha [prostitutas], mas era aquelas prostitutas da elite, que tem as da elite e tem as pobres, vamos dizer tem as ricas e tem as pobres, aí foi que as outras mesmo, as prostitutas mesmo que ganham dinheiro, que vivem disso, veio depois do África's, se instalaram aqui, aí pronto depois do África's não teve mais controle (Entrevista com uma moradora que reside há 50 anos no bairro, concedida em 18 de maio de 2005, grifos meus).

Com o acentuado enfraquecimento do movimento de freqüentadores nos espaços de lazer da Praia de Iracema, os proprietários de bares e restaurantes criaram, em agosto de 2002, a Associação Condomínio Praia de Iracema. O seu lançamento oficial se deu por meio de uma lavagem simbólica da rua dos Tabajaras: “a lavagem significava, para os participantes, a limpeza do que chamam de problemas a ocupar o lugar – principalmente a insegurança, prostituição e iluminação precária” (*O Povo*, 30 de agosto de 2002). No ano de 2003, a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará/SECULT e a FUNCET organizaram, junto com moradores e comerciantes, o projeto “Iracema de todas as tribos”, divulgado nos meios de comunicação social como uma forma de “revitalização do bairro”. Esse movimento reproduziu mais uma vez a representação simbólica do “adeus” prometendo “ações para que a ‘PI’ não dê seu definitivo adeus” (*O Povo*, 5 de junho de 2003). Nesse mesmo ano foi lançada uma campanha, apoiada pelo jornal *O Povo*, intitulada “Praia de Iracema: quem ama cuida”, exibindo imagens, em *outdoors* e jornais impressos, com denúncias de prostituição, tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. Foi lançado também o Movimento de Revitalização da Praia de Iracema, com o tema “Viva a Praia de Iracema Viva”, apresentando

exposições, apresentações musicais, oficinas educativas e programação especial nos restaurantes.⁷⁴ No dia 31 de maio de 2003 foi divulgada uma nota no jornal *O Povo* sobre a instituição do “Dia de Iracema”. Este “dia” consistiria em eventos como realização de shows, apresentações artísticas, exposições, palestras e oficinas educativas, todos os sábados no Cais Bar. No período da minha pesquisa de campo, já no ano de 2005, tive oportunidade de presenciar a organização do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema, que contou com a participação de comerciantes e moradores.

Seguindo o modelo de análise de conteúdo proposto por Martinez (1996), organizei a seguir uma lista de palavras presentes nos discursos, com um significado relevante para a identificação das “categorias de atribuição” que associam a “especulação imobiliária” com a imagem da “degradação” da Praia de Iracema:

Especulação imobiliária	Insuportável
Desordenadamente	Protestos
Movimento	Gringo
Prostituição	Deterioração

Abaixo, a lista de orações conceituais contempla as seguintes expressões:

- *O bairro (...) sofre também a ameaça da especulação imobiliária;*

⁷⁴ / Este movimento, lançado em junho de 2003, foi realizado pela Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa; Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará/INESP e Condomínio de Iracema, com apoio da Secretaria de Cultura/SECULT.

- *A Praia de Iracema é um pedaço vivo do passado;*
- *Eles (especuladores imobiliários) conseguiram passar por cima de lei, passar por cima de tudo;*
- *O ponto decisivo que tornou insuportável residir na Praia de Iracema foi quando começou a “guerra dos forrós”;*
- *Praia de Iracema: turismo sim, prostituição não;*
- *A a prefeitura começou a deixar criar bares e restaurantes tudo desordenadamente, não teve controle, aí foi que começou nossos problemas, vem o gringo, vem a prostituição;*
- *A deterioração começou por quê? Porque em primeiro lugar deixaram construir o “África’s”;*
- *Quando o África’s veio se instalar aqui na Cariris nós fizemos movimento, pedimos para a prefeitura para não deixar abrir, mas abriram, aí o África’s foi que trouxe a prostituição.*

Quadro 15: A especulação imobiliária e a imagem da “degradação” da Praia de Iracema

Evento	Características	Categorias nativas de atribuição
	Construção de edifícios com mais de dez pavimentos e instalação de novos estabelecimentos comerciais.	Deterioração; Guerra dos forrós; Turismo sim, prostituição não.
Especulação imobiliária	Protestos contra: especulação imobiliária, poluição sonora, invasão do espaço público e instalação da boate África’s.	
	Audiências públicas e organização de diversas associações de moradores e comerciantes.	

2) A instalação do Pirata

Por meio da análise de diferentes discursos, percebi que a instalação do Pirata é apontada como um marco das modificações no bairro e das disputas simbólicas no tocante aos usos e apropriações espaciais. Então, empregando o modelo de análise de conteúdo definido acima, procurei identificar, a partir dos discursos relativos a este “evento” vivido na Praia de Iracema, as “categorias nativas de atribuição” para a imagem da “degradação”.

Todas essas boates de prostituição eram naquele quarteirão próximo à Av. Beira Mar, então elas foram transferidas pra cá, porque aqui ficou sendo um lugar legal, porque ficou cheio de bares, então começou a mudar a estrutura da Praia de Iracema. Mas o que realmente trouxe tudo isso pra cá foi o Pirata, o Pirata foi o início de tudo (Entrevista com uma moradora, que sempre residiu na Praia de Iracema, concedida em 19 de maio de 2005).

Tudo começou aqui quando se instalou o Pirata, não que o Pirata seja o culpado de tudo isso, mas foi através do Pirata que começou a surgir outras casas, começou a surgir pela orla mais restaurantes porque a frequência de turistas no Pirata era muito grande. Então, algumas pessoas foram tirando os moradores e comprando as suas residências, porque pagavam bem, então as pessoas não resistiam e acabavam vendendo pra fazer restaurantes, assim a Praia de Iracema deixou de ser um bairro residencial e passou a ser comercial (Entrevista com um morador, que sempre residiu na Praia de Iracema, concedida em 20 de abril de 2005).

Foi em 1985 que a gente começou a luta devido ao som alto, chegou o Pirata aí começou esse negócio de som que incomodava os moradores pra dormir, aí fundamos a Associação de Moradores da

Praia de Iracema [fundada em 1984]. (...) Ele [o proprietário do Pirata] batia de frente por causa da poluição sonora sempre tinha aquelas discussões em assembléia. Aí ficava ele de um lado e os moradores juntos, contra ele, porque ele fazia zoada. (Entrevista com uma moradora, residente há 45 anos na Praia de Iracema, concedida em 29 de julho de 2005).

Ele [o Pirata] invadiu um lugar que era cheio de residências, ao redor dele era tudo residência na frente dali e todas as pessoas saíram de lá por causa do Pirata, entendeu, por causa dele, porque não dormiam, não era nem pelo barulho deles, era pelo simples fato de que as pessoas ficavam na porta gritando, e tinha aquela baderna em frente do Pirata, porque você sabe que todo lugar que tem casa de show as pessoas ficam do lado de fora, tem aquele movimento de entrada, de saída, então todos os moradores dali da Praia de Iracema, dali daquele quarteirão do Pirata saíram de lá, porque não agüentaram, então ele não é o culpado? (Entrevista com uma moradora, que sempre residiu na Praia de Iracema, concedida em 19 de maio de 2005).

A seguir, organizei uma lista de palavras presentes nos discursos, que parecem ter um significado relevante para a identificação das “categorias de atribuição”:

Pirata	Instalou
Culpado	Luta
Poluição (sonora)	Invadiu
Baderna	Zoada (barulho)
Incomodava	Discussões

Esta lista inclui não só palavras soltas como também unidades (nomes ou verbos) que, mesmo compostas por várias palavras, funcionam como uma só unidade conceitual básica. Por exemplo, *poluição sonora*. É importante assinalar que um entrevistado utiliza a mesma palavra várias vezes, assim como a mesma palavra é referida nos diferentes relatos, como: *Pirata / som / zoada / poluição sonora* etc. Os entrevistados contemplam como aspectos essenciais de suas descrições do bairro coisas como: *mudança da estrutura da Praia de Iracema; Pirata como início de tudo; a organização dos moradores na luta contra a poluição sonora e a freqüência de turistas no bairro*. A análise de conteúdo poderia ter em conta o número de vezes que aparece um conteúdo conceitual específico, porém a autora⁷⁵ que propõe este método prefere não considerar este aspecto. A presença de um conceito em um texto não será medida em função do número de vezes que o dito conceito aparece. Apresento abaixo a correspondente *lista de conceitos* (orações ou expressões conceituais). Com freqüência, para entender a oração é necessário explicitar seu contexto, que fica indicado entre parênteses. Ressalto que estas regras não se podem aplicar de forma demasiado precisa. Existem relatos particularmente difíceis de representar seguindo essas regras. Por exemplo, quando a oração principal leva alguma outra oração dentro dela. Nesses casos, é admissível trocar até certo ponto a literalidade das orações, como por exemplo, a oração: *assim a Praia de Iracema deixou de ser um bairro residencial e passou a ser comercial (quando começou a surgir pela orla mais restaurantes devido à freqüência de turistas no “Pirata” que era muito grande)*.

A lista de conceitos pode inventariar-se na base de uma série de contemplações:

- *O Pirata foi o início de tudo;*

⁷⁵ / Martinez (1996).

- *Não que o Pirata seja o culpado de tudo isso (mas a estrutura do bairro começou a mudar a partir dele);*
- *A freqüência de turistas no Pirata era muito grande (então começou a surgir outros comércios);*
- *Algumas pessoas (os especuladores imobiliários) foram tirando os moradores;*
- *Começamos (os moradores) a luta (contra a poluição sonora);*
- *Ele [o Pirata] invadiu um lugar que era cheio de residências;*
- *Tinha aquela baderna em frente do Pirata.*

Nesta tradução de texto literal para orações conceituais se perde uma quantidade considerável de informações. As orações e as frases modulam os seus significados como resultado de suas relações contextuais. Uma parte substancial do significado da frase, que provém da sinergia existente entre suas partes, se perde no processo de tradução. Contudo, como o processo de análise é *não-reduutivo*, esta perda de informação é só aparente. Na realidade, o processo de extração das orações conceituais em cada texto aumenta extraordinariamente a intuição do investigador. Para produzir as orações conceituais, o investigador se vê obrigado a ler cada narrativa em profundidade, capturando sua estrutura semântica.

Apresento a seguir o quadro com o “evento” vivido no bairro Praia de Iracema, ou seja, a instalação do Pirata, as características deste acontecimento e as “categorias nativas de atribuição” para a imagem da degradação.

Quadro 16: O Pirata e a imagem da “degradação” da Praia de Iracema

Evento	Características	“Categorias nativas de atribuição”
Instalação do Pirata	Surgimento de bares e restaurantes.	Baderna.
	Maior frequência de turistas.	Invadiu.
	Mobilização dos moradores.	
	Poluição sonora.	
	Imóveis mais caros.	
	Moradores vendendo seus imóveis.	

3) A inserção dos frequentadores nos espaços de lazer

Um tema que merece atenção para identificação das “categorias de atribuição” para a imagem da “degradação” da Praia de Iracema é o lugar que os frequentadores, denominados boêmios, ocupam nas narrativas do bairro. Com as transformações na sua arquitetura, a designação “boêmio”, associada nos discursos jornalísticos aos artistas e intelectuais que frequentavam o bairro, ganhou um caráter desabonador entre os moradores. Ou seja, a representação simbólica da “boemia” influenciou também os conflitos na disputa pelos “lugares”, pois no processo de negociação pelos espaços de Iracema surgiram diferentes formas de classificar os seus frequentadores, como por exemplo: *público tradicional*; *boêmio de verdade*; *boemia étlica*; *boemia high tech*; *novos boêmios*, entre outras. Identifiquei também uma conotação irônica ao termo, como pode ser visto em trechos de uma carta encaminhada ao Secretário de Polícia e Segurança Pública em 25 de janeiro

1989, que utiliza o termo “boêmios” para se referir a freqüentadores que causavam desordem e desrespeito aos moradores do bairro.

(...) 2. Os **boêmios** quando afluem para cá, vêm em carros de todos os tipos, a maioria dotada com “canos envenenados”, com sistemas de alarme que disparam na chegada e na saída, alta madrugada. (...) 6. Os referidos **boêmios** têm o hábito pouco salutar de fazer suas necessidades fisiológicas em plena rua e nossas calçadas amanhecem malcheirosas e freqüentemente, temos que limpar detritos mais consistentes. 7. As brigas e os desentendimentos entre os **boêmios** se dão na frente de nossas portas e janelas, situação que nos aflige sobremaneira. (...) (Apud Benevides, 2003: grifos meus).

O sentido pejorativo dado ao termo boêmio está presente também nos discursos dos moradores em relação às transformações na estrutura do bairro. Segundo alguns depoimentos, as mudanças espaciais e sociais acarretam um novo sentido da boemia, análoga a bebida alcoólica, ou seja, constitui-se uma “boemia etílica”. Como pode ser visto no relato abaixo, um morador defende que existiu um descaso dos antigos freqüentadores ou “boêmios” com a preservação da história do bairro Praia de Iracema.

A chegada de um comerciante que por sinal é um homem muito inteligente que é o Júlio Trindade [proprietário do Pirata], que iniciou aqui na década de 1980, uma nova visão de cultura atraindo os artistas e intelectuais. Então a prefeitura aproveitou o ensejo, já que ele era um homem que conseguia atrair um público muito grande, por que não dizer a elite intelectual, que antigamente vivia no antigo Estoril, mas depois eles aderiram à tecnologia, ao som mecânico, são os “intelectuálcool” que criou uma cumplicidade burra e esqueceram completamente a história do bairro. A Praia de Iracema tornou-se um

bairro de bebida, de álcool. A boemia só no sentido de bebida e não do conhecimento, de história. A boemia só para o meu prazer e não no sentido cultural. A boemia ética (Entrevista com um morador, residente há 35 anos na Praia de Iracema, concedida em 19 de agosto de 2005).

Esse argumento está presente também em documentos organizados por moradores para denunciar a falta de respeito ao bairro por parte dos novos freqüentadores. Por meio de um movimento denominado “S.O.S Iracema”, fundado em 1989, foi desenvolvida uma campanha intitulada “Queremos um Alvará para Viver”, com severas críticas às formas de lazer vivenciadas no bairro pelos freqüentadores identificados como “novos boêmios”.

*O espaço idílico e aconchegante do nosso viver passou a ser, da noite para o dia, um espaço ocupado pela **nova boemia**, um verdadeiro “programa de índio”, numa triste coincidência com os nomes indígenas das nossas ruas. Essa **nova boemia** é de gosto duvidoso, pois é a boemia do barulho, do guichê e da fila: fila para estacionar, para comprar ingresso, para entrar, para comprar bebida, para ir ao toailete e, na base da superlotação “bateau-mucheana” [comparação com o barco que afundou no *revellion* de 1987 do Rio da Janeiro], fila até para dançar. Uma péssima prestação de serviços para o público consumidor. Há quem chame isso de progresso. Nós discordamos (...)* (Benevides, 2003: 53, grifos meus).

A análise dos discursos referentes às mudanças sociais e espaciais decorrentes dos processos de “requalificação” me fez perceber também que os antigos freqüentadores, referenciados na mídia como “boêmios de verdade” ou “público tradicional”, passaram a qualificar os recém-chegados como portadores de comportamentos que não condiziam com a representação “boêmia” do bairro, ou seja, passaram a identificá-los como *outsiders*, e por esse motivo foram estigmatizados, como pode ser visto nessa matéria

jornalística, reproduzindo a fala do proprietário do tradicional Cais Bar: “O **público tradicional** do bar já evita as noites das sextas e sábados, dando lugar aos **novos freqüentadores** que superlotam o espaço.” (*O Povo*, 3 de julho de 1991, grifos meus).

Os meios de comunicação social tornaram-se um canal importante na propagação desse fenômeno, pois algumas matérias jornalísticas apresentavam os novos usos e apropriações do bairro como uma ameaça à representação “boêmia” da Praia de Iracema. Esse trecho de uma entrevista com o garçom Baleia⁷⁶ ilustra esse fenômeno ao definir os novos usos nesse bairro como invasão ao “lugar dos boêmios”.

*Sinto saudade daquele tempo do Estoril, escutando aquela turma imensa de **boêmios** tocando violão a noite toda. O pessoal hoje se separou, vai cada um para um bar diferente, não tem mais aquele ponto de encontro certo. **Agora a meninada invadiu a Praia de Iracema, só dá meninote, ninguém vê mais um boêmio de verdade.** Ninguém vê mais aquelas mesas imensas, com vinte, trinta pessoas virando a noite na conversa* (*O Povo*, 24 de setembro de 1994, grifos meus).

Em outra matéria, o jornal *O Povo* denuncia o protesto dos moradores contra o novo sentido da boemia que estava se constituindo no bairro: “Não à **boemia high tech** é o grito dos moradores da Praia de Iracema, indignados com a poluição sonora e com a má qualidade de vida causada pelos novos bares que infestam as ruas do antes bucólico e tranqüilo bairro” (*O Povo*, 22 de janeiro de 1989).

⁷⁶ / João Gouveia Filho, conhecido por Baleia, foi garçom do Estoril e do Cais Bar, sendo considerado por antigos freqüentadores um garçom histórico e símbolo da Praia de Iracema.

Tendo como modelo de análise de conteúdo a identificação de *expressões conceituais* para a identificação das “categorias nativas” relativas à imagem da “degradação”, apresentarei a seguir um quadro com as características da chegada de novos freqüentadores neste bairro. Esse exercício se deu a partir da identificação deste fato, o qual defino como “a chegada dos novos freqüentadores”, as suas características e as categorias de atribuição para imagem da “degradação” oriundas das *expressões conceituais*. Nesse caso, as palavras presente nas narrativas acima, com significados relevantes, são: *boemia, nova boemia, boemia high tech, boemia etílica, bebida, brigas, barulho, bucólico, tranqüilo, indignação e invasão*. As *orações conceituais* que identifiquei foram as seguintes:

- *Os referidos boêmios têm o hábito(s) pouco salutareis;*
- *A Praia de Iracema tornou-se um bairro de bebida, de álcool;*
- *Essa nova boemia é de gosto duvidoso, pois é a boemia do barulho;*
- *Agora a meninada invadiu a Praia de Iracema, só dá meninote, ninguém vê mais um boêmio de verdade;*
- *Não à boemia ‘high tech’ é o grito dos moradores da Praia de Iracema;*
- *(Os moradores) indignados com a poluição sonora e com a má qualidade de vida causada pelos novos bares que infestam as ruas do antes bucólico e tranqüilo bairro;*
- *A boemia só no sentido de bebida e não do conhecimento, de história. A boemia só para o meu prazer e não no sentido cultural.*

Quadro 17: Novos freqüentadores e a imagem da “degradação” da Praia de Iracema

Evento	Características	“Categorias nativas de atribuição”
Inserção de novos freqüentadores.	Freqüentadores que faziam barulho e necessidades fisiológicas nas calçadas das residências, brigavam nas ruas, bebiam, não se preocupavam com a história do bairro e superlotavam os espaços.	Boemia ‘high tech’; Nova boemia; Boemia etílica.

4) A ocupação do calçadão por *hippies* e meninos em situação de rua

Com a urbanização do calçadão, este “espaço público” do bairro se tornou uma espécie de “cenário” para contemplação do lazer, pois o largo Luiz Assumpção, os jardins, os bancos e os bares que se instalaram nas margens deste passeio orientavam as práticas sociais. Ou seja, o espaço físico norteava as práticas e guiava os comportamentos; vivia-se ali uma “sociabilidade normatizada” (Gomes, 2006). Porém, alguns anos após a urbanização do calçadão, esta “harmonia” nos usos foi quebrada pela presença de *hippies*, meninos em situação de rua e mendigos que passaram a se apropriar deste espaço para vender artesanato nos bancos do calçadão, pedir dinheiro aos transeuntes e mesmo armar barracas e morar próximo ao passeio. Este fato originou um conflito simbólico na sua ocupação, pois as práticas destes novos usuários foram consideradas pelos “estabelecidos” (Elias, 2000) como “marginais” ou “poluidoras” dos espaços “requalificados”. Esta dissensão contribuiu para o início de um processo de permuta entre os diversos freqüentadores ou “espectadores” e os novos ocupantes.

A causa desse fenômeno foi apontada, nos meios e comunicação, como o descaso do poder público para com o bairro. Como pode ser visto nos relatos abaixo, matérias publicadas no início e no final do ano de 2002 demonstravam

que a não regulamentação sócio-espacial por parte das autoridades competentes acarretou numa “degradação” da infra-estrutura dos equipamentos “requalificados” da Praia de Iracema, favorecendo práticas sociais “ilícitas” para o bairro.

*A Praia de Iracema está, definitivamente, **abandonada pelas autoridades**. O calçadão, que já foi atração turística, virou moradia para hippies, que ali montaram suas barracas de camping (no largo do Mincharia), e até ponto de encontro de jovens e adultos que se drogam e se prostituem. Em contrapartida, os comerciantes estão fechando ou mesmo alugando seus estabelecimentos. **O policiamento está ausente** (Diário do Nordeste, 14 de fevereiro de 2002, grifos meus).*

*Antigo reduto dos boêmios, a Praia de Iracema hoje já não abriga mais o brilho e a magia de antes. Às vésperas do pique da alta estação turística, problemas como **abandono da infra-estrutura, falta de segurança**, tráfico de drogas e prostituição estão conseguindo manchar a história de um dos bairros mais bonitos e visitados de Fortaleza (Diário do Nordeste, 18 de dezembro de 2002, grifos meus).*

Considerando que os espaços urbanos são tanto um mundo objetivo como representação, a retórica do *abandono*, reproduzida nos meios de comunicação, contribuiu para uma transformação na representação do bairro, que passou a ser referenciado por meio de termos como “lugar dos *hippeis*”, “abandonado” e “território de ninguém”.

Os argumentos utilizados na mídia para definir esse novo “lugar” apoiavam-se no “mito adeus”, enquanto representação simbólica dos “bons usos” do passado, no sentido de definir a presença desses “praticantes” como não condizentes com os códigos de disciplina dos espaços “requalificados” e

residencial do bairro, ou não adaptados às “regras de civilidade”. A não “obediência” aos critérios impostos pela lei que regula os comportamentos em áreas comuns, neste caso a utilização dos bancos para expor produtos artesanais e a ocupação do calçadão com barracas de *camping*, foi noticiada nos jornais como o “fim da atração turística” ou “triste fim da Praia de Iracema”.

A Praia de Iracema vivenciou então uma sobreposição de lugares, pois o “lugar de lazer” se tornou “lugar de *hippies*, drogas e prostituição”. Como informa Certeau, um lugar é uma configuração instantânea de posições, sendo excluída a possibilidade de duas coisas ocuparem o mesmo lugar “os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que o define” (1994: 201). Então, esse espaço que foi urbanizado para se tornar um “lugar de lazer” não poderia abrigar apropriações relativas a “moradia” de grupos marginalizados. Como pode ser lido abaixo, este fenômeno foi denunciado, em alguns discursos, como uma “invasão” da Praia de Iracema:

Existiu uma invasão dos hippies no calçadão, os hippies começaram a se instalar no calçadão, traziam barraca, faziam comida, fogueira na praia eles faziam fogueira botavam panela, cozinhavam, tomavam banho no calçadão por que tinha a jardinagem no calçadão, e as torneiras para as pessoas, para os moradores, ou para o pessoal da prefeitura vir regar as plantas, só que os hippies tomavam banho semi-nus, então a prefeitura tirou todas as torneiras para evitar esse problema deles estarem morando mesmo, morando com família, com filho, com família mesmo, morava tudo na Praia de Iracema, e continuam morando, só que na época nós fizemos muito movimento, chamamos muito a imprensa, ofício para prefeitura, ofício para polícia, conseguimos retirar a metade, mas agora eles já estão voltando de novo, foi uma batalha muito, muito grande (Entrevista com uma moradora que sempre residiu na Praia de Iracema, concedida em 18 de maio de 2005).

Como define Lévy, o que caracteriza o espaço público não é só a acessibilidade, mas também a “extimidade”, ou seja: “o percurso no espaço público supõe uma suspensão do íntimo, que paradoxalmente é uma condição de existência (...) só o ‘anonimato’, isto é, a garantia de que o outro urbano não projetará sua intimidade sobre a nossa” (1999: 239). Para Sennett (1995), o espaço urbano é o lugar da possibilidade do encontro sem que isso induza à compulsão da intimidade ou de uma suposta identidade profunda. Portanto, ao virem para a rua atividades privadas como cozinhar, tomar banho e dormir, isso significa que existiu na Praia de Iracema uma inversão dos sentidos simbólicos do que representa, na nossa cultura, a casa, enquanto ambiente privado, e a rua no sentido da coisa pública, conforme analisado por Roberto Da Matta (1997). Então, sendo os “lugares” construções sociais, a inversão do sentido público e privado neste espaço produziu um afastamento dos freqüentadores dos bares e restaurantes da orla marítima, pois a sua presença tornou-se uma “incursão” no “espaço privado” do outro. Essa falta de respeito aos códigos sociais nos espaços públicos decretou, enfim, uma crise para o comércio local, como pode ser visto nesse depoimento:

Existiu o problema dos hippies que moravam aqui e os meninos que ficavam cheirando cola e ainda ficam, antes foi a presença dos hippies e dos meninos que espantavam a freguesia. (Entrevista com o proprietário de um bar da Praia de Iracema, concedida em 23 de Agosto de 2005).

Segundo depoimentos de moradores e comerciantes da Praia de Iracema, os *hippies* e meninos em situação de rua chegavam a cobrar “pedágio” aos transeuntes, no sentido de intimidá-los pedindo para lhe pagarem bebidas e comidas. Ou seja, a privatização dos espaços públicos passou a ser representada nos discursos como uma falta de “controle social” no espaço urbano. Como descreve Arantes, em relação aos meninos de rua no

centro de São Paulo, este tipo de ocupação sócio-espacial é classificada também, “como ‘coisa fora de lugar”, e portanto simbolicamente suja e perigosa” (2000: 108).

Na busca de reverter esse cenário, moradores e comerciantes do bairro se uniram por meio de protestos, como abaixo-assinados solicitando às autoridades competentes medidas para coibir a “privatização dos espaços públicos por parte dos *hippies*”. É importante ressaltar que os argumentos utilizados nestes protestos eram da Praia de Iracema como um “lugar de lazer” para os turistas. Como pode ser observado no documento abaixo, era reivindicado um “lazer tranqüilo” para os freqüentadores, “na maioria turistas”. Nesse sentido, a consolidação do bairro como um “lugar de lazer” já era um fato; o que reivindicavam era a manutenção desse “lugar” em comunhão com o “lugar dos moradores”.

Os abaixo assinados [sic], residentes no bairro Praia de Iracema e adjacências, reivindicam junto à Prefeitura Municipal de Fortaleza a seguinte providência: Quanto à utilização e ocupação dos bancos existentes ao longo do calçadão da Praia de Iracema pelos artesãos (hippies), que comercializam seus artefatos e também dormem nas calçadas próximas aos bancos e restaurantes, impossibilitando a acomodação e um lazer tranqüilo das pessoas que por ali transitam, que na sua maioria são turistas que passam férias em nossa cidade (Fonte: arquivo da Sra. Waldelice Ratts, moradora da Praia de Iracema).

A partir da apreciação desse documento, percebo que os residentes denunciavam a transformação desta área do bairro num “espaço liminar”. Arantes (2000), a partir do conceito de Turner (1967), define “espaço liminar” como a fronteira entre o público e o privado, entre a necessidade coletiva e a propriedade privada; onde o alimentar-se é realizado pela ingestão de sobras

dos restaurantes e restos de lixo; o aconchegar-se se dá pelo ato de abrigar-se individualmente ou em grupo na rua; ou seja, “o medo e o risco habitam este espaço cujas ambigüidades sugerem que, a qualquer momento, tudo pode acontecer” (2000:107). Referindo-se às ruas de São Paulo, Arantes defende que a constituição desses espaços transforma o “controle social em retórica” criminalizando os habitantes das ruas. No tocante à Praia de Iracema, as possibilidades de “mistura social” foram vistas com desconfiança, medo, e portanto foram evitadas.

Seguindo o modelo de análise de conteúdo proposto por Martinez (1996) as palavras com significados relevantes para a identificação das “categorias de atribuição” da imagem da “degradação”, a partir da ocupação daquele espaço por *hippies* e meninos em situação de rua, são: *abandonada*; *moradia (de hippies)*; *falta de segurança*; *tráfico de drogas*; *prostituição*; *invasão*; *movimento e batalha*. As expressões conceituais são as seguintes:

- *A Praia de Iracema está, definitivamente, abandonada pelas autoridades;*
- *O calçadão, que já foi atração turística, virou moradia para hippies;*
- *O policiamento está ausente;*
- *Antigo reduto dos boêmios, a Praia de Iracema hoje já não abriga mais o brilho e a magia de antes;*
- *Abandono da infra-estrutura, falta de segurança, tráfico de drogas e prostituição estão conseguindo manchar a história de um dos bairros mais bonitos e visitados de Fortaleza;*
- *Existiu uma invasão dos hippies no calçadão;*
- *Nós fizemos muito movimento, chamamos muito a imprensa, ofício para prefeitura, ofício para polícia;*

- *Foi uma batalha muito, muito grande;*
- *A presença dos hippies e dos meninos que espantavam a freguesia.*

Abaixo apresento o quadro com este “evento”, suas características e as “categorias nativas de atribuição” para a imagem da “degradação” do bairro Praia de Iracema a partir deste acontecimento.

Quadro 18: A ocupação do calçadão por *hippies* e meninos em situação de rua e a imagem da “degradação” da Praia de Iracema

Evento	Características	“Categorias nativas de atribuição”
A ocupação do calçadão por <i>hippies</i> e meninos em situação de rua.	Falta de manutenção dos equipamentos urbanizados e requalificados.	Lugar de <i>hippies</i> , drogas e prostituição;
	Ocupação dos espaços públicos pelos <i>hippies</i> .	Território de ninguém;
	Falta de segurança.	Invasão dos <i>hippies</i> .
	Afastamento dos freqüentadores do calçadão e dos bares e restaurantes.	
	Protestos e denúncias contra a presença dos <i>hippies</i> .	

5) A presença de turistas estrangeiros na Praia de Iracema

Como foi descrito no capítulo anterior, o desenvolvimento do turismo foi uma das principais metas das administrações estaduais e municipais na década de 1990. O modelo administrativo desse período, pautado na modernização do Estado do Ceará, levou às diversas intervenções urbanas da Praia de Iracema e este bairro, juntamente com o bairro Meireles, se tornaram

“centralidades turísticas” da cidade. Como analisa Paiva (2005: 76), “o principal elemento simbólico da história urbana oficial de Fortaleza é o mito da modernidade com o propósito de reinventar a cada dia a imagem moderna da cidade, ambos associados às práticas económicas e políticas e com intensa participação do Estado”. Esse autor afirma, também, que as intervenções se deslocam para “novas centralidades” por meio de investimentos em equipamentos públicos e de infra-estrutura.⁷⁷ Nesse sentido, a concentração de hotéis e equipamentos de lazer na avenida Beira-mar e na Praia de Iracema⁷⁸ consolidaram esses espaços da cidade como atrativos para turistas nacionais e estrangeiros.

Os turistas estrangeiros começaram a chegar a Fortaleza ainda na década de 1980, provenientes de outros estados do Nordeste,⁷⁹ principalmente da cidade de Recife.⁸⁰ Em Fortaleza, o pouso de vôos internacionais começou no início da década de 1990, com um vôo direto da Varig ligando Fortaleza a Milão. Segundo um empresário, estabelecido na Praia de Iracema há quase vinte anos, esse vôo foi o início de uma representação negativa do turista estrangeiro em Fortaleza:

⁷⁷ / Nesta reflexão, Paiva (2005) se refere ao centro da cidade de Fortaleza e acrescenta que as intervenções constituidoras de novas centralidades são insuficientes e deslocadas da realidade sócio-espacial, especialmente no tocante ao patrimônio histórico e cultural da cidade.

⁷⁸ / As transformações urbanísticas na Praia de Iracema não abrangeram toda a área do bairro. O espaço que abrigou o antigo porto não foi urbanizado, como é o caso da favela do Poço da Draga, localizada em frente à antiga ponte do cais do porto. Há também diversos becos e ruelas que não foram atingidos pelos projetos de requalificação, inclusive bem próximo à rua dos Tabajaras, que se tornou, nos anos 90, a artéria principal de equipamentos de lazer e turismo do bairro.

⁷⁹ / Nesta época, a cidade de Fortaleza ainda não possuía um aeroporto internacional.

⁸⁰ / Piscitelli (2001) informa que no ano de 1987 uma matéria do jornal *New York Times* chamava atenção para o aumento de bordéis na cidade do Recife decorrente dos vôos internacionais que desembarcavam na capital pernambucana.

*Existia um vôo que chegava da Itália, que nós ficamos brigando anos e anos, nós do turístico, para acabar com esse vôo que **só trazia macho**, então, por causa de um vôo que traz 200 machos para o Ceará, a gente fica com o **estigma do turismo sexual**, talvez, nos outros Estados tenham chegado muito mais gente, (...) mas então o estigma começou, **o lugar onde tivesse estrangeiro, onde tivesse turista, era o lugar onde estava puta**. (...) (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).*

Os dados da Secretaria de Turismo do Estado do Ceará/SETUR confirmam esse acréscimo da demanda turística internacional, principalmente por italianos. Entre os anos 1995 e 1997, os italianos permanecerem em primeiro lugar no índice de turistas estrangeiros que desembarcavam em Fortaleza, seguidos por portugueses no ano de 1995 e por residentes dos EUA nos anos de 1996 e 1997.⁸¹

Tabela 1. Demanda turística via Fortaleza, segundo a procedência – Ceará 1995-1997

Procedência	1995	1996	1997
Outros Estados brasileiros	723.688	733.037	914.709
Outros Países*	38.089	40.210	55.291
Itália	9.522	7.881	9.178
Portugal	7.389	3.136	5.584
Estados Unidos	2.780	5.147	8.846

Fonte: Secretaria de Turismo (SETUR)

* Nestes países estão incluídos Itália, Portugal e Estados Unidos.

⁸¹ / Vale ressaltar que os dados da SETUR identificam apenas a nacionalidade e a quantidade de estrangeiros que desembarcam em Fortaleza, não havendo, portanto, estatísticas quanto ao sexo dos visitantes. Porém, segundo dados da Ficha Nacional de Registro de Hospedes, há uma predominância do sexo masculino em cerca de 70%.

Como incentivo ao crescimento do turismo internacional no terceiro mandato do governador de Tasso Jereissati (1999-2002), foram utilizados recursos do governo federal para o desenvolvimento de programas de formação e capacitação em turismo na área de recursos humanos por meio de parcerias com empresas privadas, municípios e instituições federais como o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAI) e o Banco do Nordeste, e também parcerias internacionais com o governo de Portugal e com uma escola de turismo de Madri, na Espanha, visando qualificar profissionais para o setor de hotelaria (Bernal, 2004). O Governo do Estado do Ceará construiu também um novo terminal internacional para o aeroporto Pinto Martins, inaugurado no dia 7 de fevereiro de 1998. Como pode ser observado nos dados da Secretaria de Turismo do Estado do Ceará/SETUR, desde 1998 o fluxo de turistas estrangeiros vem evidenciando um comportamento sempre crescente, apresentando no período de 1998-2005 um incremento de 273,3%. A tabela abaixo demonstra esse fluxo crescente da demanda turística internacional.

Tabela 2. Demanda turística via Fortaleza, segundo a procedência – Ceará 1998-2005

Procedência	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Outros Estados brasileiros	1.218.379	1.296.850	1.387.281	1.458.178	1.446.927	1.356.539	1.534.545	1.703.060
Outros Países*	60.786	63.231	76.721	114.110	116.614	116.202	145.138	166.123
Portugal	7.440	14.663	26.299	31.294	43.069	58.684	68.198	61.133
Itália	10.923	13.746	17.613	27.490	22.812	19.432	36.472	38.540

Fonte: Secretaria de Turismo (SETUR)

* Nestes países estão incluídos Itália e Portugal.

Considerando que as representações sociais são formadas, mas também formam as práticas sociais, mesmo apresentando índices expressivamente baixos em relação aos turistas provenientes de outros estados do Brasil,⁸² a presença dos visitantes estrangeiros, especialmente italianos, acompanhados de “jovens nativas” ocupando as novas “centralidades turísticas” de Fortaleza contribuiu para disputas simbólicas relativas aos usos e apropriações espaciais na Praia de Iracema.

O uso social dos corpos desses “praticantes” da cidade despertou, em alguns usuários da Praia de Iracema, sentimentos relacionados aos seus valores morais, pertença, interesses econômicos, discriminação e xenofobia. Como relata um comerciante do bairro, existiu um choque de valores, porque o turista estrangeiro, classificado como “gringo”,⁸³ impôs a presença de jovens pobres em espaços públicos habitualmente ocupados por uma classe social mais alta da cidade. Vale ressaltar que, nesse contexto, a classe social está relacionada com a cor da pele, pois alguns relatos classificam as acompanhantes dos estrangeiros como “moreninhas”, “negrinhas” e até mesmo, “macacas”. Assim, a ligação entre estas pessoas diferentes em termos raciais, culturais e econômicos passou a ser associada à prostituição.

*O que incomodou muito naquele tempo [início do aumento dos estrangeiros em Fortaleza] é que esse **gringão que saía com a menina, a moreninha, ele chegava num restaurante aonde estavam todos os formadores de opinião e estava toda a sociedade bem pensante de Fortaleza e chegava lá e ia comer com***

⁸² / Segundo dados da SETUR, o turista proveniente de outras regiões do Brasil ainda representa a grande maioria das pessoas que visitam o Ceará. Exemplo disso é que no ano de 2004 os visitantes provenientes de outros estados brasileiros representaram 86% contra somente 14% de turistas estrangeiros.

⁸³ / O cognome *gringo* é uma designação corriqueira, muitas vezes pejorativa, para se referir a pessoas de outras nacionalidades que visitam Fortaleza.

a menina normalmente. Quer dizer, onde é que se já viu o cliente jantar com uma prostituta, a prostituta jantar com o cliente, ou quantas vezes você vê no Náutico [calçadão da Beira Mar] eles andando de mãos dadas, fazendo compras juntos. (Entrevista com o proprietário de uma casa de show, concedida em 27 de abril de 2005, grifos meus).

Ou seja, a imagem estigmatizada do turista estrangeiro e suas acompanhantes se relaciona diretamente com o lugar que essas pessoas ocupam na cidade. A “mistura social” envolveu uma disputa pelo espaço urbano, concorrendo para um afastamento dos antigos freqüentadores de alguns espaços de lazer da Praia de Iracema. A apreciação dos discursos de moradores e comerciantes deste bairro demonstra que as práticas quotidianas destes novos usuários impuseram uma convivência conflituosa, pois são comuns relatos que acusam a presença desse novo público como um incômodo aos antigos usos estabelecidos, quando predominava o contato entre pessoas amigas ou conhecidas, como pode ser observado nesse relato de uma moradora da Praia de Iracema, a respeito da sua freqüência nos espaços de lazer do bairro.

*Não freqüento porque eu não tenho mais paciência de ir, porque **só tem gringo**, só tem aquele povo mesmo, se limitou, é só mesmo **gringo e turista**, porque na época [até o final dos anos 1980] que eu ia, freqüentava pessoas daqui da Praia [do bairro], meus amigos aqui da Praia, do colégio, aqui do bairro, era gostoso porque era todo mundo conhecido, apesar de ter pessoas de fora, mas eram pessoas conhecidas. (Entrevista com uma moradora, que sempre residiu na Praia de Iracema, concedida em 19 de maio de 2005, grifos meus).*

Além da identificação dos turistas estrangeiros com a prostituição, os moradores da Praia de Iracema os associaram também à presença de pessoas

marginalizadas socialmente, como meninos em situação de rua e vendedores ambulantes. Como alega essa moradora: “O **gringo** traz o taxista, traz a prostituta, traz o menino de rua, traz os vendedores ambulantes, traz tudo porque o dinheiro é o que manda, é o dinheiro que traz tudo isso entendeu?”(Entrevista com uma moradora, que sempre residiu na Praia de Dracma, concedida em 19 de maio de 2005). A presença desses turistas foi vinculada também à prostituição infantil e ao turismo sexual.

No tocante à prática da prostituição infantil, identifiquei uma matéria do jornal *Diário do Nordeste*, de 27 de maio de 2003, com o depoimento de um delegado de polícia denunciando que “os turistas italianos, espanhóis e portugueses são os verdadeiros responsáveis pela prostituição infantil na Praia de Iracema”. Porém, um comerciante do bairro minimiza essa atribuição aos turistas, defendendo que não existe violência nas relações sexuais entre turistas e menores.

*Tem gente que fala de prostituição infantil, a **prostituição infantil a nível de turismo existe, sem existir**, porque até hoje, dentro da CPI de 400 casos, dois eram de turistas que estava com meninas. Estão errados, eram de menores, estão errados sim, tem que punir? Tem. Mas as meninas estavam lá por vontade própria eles não molestaram as meninas e eram meninas de 16 anos, 16,17 anos, enquanto você vê padrasto estuprando a afilhada ou então tio, quer dizer, a maioria dos estupros que tem violência mesmo quando a gente fala de violência propriamente dito, e não é quando uma pessoa sai com uma menina de menor que está se cometendo uma violência, tá cometendo um crime, mas não se tá cometendo uma violência* (Entrevista com o proprietário de uma casa de show, concedida em 27 de abril de 2005).

Segundo Piscitelli (2001), durante a primeira metade da década de 1990 difundiram-se algumas pesquisas sobre as relações entre turistas estrangeiros e nativas da cidade, inclusive crianças. Nesse sentido, a Praia de Iracema, o Centro, Praia do Futuro e Barra do Ceará foram identificados como os locais de maior concentração de meninas prostituídas na cidade. Contudo, essas investigações revelaram que os estrangeiros não são os principais clientes das menores.⁸⁴ Porém, essa autora chama atenção para o fato de que, levando-se em conta a grande diferença numérica entre turistas nacionais e estrangeiros, a incidência dos estrangeiros nesse tipo de prostituição é um dado relevante. Essas pesquisas apresentam também uma diversidade de modalidades de prostituição que envolve o conceito de porno-turismo ou turismo sexual. A partir destas descobertas, Piscitelli comenta que foi “ampliado o foco anteriormente centrado na prostituição infantil associada aos visitantes estrangeiros e tirando do turismo o peso absoluto da responsabilidade por esse tipo de prostituição” (2001: 38). Com os dados dessa pesquisa amplamente difundidos na mídia local, a discussão sobre a relação entre “nativas” e turistas estrangeiros em Fortaleza passou a contemplar outras modalidades de prostituição, envolvendo “garotas de programa” e “jovens mulheres de classe mais privilegiada, procurando roupas de marca e o acesso a ambientes finos e caros” (Piscitelli, 2001: 38). O depoimento de um comerciante da Praia de Iracema comenta essas várias modalidades de prostituição; contudo, ele salienta que as relações estabelecidas entre “gringos e nativas” envolvem laços afetivos e proporcionam uma ascensão social.

⁸⁴ / A pesquisa da Câmara Municipal de Fortaleza, “Exploração Sexual e Comercial de Adolescentes em Fortaleza”, Cartilha Popular, 1999, demonstra que os percentuais gerais de clientes das crianças são os seguintes: adolescentes que vivem nas ruas, 7,3%; turistas brasileiros, 16,7%; turistas estrangeiros, 18,8%; policiais, 15%; pessoas da cidade, 22%; outros, 16,7%; não sabe, 3,4%.

Você tem vários tipos de prostituição, vários tipos não, você tem a prostituta simplesmente, depois tem a menina que vai atrás de um príncipe encantado e uma menina que é desempregada, mora lá na periferia muitas vezes, ou então que ganha R\$260,00 numa loja e ela vai poder chegar, conversar com o cara, o cara vai tratar ela bem, eles vão passar um final de semana juntos ou passar uma semana juntos, às vezes eles vão passar um mês juntos viajando pra Canoa Quebrada, Jericoacoara, vão pra Natal, Recife, Salvador, voltam e pra ele isso não é uma fantasia, é uma maneira de se realizar, e também muitas delas [nativas] se casam com essas pessoas [gringos] e no fundo elas vão viver uma outra vida que elas nunca teriam chance de viver, elas iam continuar sendo vendedoras o resto da vida delas e isso vão permitir que abra horizontes, novas perspectivas de falar uma outra língua, de viajar, e de ser tratada, é, vamos ser bem sincero, de maneira decente e às vistas de todos (Entrevista com o proprietário de uma casa de show, concedida em 27 de abril de 2005).

Quanto à definição do que caracteriza o “turismo sexual”, é importante ressaltar que essa categoria de turismo ainda é pouco estudada nas ciências sociais, por se tratar de um fenômeno relativamente recente. Segundo Piscitelli (2001), o trabalho pioneiro nessa temática foi desenvolvido por Truong na década de 1990, no Sudeste da Ásia. Esse autor informa, na sua análise, que o turismo sexual é majoritariamente vinculado às relações entre homens de países desenvolvidos e nativas de nações pobres, sendo a prostituição considerada como “uma série de relações desiguais, incluindo relações entre Norte e Sul, capital e trabalho, produção e reprodução, homens e mulheres”. Piscitelli acrescenta também que “a maior parte da produção sobre essa temática insere-se na linha de trabalhos que consideram o turismo internacional como uma forma de neocolonialismo” (2001: 06).

Em Fortaleza, a pesquisa desenvolvida por Adriana Piscitelli (2001) é pioneira na abordagem desse tipo de turismo. Com o objetivo de estudar as

construções de gênero na dinâmica das relações sexuais e amorosas estabelecidas entre turistas e nativas, a autora desenvolveu suas observações no calçadão da Beira-Mar, na Praia do Futuro e Praia de Iracema. Neste bairro, Piscitelli identificou o “turismo sexual de classe média”, definindo-o como uma categoria nativa para explicar “uma modalidade de turismo sexual, heterossexual, que, envolvendo estrangeiros e brasileiras de camadas baixas e médias, está associado ao projeto de ascensão de uma parcela da população local e à migração concreta de algumas mulheres”(2001: 05).

Porém, independentemente das relações estabelecidas entre estrangeiros e “nativas” envolverem o sexo mercantil, o turista freqüentador da Praia de Iracema foi classificado por algumas autoridades locais como “turista sexual”, como pode ser visto nesse depoimento da então deputada estadual Luiziane Lins, relatora da Comissão Parlamentar de Inquérito/CPI do turismo sexual na cidade de Fortaleza.

O problema é o tipo de turista que freqüenta a Praia de Iracema. “O abandono [do poder público] acaba proporcionando uma nova definição de público que vai ao lugar. É mais comum topar com um estrangeiro do que com nós mesmos de Fortaleza, atualmente”. Explica Luiziane [atual prefeita de Fortaleza]. O fato de turistas de fora do país passarem pela Praia de Iracema não significa que eles sejam menos exigentes do que o público local, do ponto de vista turístico. O problema é que lá, eles encontram as atrações que procuram: o turismo sexual (O Povo, 26 de Maio de 2003, grifos meus).

Alguns discursos informam que a presença dos turistas estrangeiros, classificados como “gringos”, desencadeou também um agravamento da crise no comércio da Praia de Iracema. O relato de um comerciante ressalta que a chegada dos “gringos” acentuou o afastamento dos fortalezenses que freqüentavam os espaços de lazer do bairro.

Os bares começaram a fechar porque **encheu de gringo**, começou a chegar boates e o fortalezense deixou de andar aqui, porque o que mantém um restaurante não é turista, o que mantém é o fortalezense, é o pessoal daqui que vai com a família, o turista melhora [o movimento], mas as despesas do dia-a-dia são tiradas com o pessoal daqui. (Entrevista com o proprietário de um bar, concedida em 23 de agosto de 2005, grifos meus).

Como consequência dessas novas apropriações espaciais, o ano de 2003 foi marcado pelo encerramento de estabelecimentos tradicionais do bairro como a Casa do Mincharia⁸⁵, o Cais Bar inaugurado em 1985, e o restaurante La Trattoria, que funcionava desde 1981. O depoimento do proprietário da pizzaria Geppo's, que também encerrou suas atividades neste ano, resume o sentimento dos demais comerciantes que fecharam seus negócios: "saí de lá porque nosso negócio é para a família, que não frequenta mais a Praia de Iracema. Porque virou prostíbulo" (*O Povo*, 26 de Maio de 2003).

As mudanças nos usos e apropriações desse espaço da cidade produziram uma representação estigmatizada do bairro Praia de Iracema, figurado desde a sua gênese como reduto bucólico e boêmio de Fortaleza. Nesse sentido, os termos Iracema e Meninas de Iracema passaram a ter um sentido pejorativo, associado a prostitutas, como pode ser visto numa matéria publicada num guia de culinária do jornal *O Povo*, que avalia uma pizzaria local como a melhor pizzaria de Fortaleza, oferecendo também um bom serviço, mas advertindo: "lá é um público Praia de Iracema". Na mesma matéria, um outro comentarista descreve o ambiente dessa pizzaria como "multifacetado,

⁸⁵ / A Casa do Mincharia foi fundada por amigos do Sr. Antonio Aurilo Gurgel Nepomuceno, comerciante ligado ao universo boêmio da Praia de Iracema, falecido em 1985 e cujo apelido era Mincharia. Nesta casa sediada à Rua dos Pacajus, n. 20 funcionava um bar e restaurante de acesso restrito aos sócios. Após a urbanização do calçadão o largo defronte a esta associação passou a denominar-se Largo do Mincharia.

multicultural”, pois “tem essa coisa das meninas, dos gringos. Tem essa coisa da diversidade” (*O Povo*, 14 de julho de 2005).

Seguindo o modelo de análise de conteúdo para a identificação de *expressões conceituais*, apresentarei a seguir o quadro que ilustra a presença de turistas estrangeiros na Praia de Iracema, as características deste “evento” e as “categorias nativas de atribuição” associadas à imagem da “degradação”. As palavras presentes nas narrativas acima, com significados relevantes, são: *gringo*, *macho*, *turistas estrangeiros*, *prostituição (puta)*, *turismo sexual*, *boates*. As *expressões conceituais* que identifiquei foram as seguintes:

- *O estigma do turismo sexual;*
- *O lugar onde tivesse estrangeiro, onde tivesse turista, era o lugar onde estava puta;*
- *Só tem aquele povo mesmo, se limitou, é só mesmo gringo e turista;*
- *Os bares começaram a fechar porque encheu de gringo, começou a chegar boates e o fortalezense deixou de andar aqui;*
- *O turista que vem à procura de drogas e prostituição;*
- *O problema é que lá, eles encontram as atrações que procuram: o turismo sexual.*

Quadro 19: A presença de turistas estrangeiros e a imagem da “degradação” da Praia de Iracema

Evento	Características	“Categorias nativas de atribuição”
Presença de turistas estrangeiros	Predominância dos turistas estrangeiros nos bares e restaurantes.	Lugar de <i>gringo</i> , drogas e prostituição;
	Turistas estrangeiros acompanhados de meninas da cidade.	Prostíbulo.
	Alguns bares começaram a fechar.	
	Investimentos de estrangeiros no bairro.	
	Presença de prostitutas.	

6) Liberação de alvarás sem restrições e investimentos estrangeiros

Como pode ser visto nos relatos abaixo, outros “eventos” apontados para justificar as transformações nos usos, apropriações espaciais e “conflitos simbólicos” na ocupação do espaço da Praia de Iracema são: 1) a liberação de alvarás para comércios sem restrições; e 2) os investimentos de estrangeiros no bairro, especialmente de italianos e portugueses.

*Olha, começou a mudar a partir do momento que a prefeitura deixou crescer desordenadamente, como? **Tinha um italiano**, esse italiano tinha três bares no calçadão da Praia de Iracema, você está entendendo, então, **ele é estrangeiro, veio de fora**, (...) tomou três espaços de um cearense, de um fortalezense que poderia abrir um bar aqui, aí começou, você sabe, **um gringo vem com dinheiro e atrás do gringo vem a prostituição**, aí começou devido isso, a prefeitura não ligava, não organizou. Não observou quantos bares*

*podia ser aberto no bairro. (...) aí começou por isso, a **desorganização da prefeitura, soltando alvará, não teve controle, em saber o que eles iam ser, se era mesmo uma boate sadia ou se essas boates vinham fazer prostituição.*** (Entrevista com uma moradora, residente há 50 anos na Praia de Iracema, concedida em 18 de maio de 2005, grifos meus).

*Com as reformas [intervenções urbanas do início da década de 1990] vieram outras pessoas ocupar o bairro, os europeus, **os europeus que hoje infelizmente todos eles estão na Praia de Iracema, hoje 70% da sua área não é de brasileiro, é de estrangeiro, a maioria é italiano e português, todas as casa de show e restaurante, todos são próprios, e a maioria é de italiano e português.*** (Entrevista com um morador, que sempre residiu na Praia de Iracema, concedida em 20 de abril de 2005, grifos meus).

***Apareceu um português. O cara era o maior trambiqueiro.** Ele fazia o seguinte: montava um restaurante achava um investidor em Portugal e dizia olha, eu tenho um restaurante maravilhoso pra você, ele montava o restaurante pras pessoas aí o cara vinha de lá pra cá com o restaurante montado, comprava o restaurante e achava que tinha um ponto super bem feito e vinha pra trabalhar, quando chegava aqui ele tinha um puteiro, ou seja, o cara muitas vezes vinha com boa fé, tinha muita gente que vinha com boa fé e ficavam com um puteiro nos braços* (Entrevista com o proprietário de uma casa de show, estabelecido há 19 anos no bairro, concedida em 27 de abril de 2005, grifos meus).

É importante ressaltar que desde o ano de 2000 começou a instalação de boates com shows eróticos e *striptease* na Praia de Iracema, como foi divulgado nessa matéria intitulada “Comunidade quer afastar casas de shows eróticos”, onde se lia: “depois da luta em prol da preservação ambiental, a

Praia de Iracema é cenário de mais um movimento, desta vez contra a **degradação moral**” (*O Povo*, 9 de janeiro de 2001). Esse fato também contribuiu para o afastamento dos freqüentadores dos espaços “requalificados”, ou “novos boêmios”, que vinham ocupando o bairro após as intervenções arquitetônicas, acentuando o predomínio dos usos por turistas estrangeiros e mulheres classificadas como prostitutas.

A lista de palavras, presentes nos discursos, com um significado relevante para identificação das “categorias de atribuição” é:

Estrangeiro	Português
Prostituição	Italiano
Boate	Trambiqueiro (trambique)
Investidor	Puteiro (lugar de prostitutas)

As *orações conceituais* identificadas foram as seguintes

- *Com as reformas (requalificação), os europeus vieram ocupar o bairro;*
- *Hoje 70% da área (do bairro) não é de brasileiro, é de estrangeiro, a maioria é italiano e português;*
- *Apareceu um português que era o maior trambiqueiro;*
- *(O português) montava um restaurante (e vendia para um investidor em Portugal, mas quando ele chegava aqui ele tinha um puteiro);*
- *A desorganização da prefeitura, soltando alvará, não teve controle;*
- *Os europeus que hoje infelizmente todos eles estão na Praia de Iracema.*

Quadro 20: Liberação de alvarás sem restrições; investimentos estrangeiros e a imagem da “degradação” da Praia de Iracema.

Evento	Características	Categorias nativas de atribuição
Liberação de alvarás sem restrições e investimentos de estrangeiros.	Estrangeiros (italianos e portugueses) investem no bairro. Liberação de alvarás sem restrições.	Investimento dos <i>gringos</i> ; Puteiro.

Seguindo o modelo de análise de conteúdo de Capitolina Martinez (1996), apreendi o significado social de algumas *expressões conceituais* associadas a imagens da “degradação”. Como informa Pais (2005) neste modelo, os conteúdos informativos de um discurso podem ser retirados dos seus conteúdos literais, mas estes podem se encontrar num nível de *significado gramatical (lingüístico)* e num nível de *significado léxico-semântico (conceitual)*. Esta forma de análise de conteúdo objetiva alcançar o nível *conceitual* que está por baixo do nível *lingüístico*. A questão metodológica é conhecer as diferenças e as relações entre os dois níveis. O nível *lingüístico* corresponde ao uso da linguagem, léxicos, morfologias e sintaxes. Já o nível *conceitual* se refere à autopercepção, aos aspectos cognitivos, intencionais e sociais. “A um nível *conceitual*, não estão apenas em jogo conceitos sobre coisas (aspectos cognitivos), mas também conceitos sobre ações e desejos (aspectos volitivos e sociais)” (Pais, 120:2005).

Tendo em vista que uma expressão pode ser entendida como alusiva a qualquer coisa dependendo de um referente para análise, devo esclarecer que a percepção do conteúdo das características do bairro dependeu de um grupo de referência, neste caso os “praticantes” do bairro Praia de Iracema. Uma pessoa que chegava de fora e visitava o bairro não entendia o que se passava neste espaço da cidade onde *hippies* traziam barraca, faziam comida, fogueira, cozinhavam e tomavam banho no espaço público. Porém, no contexto da

investigação, a descrição desta fase do bairro contém expressões que se podem associar à imagem de “degradação” do espaço público e também a de “tradição”, no sentido do valor simbólico que este bairro tem para cidade.

Existiu uma invasão dos hippies no calçadão, os hippies começaram a se instalar no calçadão, traziam barraca, faziam comida, fogueira na praia eles faziam fogueira botavam panela, cozinhavam, tomavam banho no calçadão por que tinha a jardinagem no calçadão, e as torneiras para as pessoas, para os moradores, ou para o pessoal da prefeitura vir regar as plantas, só que os hippies tomavam banho semi-nus, então a prefeitura tirou todas as torneiras para evitar esse problema deles estarem morando mesmo, morando com família, com filho, com família mesmo, morava tudo na Praia de Iracema. (Entrevista com uma moradora que sempre residiu na Praia de Iracema, concedida em 18 de maio de 2005).

A expressão “existiu uma invasão de *hippies*” pode ser associada à imagem de “degradação” no sentido de relacionar esta prática a usos não-legítimos ou ilícitos. Já a expressão “morava tudo na Praia de Iracema” pode ser associada à imagem de “tradição”, pois este bairro figura em muitas narrativas como um espaço histórico de lazer e cultura da cidade de Fortaleza.

Como informa Pais (2005), neste modelo de análise de conteúdo, nem todas as palavras são igualmente significativas do ponto de vista de seu *significado conceitual*. Existem palavras que fazem referência a uma realidade extralingüística (*categóricamente*) e palavras que representam uma relação puramente lingüística (*sincategóricamente*). E como o significado das palavras individuais se clarifica pelo seu contexto, é imprescindível identificar as orações a que pertencem as palavras. São estas *orações conceituais* que se constituem em unidades de significado nos quais os sentidos das palavras interagem produzindo uma significação abrangente. Nesta perspectiva metodológica, o

exame das listas das palavras de caráter extralingüístico, e as *expressões conceituais* referentes à definição das “categorias nativas de atribuição”, me permitiram relacionar as palavras com as imagens da “degradação” e “tradição” do bairro.

Percebo que os discursos definidores destas “categorias” utilizam as representações simbólicas associadas à alegoria do “adeus” para apontar usos e apropriações “não-legítimos” ou “ilícitos” e a evocação da “boemia” para identificar os usos “legítimos” para um bairro “tradicional” e que deve ser preservado. É importante acrescentar que uma palavra pode ser associada às duas imagens dependendo do contexto, ou *expressão conceitual*, em que foi empregada.

Quadro 21: Associação entre palavras e as imagens da “degradação” e “tradição”

Palavras	Orações conceituais	Imagem
Culpado	Não que o <i>Pirata</i> seja o culpado de tudo isso (mas a estrutura do bairro começou a mudar a partir dele);	Degradação
Boêmio	A Praia de Iracema era um bairro boêmio, era um bairro cobiçado, era o único bairro mais ou menos preservado da nossa Fortaleza; Antigo reduto dos boêmios, a Praia de Iracema hoje já não abriga mais o brilho e a magia de antes;	Tradição
Bucólico	Aqui não é que tivesse uma arquitetura incrível, mas aqui, era, pequenas casas, que davam um ar mais bucólico, um ar mais tranqüilo e que agradava;	Tradição
Reorganização	Nós [o Pirata] que puxamos esse calçadão, pedimos a reorganização da Praia de Iracema;	Tradição
Invadiu	Ele [Pirata] invadiu um lugar que era cheio de residência; Agora a meninada invadiu a Praia de Iracema, só dá meninote, ninguém vê mais um boêmio de verdade; Existiu uma invasão dos <i>hippies</i> no calçadão;	Degradação
Luta / Movimento	Começamos [os moradores] a luta [contra a poluição sonora]; Depois da luta em prol da preservação ambiental,	Degradação/ Tradição

	a Praia de Iracema é cenário de mais um movimento, desta vez contra a degradação moral; Quando o África's veio se instalar aqui na Cariris nós fizemos movimento, pedimos para prefeitura para não deixar abrir, mas abriram, aí o África's foi que trouxe a prostituição;	
Baderna	Tinha aquela baderna em frente do Pirata	Degradação
Visibilidade	Pirata (...) deu mais visibilidade à Praia de Iracema do que as outras (comércios) porque aqui acontecia os shows;	Tradição
Nova boémia	Essa nova boemia de gosto duvidoso, pois é a boemia do barulho;	Degradação
Bebida	A Praia de Iracema tornou-se um bairro de bebida, de álcool;	Degradação
Indignação	[Os moradores] indignados com a poluição sonora e com a má qualidade de vida causada pelos novos bares que infestam as ruas do antes bucólico e tranqüilo bairro;	Degradação/ Tradição
Boémia	A boemia só no sentido de bebida e não do conhecimento, de história. A boemia só para o meu prazer e não no sentido cultural;	Degradação/ Tradição
Saudade/ Passado	A Praia de Iracema se derrama em saudade e revela, na paz do silêncio de suas ruelas, o passado da cidade; A Praia de Iracema é um pedaço vivo do passado;	Tradição
Insuportável	O ponto decisivo que tornou insuportável residir na Praia de Iracema foi quando começou a guerra dos forrós;	Degradação
Especulação	O bairro sofre também a ameaça da especulação imobiliária;	Degradação
Gringo/ Prostituição	A prefeitura começou a deixar criar bares e restaurantes tudo desordenadamente, não teve controle, aí foi que começou nossos problemas, vem o gringo, vem a prostituição; Abandono da infra-estrutura, falta de segurança, tráfico de drogas e prostituição estão conseguindo manchar a história de um dos bairros mais bonitos e visitados de Fortaleza;	Degradação/ Tradição
Turismo/ Turista	Praia de Iracema: turismo sim, prostituição não; O lugar onde tivesse estrangeiro, onde tivesse turista, era o lugar onde estava puta; Só tem aquele povo mesmo, se limitou, é só mesmo gringo e turista;	Tradição/ Degradação

A análise de conteúdo dos discursos referentes às “categorias nativas de atribuição” demonstra mais uma vez uma tensão entre as imagens da “degradação” e da “tradição”. Por exemplo, as palavras *turista* e *turismo* evidenciam um desejo por um tipo de uso “legítimo” e “lícito” para o bairro, mas também a denúncia de práticas sociais indesejadas, como pode ser notado na expressão: “onde tivesse turista, era o lugar onde estava puta”. Ressalto ainda que a imagem da “tradição”, idealizada nos discursos, se refere ao passado e aos movimentos de “defesa”, “moralização” e “preservação” do bairro. Pois, como pode ser observado no quadro acima, esta imagem está contemplada nas palavras *saudade*, *passado*, *boemia*, *bucólico*, *boêmio*, *luta*, *indignação* e *movimento*.

Esta tensão atesta que as situações de mobilização e protesto não significam somente uma reprodução da representação simbólica do “adeus” ao bairro, no sentido de associar os usos e apropriações à “degradação”. Os discursos analisados demonstram que o passado do bairro é um componente importante para a organização das diversas associações que buscam sua “preservação”.

Como foi demonstrado acima, o passado da Praia de Iracema foi marcado positivamente por certos tipos de usos e apropriações considerados “legítimos”, nos quais o lazer era praticado por um público – classificado como “boêmio” ou artistas e intelectuais – que não suprimia o caráter residencial do bairro, como pode ser visto nestes relatos: “A Praia de Iracema era um bairro boêmio, era um bairro cobiçado, a Praia de Iracema era o único bairro mais ou menos preservado da nossa Fortaleza, (...) aqui não é que tivesse uma arquitetura incrível, mas aqui, era, pequenas casas, que davam um ar mais bucólico, um ar mais tranquilo e que agradava”; “A elite intelectual, antigamente vivia no antigo Estoril” e “Sinto saudade daquele tempo do Estoril, escutando aquela turma imensa de boêmios tocando violão a noite toda”.

As intervenções urbanas não implicaram uma alteração desta relação entre usos “legítimos” e o passado, como atestam estas expressões: “O público tradicional do bar já evita as noites das sextas e sábados, dando lugar aos novos freqüentadores que superlotam o espaço” ou “O espaço idílico e aconchegante do nosso viver passou a ser, da noite para o dia, um espaço ocupado pela nova boemia”. A análise do conteúdo evidenciou que as intervenções neste espaço da cidade acarretaram usos e apropriações classificados como “não-legítimos” e “ilícitos”, nos quais os “bons usos” pertencem sempre ao passado.

As organizações de denúncias e protestos constituem um instrumento de busca da superação destes “maus usos”, pois a “degradação” é identificada em práticas sociais ilícitas categorizadas como *baderna*, *invadiu*, *guerra dos forrós*, *boemia high teck*, *nova boemia*, *boemia etítica*, *hippies*, *drogas*, *prostituição* e *gringo*, para as quais os termos *culpado* e *invasão* demonstram quais os elementos a serem combatidos para o retorno aos “bons usos” no bairro, ou, como dizem alguns utilizadores “que a Praia de Iracema volte a ser como era antes”.

Neste sentido, é baseado neste discurso do regresso aos usos e apropriações espaciais do “passado” que percebo que existe uma relação entre “tradição”, “mudança” e “permanência” no bairro Praia de Iracema. O lançamento, em novembro de 2007, de um “macroprojeto”⁸⁶ de requalificação para este bairro, por parte da Prefeitura Municipal de Fortaleza, que, segundo a prefeita da cidade, Luiziane Lins, tem como objetivo “trazer a Praia de Iracema de volta, transformando-a, definitivamente, em um pólo cultural, turístico e gastronómico” (*Diário do Nordeste*, 28 de novembro de 2007), ilustra esta relação.

A análise dos discursos desenvolvida ao longo da tese, assim como a justificativa para esta nova proposta de “requalificação” do bairro Praia de Iracema, demonstram que as disputas simbólicas, inerentes as representações

⁸⁶ / A proposta deste projeto é desapropriar uma faixa costeira do bairro e reformar o calçadão entre a Av. Rui Barbosa e a Almirante Tamandaré. Neste espaço serão edificadas: um *boulevard*, o café Atlântico, a Casa do Turista, a Casa da Lusofonia, o Museu do Olhar, o Museu do Forró, um Centro de Artesanatos e o Instituto Cultural Iracema. O restaurante Estoril será reformado e ocorrerá uma reurbanização na favela do Poço da Draga. Este projeto envolve também a construção de equipamentos como hotel, escola, creche, posto de saúde, delegacia de polícia civil e postos de segurança.

associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus”, são sinalizadoras de marcas temporais e espaciais, tornando alguns usos, apropriações e representações, condições intrínsecas às novas intervenções urbanas.

A contemplação dos objetivos desta investigação no sentido de apresentar os usos, as apropriações espaciais, as classificações e as disputas simbólicas no bairro Praia de Iracema, após as intervenções urbanísticas implementadas pelos governos Estadual e Municipal nos anos 90, resulta de um intenso exercício etnográfico e principalmente da identificação dos diferentes atores sociais e das linguagens que estabelecem as imagens e representações deste bairro.

O contato direto com os diferentes “praticantes” deste espaço da cidade de Fortaleza, assim como a análise de imprensa, me permitiram perceber que os usos, apropriações e representações neste bairro envolvem dimensões afetivas, sociais, culturais e econômicas. As situações de proximidade, proporcionadas pela etnografia, facilitaram também o entendimento da “incorporação” e “reprodução” de “imagens-sínteses” acerca deste espaço por parte dos utilizadores do bairro e dos meios de comunicação. Como sugere Sánchez (2003), estas imagens foram interpretadas como produtos históricos relacionados com as condições espaciais da época da sua emergência.

Durante a pesquisa de campo, procurei aprender como os moradores, comerciantes e freqüentadores de alguns espaços usam e descrevem este bairro; como são estabelecidas as representações e como as imagens de bairro “degradado” e “tradicional” são incorporadas e reproduzidas por estes “praticantes”.

Nesta perspectiva, identifiquei que, após as intervenções urbanísticas, este bairro se tornou na opinião dos gestores, um Patrimônio Histórico Municipal, cartão-postal e ícone da cidade; para os meios de comunicação este espaço era um lugar de lazer noturno e patrimônio simbólico da boemia, porém apresentando apropriações “irregulares”. Perante os comerciantes, este espaço representava um potencial de lazer e econômico, enquanto os moradores se ressentiam da poluição sonora e da transformação do carácter residencial do bairro. Esta tensão demonstrou que as representações da Praia de Iracema,

construídas de formas endógenas e exógenas, revelam-se múltiplas e conflituosas entre si. Neste sentido, a identificação e o mapeamento destas “vozes em conflito” podem ser compreendidos como o cerne da questão para o desenvolvimento desta pesquisa.

A observação intensa em alguns espaços do bairro me fizeram compreender também que as classificações da Praia de Iracema como “tradicional” ou “degradada” desempenham um papel de recriar momentos idílicos vividos no passado, mitificando uma realidade social com personagens e papéis ideológicos; ou seja, percebi que estas classificações construídas pelos “praticantes” da Ponte dos Ingleses, da casa de show Pirata, dos bares, restaurantes e boates da rua dos Tabajaras e seu entorno e pelos participantes das reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema são construções sociais e se constituem como o início do fio da “teia de significados” (Geertz, 1978) para o entendimento das disputas simbólicas neste espaço, pois a descrição dos usos e apropriações nestes “lugares” é acompanhada de um discurso acusatório, associando diferentes “eventos” com a imagem da “degradação” do bairro.

A apreciação destes “eventos” – designadamente: a especulação imobiliária; a instalação do Pirata; a inserção dos freqüentadores nos espaços de lazer do bairro; a ocupação do calçadão por *hippies* e meninos em situação de rua; a presença de turistas estrangeiros e a liberação de alvarás sem restrições e os investimentos de estrangeiros – foi fundamental para a percepção de “categorias nativas de atribuição” associadas à imagem da “degradação” da Praia de Iracema. As narrativas a respeito destes “acontecimentos” evidenciam também que as intervenções urbanísticas, neste espaço da cidade, acarretaram usos e apropriações classificados como “não-legítimos” e “ilícitos”, nos quais os “bons usos” pertencem ao passado.

É importante salientar que a articulação entre os usos e as apropriações espaciais e seus efeitos sobre as representações, as imagens e as disputas

simbólicas neste espaço urbano é paradigmático de processos presentes em outras cidades que viveram projetos de “requalificação”. Como informa Barreira (2007: 179) “o movimento de recuperação e atribuição de dignidade a locais considerados históricos”, orienta a lógica das intervenções, e a perspectiva denominada “deterioração” ou “degradação” “passa a significar o outro lado da mesma moeda” (2007: 179). Neste sentido, os projetos de “requalificação” têm o papel de identificar áreas tradicionais e transformá-las em “patrimônio e mercadoria cultural”. Neste processo, a emergência dos usos e das apropriações espaciais considerados “não-legítimos” e “ilícitos” para os espaços “requalificados”, ou seja, históricos e tradicionais, geram as disputas simbólicas. Assim, estes espaços passam a contemplar “praticantes” e apropriações espaciais apontados, em diversos discursos, como “porta-vozes” da degradação.

Este fenômeno é decorrente do fato de que os utilizadores dos espaços urbanos, ou seja, os “praticantes”, recriam os sentidos planejados pelos arquitetos e urbanistas a partir de suas práticas sociais. Para Certeau (1994), os “praticantes da cidade” “transformam em outra coisa cada significante espacial” (1994: 178), o que pode gerar conflitos simbólicos na ocupação dos espaços.

Embora o bairro Praia de Iracema tenha sido eleito como o “lugar” de observação desta pesquisa, a cidade de Fortaleza também se constituiu como objeto desta investigação. As imagens e representações acerca deste bairro parecem sintetizar um conjunto de elementos que diz respeito à cidade, a saber, a preservação do patrimônio material e simbólico de Fortaleza, no sentido da sua memória e manutenção de equipamentos públicos. A Praia de Iracema pode ser definida como sinalizadora do êxito ou fracasso das políticas municipais, e mesmo estaduais.

Outro fator a ser ponderado é que a representação simbólica atribuída ao bairro Praia de Iracema, expressa na fala de alguns gestores como

“vocação natural para o lazer”, pode ser definida como o diferencial da cidade de Fortaleza na tendência mundial de “reinvenções” das cidades a partir de planos estratégicos de “requalificação”. Assim, para compensar a falta de uma arquitetura monumental presente nas cidade européias, ou coloniais – de algumas cidades do nordeste brasileiro como Salvador, São Luiz ou Recife – Fortaleza despontou como uma cidade turística, firmando-se na construção simbólica do passado bomio da Praia de Iracema. Porém, tendo-se em conta o caráter conflitual que por vezes assume o processo de construção social dos símbolos urbanos, particularmente na designação de espaços “degradados” ou “requalificados”, procurei demonstrar ao longo da tese que as representações simbólicas associadas  “boemia” e  alegoria do “adeus” sinalizam valores culturais e mesmo morais dos habitantes desta cidade.

Por fim gostaria de acrescentar que durante os quatro anos de desenvolvimento desta pesquisa estive direta ou indiretamente em contato permanente com o bairro Praia de Iracema e a cidade de Fortaleza. Neste sentido, minha estada em Portugal por ocasião do PDEE (Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior), ocorrido entre setembro de 2005 e agosto de 2006, proporcionou um aumento do campo de visão a respeito das práticas sociais e representações deste bairro, tendo em vista que a proximidade com algumas cidades da Europa – que se tornaram, a partir de projetos de requalificação, “cidade-mercadoria” – me fez perceber melhor as especificidades de Fortaleza neste processo de transformação de espaços em “patrimnio e mercadoria cultural”. Todavia, foi a permanência, durante o trabalho de campo, no bairro Praia de Iracema e a colaboração dos meus interlocutores que se constituíram como imprescindíveis para a apreensão desta realidade social. A partir deste diálogo pude dar voz aos “praticantes” do bairro e apresentar as diferentes versões a respeito dos usos, apropriações espaciais, classificações e disputas simbólicas neste espaçao urbano. Assim sendo, defendo que as narrativas, ou seja, discursos, imagens e

representações são instrumentos indispensáveis nos processos de intervenção arquitetônica, sobretudo porque as práticas sociais e lembranças também imprimem sentidos aos espaços edificados.

Bibliografia

- A ARTE de cantar Fortaleza. *O Povo*, Fortaleza, 4 de dezembro de 1995.
- ADEUS, Praia de Iracema! *Diário de Nordeste*, Caderno 3. Fortaleza, 21 de novembro de 2005.
- ALENCAR, José de. *Iracema*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965.
- ARANTES. Antônio. *Paisagens Paulistas*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- ARANTES, Otília B. Fiori. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos & MARICATO, Ermínia, *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ARTE guarda memória da PI. *O Povo*, Fortaleza, 3 de junho de 1995.
- AS MELHORES da cidade. *O Povo*, Guia Vida e Arte. Fortaleza, 8 a 14 de julho de 2005.
- AUDIÊNCIA pública hoje na Câmara Municipal vai discutir alternativa para a Praia de Iracema. *O Povo*, Fortaleza, 21 de dezembro de 1994.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*. São Paulo: Papirus, 1994.
- AVILLEZ, V. *Expressão “ para inglês ver ”* (online). Lisboa: Portalimentar SA, Gestão de Conteúdos Electrónicos Alimentares, 2004. Disponível na internet: <http://www.portalimentar.pt>. Acesso em 15 de outubro de 2007.
- BAÍA de Iracema preocupa ambientalistas. *O Povo*, Fortaleza, 26 de junho de 1995.
- BAPTISTA, Luís. Territórios Lúdicos (e o que torna um território): ensaiando um ponto de partida. In: BAPTISTA, Luís e NUNES, João Pedro S.(orgs) *Cidade Lúdica, Cidade Residencial*. Fórum Sociológico. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Números 13/14, 2005, pp 47-58.
- _____. *Cidade e habitação social: o Estado novo e o programa das casas económicas em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- BAR símbolo da boemia cearense comemora 10 anos de existência. *O Povo*, Fortaleza, 18 de janeiro de 1995.

- BARBALHO, Alexandre. Criação do Dragão. *O Povo*, Caderno: Vida e Arte. Fortaleza, 3 de Novembro de 1999.
- BARREIRA, Irllys. *O reverso das vitrines: conflitos urbanos e cultura política*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.
- _____. Preservar a cidade: o centro como patrimônio cultural. In: Odílio Alves Aguiar, José Élcio Batista, Joseny Pinheiro (orgs.) *Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001, pp. 20-39.
- _____. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. In: *Análise Social*, vol XLII (182), Lisboa, 2007, pp 163-179.
- BENEVIDES, Ireleno Poto. *Turismo e Prodetur: dimensões e olhares em parceria*. Fortaleza: Edições UFC, 1998.
- BENEVIDES, Aletusya de Araújo. *A estética do consumo no cenário social e cultural da Praia de Iracema*. UNICAMP, Campinas, impresso, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In.: KOTHE, Flávio R. (org.) *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991, pp. 44-122.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70, 1972.
- BERNAL, Cleide. *A metrópole emergente: a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC, 2004.
- BEZERRA, Gomes Roselane. *O despertar de uma etnia: o jogo do (re)conhecimento da identidade indígena Jenipapo-Kanindé*. Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, impresso, 1999.
- BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- BORJA, Jordi & FONR, Manuel de. Políticas da Europa e dos Estados para as cidades, *Espaços e Debates*, ano XVI, N. 39, 1996.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Difel: Lisboa; Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1989.

_____. *Distinction. A Social Critique of the Judgment of Taste*. Harvard University Press, 1984.

CABRAL, Germana. Fortaleza cresce e aparece. *O Povo*, Fortaleza, 6 de março de 1994.

CALÇADÃO da Beira-Mar à Praia de Iracema terá 6 quilômetros. *O Povo*, Fortaleza, 16 de janeiro de 1993.

CANÇÕES para poucos. *Diário de Nordeste*, Caderno: 3. Fortaleza, 5 junho de 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (Re)Produção do Espaço Urbano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELLS. Manuel. *A questão urbana*. Rio da Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Problemas de investigação em sociologia urbana*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

CASTRO, José Liberal. *Fortaleza, Tempos de Guerra*. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto de Estado do Ceará, 1988.

CEARÁ. Governo. Gabinete do Governador. *Iracemas: imagens de uma lenda/Gabinete do Governador do Estado do Ceará*. Fortaleza: Barbarela B Comunicação e Marketing, 2006.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, Miguel. *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico: marginalidade económica e dominação simbólica em Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999.

CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patrícia; CAPELO, Peregrina (orgs.). *Ah, Fortaleza*. Fortaleza: TERRA DA Luz Editorial, 2006.

COLLIER, John Jr. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 1973.

COMUNIDADE quer afastar casas de shows eróticos. *O Povo*, Fortaleza, 9 de janeiro de 2001.

CORDEIRO, Graças Índias. *Um Lugar na Cidade: Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

_____. Entre a rua e a paisagem. Reflexões em torno da urbanidade de Lisboa. In: *Revista "Ler História"*, N 52/ 2007. ISCET, Lisboa, pp. 57-72.

CORDEIRO, Graças Índias; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino. (orgs.) *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

COSTA, António Firmino da. *Sociedade Bairros: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DIA de Iracema. *O Povo*, Fortaleza, 31 de maio de 2003.

DIAS, Débora. Problemas em bares da Praia de Iracema. *O Povo*, Caderno: Cotidiano. Fortaleza, 21 de abril de 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

_____. *Vers une civilisation du loisir?* Éditions du Seuil, 1962.

DURKHEIM, Émile. Representações Individuais e Representações Coletivas. In: *Sociologia e Filosofia*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 1970.

_____. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Editora Abril Cultural: São Paulo, 1973.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ENTIDADES vêm ameaça à Praia de Iracema. *O Povo*, Fortaleza, 28 de julho de 1985.
- E O MAR engolindo, rindo, antiga Praia de Iracema. *O Povo*. Fortaleza, 20 de fevereiro de 1994.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FAMÍLIAS optam pela Ponte Metálica no Sábado de Aleluia. *Diário de Nordeste*, Caderno: Cidade. Fortaleza, 28 de março de 2005.
- FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Moreira (orgs). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papiрус, 1998.
- FERRARO, Lucécia D'Aléssio. *Ver a cidade*. São Paulo: Nobel, 1988.
- FIJALKOW, Yankel. *Sociologie de la ville*. Paris: La Découverte, 2002.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo*. Rio de Janeiro, UFRJ/ IPHAN, 1997.
- FERNANDES, Florestan (coord.). *Max Weber. Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- FORTUNA, Carlos. *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- _____. *As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, ANPOCS, 33 (fev.) 1997.
- _____. (org.) *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Centralidades em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

GASPAR, Nadja Farias Cruz. *“Apogeu” e “Decadência”*: Classificações e Representações sobre a Praia de Iracema (1920-2005). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, impresso, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Guanabara: Rio de Janeiro, 1989.

_____. *Saber Local*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1998.

GOMES, Paulo César da Costa. *A Condição Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GONDIM, Linda (org.). *Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação do mestrado*. Fortaleza: Ed. UFC, 1998.

GONDIM, Linda. *O Dragão do lazer e da cultura invade a Praia de Iracema*. Trabalho apresentado no V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, PUCCAMP, Campinas, impresso, 1998.

_____. *Imagens da cidade ou imaginário espacial? Reflexões sobre as relações entre espaço, política e cultura, a propósito da Praia de Iracema*. *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 32, Números 1-2, Universidade Federal do Ceará, 2001, pp. 7-21.

_____. *Imagens da cidade, políticas culturais e desenvolvimento urbano: a produção imaginária de Fortaleza como “Cidade Global”*. In: *Reforma do Estado e outros estudos*. Fortaleza; Fundação Konrad Adenauer, 2004.

_____. *O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

GUIBENTIF, Pierre. *Comunicação Social e Representações do Crime*. Cadernos do CEJ. Lisboa, 2002.

GOVERNO Estadual gastará U\$500 mil na Reforma da Ponte. *O Povo*, Fortaleza, 17 de junho de 1994.

GURGEL, Márcia. *Depois do mar, a voragem da especulação imobiliária*. *O Povo*, 26 de maio de 1980.

GURGEL, Márcia. Poetas encantados fazem de Iracema sua musa inspiradora. *O Povo*, Caderno Sábado, 3 de junho de 1995.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. Espaços urbanos na aldeia global: reflexões sobre a condição urbana no capitalismo no final do século XX. *Cadernos de arquitetura e urbanismo*, PUC Minas Gerais, 4 de Maio de 1996.

HIPPIES viram problema na Praia de Iracema. *Diário de Nordeste*, Caderno: Cidade. Fortaleza, 18 de dezembro de 2002.

IRACEMA defende sua ponte. *O Povo*, Fortaleza, 24 de abril de 1989.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JAGUARIBE, Elisabete. Praia de Iracema quer fim do caos. *O Povo*, Caderno: Cidades. Fortaleza, 3 de julho de 1991.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). *Textos em representações sociais*. 8ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, pp. 63-88.

KOTLER, P; HAIDER, D.H. & REIN, I. *Marketing público*. São Paulo, Makron Books, 1994.

“LAVAGEM” marca lançamento do Condomínio Praia de Iracema. *O Povo*, Fortaleza, 30 de agosto de 2002.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1998.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE, UFS, 2004.

_____. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17 N°. 49, 2002, pp 115-134.

LÉVI, Jacques. *Le tournant géographique: Penser l'espace pour lire le monde*. Berlim, Paris, 1999.

LIMA, Antónia Pedroso; SARRÓ, Ramon (orgs.) *Terrenos Metropolitanos: Ensaio sobre produção etnográfica*. Lisboa: Ed. Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAIA, Luciano. *Estoril*. Fortaleza: Expressões Gráfica e Editora Ltda, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Disponível na internet:

<http://www.aguaforte.com/antropologia/Rua.html>. Acesso em: 21 nov. 2001.

_____. *O lazer na cidade*. Disponível na internet: <http://www.aguaforte.com/antropologia/Rua.html>. Acesso em: 21 nov. 2001.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17 N°. 49, 2002, pp 11-30.

_____. *Festa no Pedaco*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (orgs). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 2^a Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo;Fapesp, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril S.A, 1976.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINEZ, Captoplina Díaz. *El Presente de su Futuro. Modelos de Autopercepción y de Vida entre Adolescentes Españoles*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1996.

MATA, Roberto da. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATOS, Tarcísio. Iracema resiste como praia só no nome. *O Povo*, Caderno: Cidades Fortaleza, 29 de dezembro de 1991.

MELA, Alfredo. *A Sociologia das Cidades*. Lisboa: Editora Estampa, 1999.

MENEZES, Marlucci. *Mouraria, retalhos de um imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*. Oeiras: Celta Editora, 2004.

MERTON, Robert K., "Three fragments from a sociologist's notebooks: establishing the phenomenon, specified ignorance, and strategic research materials", *Annual Review of Sociology*, XIII, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade*. Vozes: Petrópolis, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica, In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). *Textos em representações sociais*. 8º. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

MONTE, Airton. Era uma vez a Praia de Iracema. *O Povo*, Caderno: Vida e Arte. Fortaleza, 9 de dezembro de 2004.

MORADORES denunciam: insegurança, assaltos e tráfico de drogas tiram tranqüilidade da praia. *O Povo*, Fortaleza, 16 de maio de 1995.

MORADORES da Praia de Iracema comparecem hoje ao DECOM para entregar um abaixo-assinado. *O Povo*, Fortaleza, 29 de março de 1995.

MORADORES da Praia de Iracema denunciam aumento da violência e reivindicam reforço na segurança. *Diário de Nordeste*, Fortaleza, 31 de maio de 1995.

MOSCOVICI, Serge. On Social Representations. In: FORGAS, J. P. (org.) *Social Cognition: Perspectives on Everyday Understanding*. Londres: Academic Press, 1981.

NAOMI. *Pensamentos de uma batata transgênica: Para inglês ver o quê?* (online). São Paulo: Blog de Naomi, 9 de abril de 2004. Disponível na internet: <http://www.hikawa.com.br>. Acesso em 15 de outubro de 2007.

NOVO ESTORIL será entregue à cidade a partir das 19hr. *O Povo*, Fortaleza, 31 de maio de 1995.

O Nordeste, Fortaleza 2 de Julho de 1925.

OBRAS da Prefeitura começam em 2008. *Diário de Nordeste*, Fortaleza, 28 de novembro de 2007.

OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

PAIS, José Machado. *A prostituição e a Lisboa boémia do séc. XIX aos inícios do séc. XX*. Lisboa. Editora Querco, Ltda, 1985.

_____. *Artes de amar da burguesia*. Lisboa: Ed. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1986.

_____. Aventuras, desventuras e amores na ilha de Santa Maria dos Açores. *Análise Social*, vol. XXVIII (123-124), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1993

_____. *Sociologia da vida quotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Ed. Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

_____. *Ganchos, tachos e biscates – jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Ed Âmbar, 2005.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria. *Tribus Urbanas: produção artística e identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

PAIVA, Ricardo Alexandre. *Entre o mar e o sertão: paisagem e memória no centro de Fortaleza*. Universidade de São Paulo, 2005.

PAULA, Ethel de. Fausto Nilo Iracema para todos? *O Povo*, Páginas Azuis. Fortaleza, 15 de setembro de 2003.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Série Antropologia 130. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1992.

PISCITELLI, Adriana. *Entre gringos e nativos: masculinidade no contexto do turismo sexual em Fortaleza*. Trabalho realizado com a colaboração de Jane Guedes Horta. Relatório final de pesquisa apresentado ao PRODIR III. Fortaleza, impresso, 2001.

PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: SOUSA, Simone de (org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

_____. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

PRAIA de Iracema contra a força da grana que ergue e destrói coisas belas. *O Povo*, Fortaleza, 2 de agosto de 1984

PRAIA de Iracema – reduto histórico e cultural em busca de sua preservação. *O Povo*, Fortaleza, 16 de novembro de 1984.

PRAIA de Iracema: saudade e resistência. *O Povo*, Fortaleza, 2 de agosto de 1985.

PRAIA de Iracema perde sua identidade. *O Povo*, Fortaleza, 20 novembro de 1985.

PRAIA de Iracema: corredor da droga. *O Povo*, Fortaleza, 25 de março de 1995.

PRAIA de Iracema está abandonada. *Diário de Nordeste*, Caderno: Cidade. Fortaleza, 14 de fevereiro de 2002.

PROTESTOS contra descaso na Praia de Iracema. *O Povo*, Caderno: Cotidiano. Fortaleza, 14 de agosto de 2005.

PUJADAS, Joan Losep. *A Cidade Acolhedora? Transformações urbanas, Imaginários e Actores Sociais*. In: BAPTISTA, Luís e NUNES, João Pedro

S.(orgs) *Cidade Lúdica, Cidade Residencial*. Fórum Sociológico. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Números 13/14, 2005, pp 31-46.

QUEM RESISTE à noite? *O Povo*, Fortaleza, 17 de setembro de 1995.

REABERTURA do Etoril autorizada por Ciro. *O Povo*, 24 de junho de 1989.

REBOUÇAS, Elizabeth. Resultado do uso indevido do solo já aparece na Praia de Iracema. *Diário de Nordeste*, Fortaleza, 22 de janeiro de 1989.

Revista *Ceará Ilustrado*, Fortaleza, n.º. 13, 5 de outubro de 1924.

Revista *Ceará Ilustrado*, Fortaleza, n.º. 70, 8 de novembro de 1925

RIBEIRO, Regina. Urbanização causa preocupações. *O Povo*, Fortaleza, 9 de junho de 1991.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A Reinvenção das Cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos & VOGEL, Arno (Coord.). *Quando a Rua Vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São Paulo, Instituto Brasileiro de Administração Municipal/Centro de Pesquisas Urbanas/Projeto Editores, 1985.

SANTOS, João Bosco Feitosa dos; ARAGÃO, Elizabeth Fiúza; BEZERRA, Roselane Gomes. *O público e o privado: Universidade, cidadania e localismo em Fortaleza/Brasil*. Fortaleza: UECE, 2003.

SARASATE, Paulo. Encantos da velha Praia do Peixe são cousas do passado. *O Povo*, 06 de abril de 1946.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. *Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema*. Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, impresso, 2001.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SEQUEIRA, Gustave Matos. *A Fisionomia de Lisboa*. Lisboa, 1939.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Octávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

SILVA, Cristina Santos Silva. *Famílias de Alfama: dinâmicas e solidariedades familiares num bairro histórico de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

SHIELSD, R. *Places on the Margin*. Routledge: London, 1991.

SOM alto de pagode incomoda morador da Praia de Iracema. *O Povo*, 29 de maio de 1995.

TÚLIO, Demitri; ILO, Humberto. SOS Praia de Iracema. *O Povo*, Fortaleza, 26 de maio de 2003.

TURNER, Victor. *The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual*, Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1967.

VAINER, Carlos B. "Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano". In: Otilia Arantes; Carlos Vainer & Ermínia Maricato, *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELHO, Gilberto (org.) *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

VEREADOR Heitor Férrer denuncia falta de informação sobre impacto ambiental da obra. *Diário de Nordeste*, Fortaleza, 16 de maio de 1995.

W. SOJA, Edward. *Postmodern Geographies*. Londres: Verso, 1999.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Octávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

UMA NOVA investida do oceano contra a praia. *O Povo*, 27 de abril de 1946.

ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ZUKIN, Sharon. "Paisagens urbanas pós-modernas : mapeando cultura e poder". In: Antônio Arantes (org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

Figura 1 – Mapa do Estado do Ceará.

Fonte – <http://www.geografia.ufc.br/pagina09dg.htm>

Figura 2 – Mapa da Divisão Administrativa do Município de Fortaleza. Secretarias Executivas Regionais. Com destaque para o bairro Praia de Iracema.

Fonte – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE.

Figura 3 – Mapa com destaque para as fronteiras oficiais do bairro Praia de Iracema.

Fonte – IBGE.

Figura 4 – Mapa do Bairro Praia de Iracema com destaque para a área pesquisada.

Fonte – IBGE.

Figura 5 – Praia de Iracema, década de 1920. “Mulheres das famílias Caminha, Pompeu e Moreira Rocha”. Arquivo Gerard Boris. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006).

Figura 6 – Praia de Iracema, década de 1920. “Arisa Caminha e irmãs. Ao fundo, a Ponte Velha, atual Ponte dos Ingleses”. Arquivo Gerard Boris. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006).

Figura 7 – Praia de Iracema, década de 1930. *Bungalow* de frente para o mar. Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 8 – Praia de Iracema, 1920. Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 9 – Passeio pela praia e banhos de mar com as jangadas ao fundo. Arquivo Thomaz Pompeu Gomes de Matos. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006)

Figura 10 – Clube dos americanos, ou *United States Organization* atual Estoril. Arquivo Thomaz Pompeu Gomes de Matos. Fonte: Livro Ah, Fortaleza (2006)

Figura 11 – Praia de Iracema, década de 1940. *Bungalow* destruído em decorrência do avanço do mar. Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 12 – Praia de Iracema, década de 1980. A imagem apresenta dois prédios com mais de dez pavimentos, construídos à beira-mar no bairro Praia de Iracema, e a Ponte antes da reforma. Foto: Gilberto Simon.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=565695>

Figura 13 – Praia de Iracema, no ano de 1994. A imagem apresenta o calçadão construído e a Ponte dos Ingleses antes da reforma. Site sobre a cidade de Fortaleza nos anos 90.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=578700>

Figura 14 – Praia de Iracema, década de 1990. Cartão-Postal da Ponte dos Ingleses. Fonte: CHACON

Figura 15 – Praia de Iracema, década de 1990. Imagem do Estoril reformado, apresentada na Internet, como meio de divulgação turística do bairro. Foto: Alex Uchôa. Fonte: <http://www.citybrazil.com.br/ce/fortaleza/turismo.htm>.

Figura 16 – Rua dos Tabajaras a partir do final dos anos 90, imagem de casas residenciais que foram apropriadas por bares e restaurantes. Fonte: *Jornal O Povo* 23 de Agosto de 2002.

Figura 17 – Convite do aniversário de 10 anos do Cais Bar. Imagem do painel, criado por Valber Benevides, que retrata um bar imaginário chamado “Bar Luiz Assumpção” ocupado por artistas famosos da música popular brasileira/MPB, instado em uma das paredes do bar. Fonte: Convite.

Figura 18 – Mapa com destaque para locais situados nos setores estabelecidos na Lei Nº 7814 de 30 de Outubro de 1995. Fonte: IBGE/Desenho da autora.

Figura 19 – Imagem do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Imagem apresentada na Internet, como meio de divulgação turística do bairro. Foto: Alex Uchôa. Fonte: <http://www.citybrazil.com.br/ce/fortaleza/turismo.htm>.

Figura 20 – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. A imagem apresenta o conjunto do equipamento, inaugurado no final dos anos 90, incluindo a Biblioteca Pública Meneses Pimentel. Ao fundo à Ponte dos Ingleses. Foto: Gentil Barreira.

Figura 21 – Mapa com destaque para o local do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e dos equipamentos “requalificados” na Praia de Iracema. Fonte: IBGE/Desenho da autora.

Figuras 22 e 23 – Ponte dos Ingleses no final de tarde. Março de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

Figura 24 – Imagem do palco do forró do Pirata na segunda-feira. Maio de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

Figura 25 – Imagem da janela localizada na residência vizinha ao Pirata, denominada pelo proprietário do Pirata como “camarote vivo”. Maio de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

Figura 26 – Imagem de moradores do bairro no lançamento da campanha “Por amor a nossa Praia”. Julho de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.

Figura 27 – Imagem da manifestação denominada “Ato do buraco”. Agosto de 2005. Foto: Roselane Bezerra. Fonte: Arquivo da autora.